LUCAS VIEIRA DO AMARAL

TEXTOS DIDÁTICOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE PERNAMBUCO: POSSIBILIDADES, LIMITES E CONTRIBUIÇÕES

Recife, 2014

LUCAS VIEIRA DO AMARAL

TEXTOS DIDÁTICOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE PERNAMBUCO: POSSIBILIDADES, LIMITES E CONTRIBUIÇÕES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo

Recife, 2014

LUCAS VIEIRA DO AMARAL **TEXTOS DIDÁTICOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE PERNAMBUCO: POSSILIDADES, LIMITES E CONTRIBUIÇÕES.** DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação TEXTOS DIDÁTICOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE PERNAMBUCO: POSSIBILIDADES, LIMITES E CONTRIBUIÇÕES.

Elaborada por LUCAS VIEIRA DO AMARAL

Foi julgada pelos membros da Comissão Examinadora e aprovado para obtenção do grau de MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA na área de concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano.

Data: 27 de novembro de 2013.

_____

Prof. Dr. Raphael Ritti
Coordenador do Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof. Dra. Suraya Cristina Darido
UNESP/Rio Claro

_____

Prof. Dr. Marcílio Barbosa Mendonça de Souza Júnior
UPE/ESEF

_____

Prof. Dra. Adriana Letícia Torres da Rosa
UFPE

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Diná Vieira, por quem tenho muito apreço e amor, que mesmo diante de dificuldades de várias ordens nunca deixou de se preocupar com meus estudos, com a minha vida.

Ao meu amado pai, Vicente Eduardo, por suas palavras que tantas vezes incentivaram meus passos.

Ao meu irmão, Victor Vieira, nosso Sargento, amigo e companheiro de todos os momentos, sempre preocupado com minha vida acadêmica.

E àqueles que foram para as ruas (“porque a rua é a maior arquibancada do Brasil”) para materializar o que chamarei aqui de: “a Revolução dos 20 (vinte) centavos”.

AGRADECIMENTOS

Primordialmente a Deus, a quem devo tudo, por ter me dado vida, por consentir meu ingresso nesse curso de mestrado.

A minha mãe, pai, irmão, avós (*in memorian*) tios, tias, primos e primas por todo apoio, carinho, amor, compreensão e ajuda de todas as ordens que sempre me ofertaram.

Aos professores do curso de mestrado, especialmente ao professor Marcílio Souza Júnior e ao professor Marcelo Tavares, meu orientador, por sua atenção, paciência, coleguismo e responsabilidade com mais este estudo.

Aos professores da banca avaliadora, os quais contribuíram imensamente para a qualificação do presente texto. Agradeço todas as orientações, sugestões e discordâncias, pois foram de grande valia para a minha aprendizagem enquanto pesquisador.

Aos professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, sujeitos pesquisados, que contribuíram com muita seriedade e compromisso com o nosso trabalho. Porquanto todos foram de extrema importância para dar sentido a essa obra. Especialmente, agradeço ao “Professor 01” por todo apoio prestado e pelas aprendizagens compartilhadas durante o período das observações da sua prática pedagógica, ocasião que considerei como o momento mais rico, em termos de experiência, do curso do Mestrado.

Aos meus amigos e colegas de profissão, Rivaldo Arruda (Riva) e Robson Farias (Robgol), que, além de me acolherem em suas residências e me proporcionarem toda infraestrutura necessária durante a coleta de dados pelo interior do Estado de Pernambuco, me orientaram demograficamente nessa empreitada, sem os quais seguramente eu teria enfrentado dificuldades diversas.

Aos meus bons colegas de turma e amigos do curso de mestrado que fizeram parte da minha vida nesse período tão importante, especialmente ao meu companheiro de “Luta”, Flávio Roberto.

Aos meus colegas e amigos do Grupo Ethnós, figuras ilustres que marcaram minha vida acadêmica e que sempre me impulsionaram para reflexões importantes sobre o fazer pesquisa, sobre o campo da Educação Física.

À minha colega de trabalho do IFPE e amiga, a Professora Alexsandra Karla, que em muito me ajudou com as suas importantíssimas orientações e correções

textuais, bem como sempre se mostrou bastante preocupada com o desenvolvimento desta dissertação.

Aos meus dois grandes amigos e colegas de prática pedagógica no IFPE, o Professor Renato Barbosa e a Professora Iunaly Sumaia, companheiros de todas as horas, que assumiram parte das minhas responsabilidades na nossa instituição de ensino durante esse período de estudos.

Aos nossos colegas e amigos, estagiários de Educação Física do IFPE, Wyron Thales, Aline Barbosa, Danylo Maciel e Luvanor Santana, que sempre me ajudaram nos momentos de sufoco.

Aproveito também para agradecer à gestão do IFPE (*campus* Vitória de Santo Antão), aos demais colegas professores e técnicos administrativos por compreenderem a necessidade da minha ausência para concluir esse curso.

E, por fim, agradeço aos meus dois amigos de longas datas, Ewerton Nascimento (Mago) e Rafael Pompílio (Pelom), que me acompanharam nessa caminhada de estudos, contribuindo com as suas cômicas reflexões sobre a vida.

A todos, muito obrigado!

“Pensar em argumentação é pensar em ideias. Pensar em ideias é pensar em conceitos. Pensar em conceitos é pensar em educação, em ensino. Pensar em ensino é pensar em texto didático”.
(AZEVEDO, 2000)

RESUMO

Desde maio de 2008, a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEDUC-PE), junto ao Grupo de Estudos Etnográficos de Educação Física e Esporte (ETHNÓS) da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco (ESEF/UPE), vem desenvolvendo um programa de formação continuada com os seus professores de Educação Física. Durante esse programa, tais professores foram instrumentalizados teórico-metodologicamente sobre várias temáticas, dentre elas a *Orientação para texto didático*. Contudo, não se sabia como esses sujeitos vivenciavam a dinâmica de elaboração e utilização de textos didáticos e quais as implicações na prática pedagógica. Diante desse contexto, a presente pesquisa objetivou analisar o entendimento de professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco acerca de texto didático e o seu processo de elaboração e utilização na prática pedagógica. Especificamente, objetivamos compreender quais eram as possibilidades, os limites e as contribuições percebidas por esses sujeitos no que diz respeito à elaboração e utilização de textos didáticos na prática pedagógica. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa (NEVES, 1996) que adentrou em campo na fase de coleta de dados. As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram: o questionário com perguntas fechadas (GIL, 1999), a entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 1987) e a observação livre (TRIVIÑOS, 1987). Na etapa de análise dos dados, nos utilizamos da técnica de análise de conteúdo categorial temática (BARDIN, 2011). Concluímos que o texto didático é entendido como mais um instrumento de apoio à prática pedagógica, de uso do professor e do estudante, que através da linguagem escrita contribui para a dinamização e qualificação do processo de ensino e de aprendizagem dos diversos conteúdos da Educação Física. E que o seu processo de elaboração e utilização se mostra como uma atividade docente que enfrenta algumas limitações encontradas no contexto escolar, mas apresenta uma série de possibilidades de materialização e contribuições para a prática pedagógica.

Palavras-chave: prática pedagógica, educação física escolar, texto didático.

ABSTRACT

Since May 2008, the Department of Education of the State of Pernambuco (SEDUC-PE), with the Group of Ethnographic Studies of Physical Education and Sport (ETHNOS) of the School of Physical Education, University of Pernambuco (ESEF/UPE), comes developing a continuing education program with their Physical Education teachers. During this program, these teachers were exploited on various theoretical and methodological issues, among them the orientation textbook. However, it was not known how these subjects experienced the dynamics of development and use of textbooks and what the implications for pedagogical practice. In this context, the present study aimed to analyze the understanding of physical education teachers from State Schools of Pernambuco about textbook and its process of preparation and use in teaching practice. Specifically, we aim to understand what were the possibilities, limits and contributions perceived by these subjects in relation to the preparation and use of textbooks in teaching practice. From the methodological point of view , this is a qualitative study (NEVES, 1996), who entered the field during data collection. The techniques used for data collection were the questionnaire with closed questions (GIL, 1999), a semi-structured interview (TRIVIÑOS, 1987) and observation (TRIVIÑOS, 1987). In the stage of data analysis, we use the technique of content analysis categories and themes (BARDIN, 2011). We conclude that the textbook is understood as an additional tool to support teaching practice, use of teacher and student, using written language that contributes to the promotion and qualification of the teaching and learning of the various contents of Physical Education. And the drafting process and use it as a teaching activity shows that faces some limitations found in the school, but has a lot of possibilities of materialization and contributions to educational practice.

Keywords: teaching practice, physical education, textbook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Mapa de divisão das GRE do Estado de Pernambuco

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Síntese conceitual sobre texto, texto didático, livro e livro didático.
Quadro 02– Distribuição dos municípios de Pernambuco por GRE.
Quadro 03– Lista de periódicos que subsidiaram a revisão de literatura.
Quadro 04 – Relação dos questionários coletados por GRE.
Quadro 05 – Quantitativo de professores incluídos na pesquisa após a 1º fase de coleta de dados.
Quadro 06 – Roteiro didático para análise de conteúdo proposto por Souza Júnior, Melo e Santiago (2010).
Quadro 07 – Indicadores para a análise de conteúdo.
Quadro 08 – Identificação das unidades de registro e contexto.
Quadro 09 - Possibilidades identificadas quanto à elaboração de textos didáticos.
Quadro 10 - Limites identificados quanto à elaboração de textos didáticos.
Quadro 11 – Contribuições identificadas quanto à elaboração de textos didáticos.
Quadro 12 - Possibilidades identificadas quanto à utilização de textos didáticos.
Quadro 13 - Limites identificados quanto à utilização de textos didáticos.
Quadro 14 - Contribuições identificadas quanto à utilização de textos didáticos.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

EREM - Escolas de Referência em Ensino Médio

ESEF - Escola Superior de Educação Física

ETHNÓS - Grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esporte

GRE - Gerências Regionais de Educação

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

IES - Instituições de Ensino Superior

IFPE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

INL - Instituto Nacional do Livro

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

JECs- Jogos Esportivos Coletivos

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

NUTESES - Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em Educação Física, Esportes, Educação e Educação Especial

OTM - Orientações Teórico-Metodológicas

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

SEDUC-PE - Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco

SIB - Sistema Integrado de Bibliotecas

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UEM - Universidade Estadual do Maringá-PR

UFPB – Universidade Federal de Paraíba

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

UPE - Universidade de Pernambuco

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	15
2. INICIANDO O DIÁLOGO.....	20
2.1 Texto, texto didático, livro e livro didático.....	20
2.2 A relação entre o texto didático e a Educação Física: contexto histórico e contribuições para a prática pedagógica.....	27
2.3 A Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, a formação continuada dos seus professores de Educação Física e as orientações para texto didático.....	39
3. A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA.....	46
3.1 O método.....	46
3.2 Construindo o referencial teórico.....	47
3.3 Passos metodológicos da pesquisa: a coleta de dados.....	51
3.4 Análise dos dados.....	55
4. TEXTOS DIDÁTICOS: o contexto dos professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.....	60
4.1 Uma análise sobre os textos didáticos.....	60
4.2 O entendimento sobre textos didáticos.....	64
4.3 A elaboração dos textos didáticos.....	67
4.4 A utilização dos textos didáticos.....	82
4.5 A utilização do texto didático na prática pedagógica.....	93
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICES.....	
A. Questionário.....	109
B. Roteiro de entrevista.....	110
C. Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE.....	111
D. Roteiro de observação.....	113
E. Quadros de análise.....	114
ANEXOS.....	
A. Texto didático sobre ginástica acrobática.....	116
B. Orientação para texto didático.....	121

C. Texto didático sobre capoeira.....	124
D. Parecer do comitê de ética.....	132
E. Texto didático do professor 01.....	136
F. Texto didático do professor 02.....	139
G. Texto didático do professor 03.....	141
H. Texto didático do professor 04.....	145
I. Texto didático usado pelo professor 01 durante as observações.....	147
J. Calendário escolar 2013.....	156
L. Avaliação escrita.....	158
M. Simulado do 1º ano – unidade III.....	159
N. Calendário das avaliações da unidade III.....	160

1. APRESENTAÇÃO

A nossa relação com os textos didáticos é constituída por uma série de fatos que compõem uma pequena história. O nosso contato inicial com o tema se deu no segundo semestre de 2007, durante a disciplina *Fundamentos Teórico-Metodológicos da Educação Física na Educação Infantil e Ensino Fundamental I Segmento*, ofertada no 4º período do curso de graduação em Licenciatura em Educação Física, na Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco (ESEF/UPE).

Durante essa disciplina, tivemos a oportunidade de nos aproximar do assunto dos textos didáticos e de percebê-los como uma possibilidade de recurso material com grande potencial para qualificar a prática pedagógica do professor de Educação Física. A partir desse contato, fomos instruídos e instigados a vivenciar o seu processo de elaboração, o que resultou em quatro produções: *1) Esporte: Fundamentos gestuais do futebol; 2) Lutas: O judô e suas técnicas de queda; 3) Ginástica acrobática; 4) Dança axé: passos e coreografia.* No ANEXO A, trazemos um exemplar do texto didático sobre ginástica acrobática, sendo essa a produção de nossa autoria.

Ao elaborar esse primeiro texto didático, percebemos que a sua construção é uma tarefa que demanda, minimamente, tempo e pesquisa por parte do professor, bem como contribui para a ampliação do seu repertório de conhecimentos sobre determinado conteúdo de ensino. Então, a partir dessa experiência inicial, o interesse pelo tema passou a existir.

No primeiro semestre de 2009, período de conclusão do curso de graduação, motivados pela experiência exitosa com os textos didáticos no 4º período do curso, elaboramos o nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre esse tema, especificamente realizamos uma análise sobre o conteúdo do primeiro livro didático público de Educação Física do Brasil (PARANÁ, 2007).

Ainda em 2009, juntamente com coordenadores e membros do Grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esporte (ETHNÓS) da ESEF/UPE, participamos da elaboração da *Orientação para texto didático* (ANEXO B) que objetivou, por meio de um programa de formação continuada, subsidiar os professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco quanto à construção de textos didáticos.

Esse documento define texto didático com base na sua função social, pois o compreende como um instrumento de apoio à prática pedagógica, de uso do professor e do estudante, que através da linguagem escrita permite uma interação entre o conhecimento e os sujeitos da educação. Em síntese, afirma que o texto didático é um recurso material que pode contribuir para dinamizar o ensinar e o aprender, sua função é estabelecer um elo entre professores e alunos na construção do conhecimento.

É preciso destacar que o campo da Educação Física pouco dispõe de estudos sobre texto didático. Por outro lado, a área da Linguística apresenta uma considerável produção a seu respeito. Assim, tivemos que nos aproximar das publicações da área da Linguística para que pudéssemos qualificar o nosso estudo e aclarar as nossas idéias.

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, nos aproximamos, sobretudo, da concepção de texto didático expressa na *Orientação para texto didático* da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, a qual foi mencionada anteriormente e que não se distancia da concepção dos estudiosos da Linguística. Não se trata de desconsiderar o conhecimento acumulado e produzido por essa área, mas de ser fiel ao entendimento de texto didático que, inclusive, inspirou este estudo.

Mais adiante, um fato marcante nessa nossa relação com os textos didáticos foi a vivência da sua elaboração e utilização na prática pedagógica. Em 2010, como professor efetivo, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), *campus* Vitória de Santo Antão, nos deparamos com a falta de recursos materiais de cunho bibliográfico, tanto do ponto vista docente quanto discente, e constatamos a necessidade de nos apropriarmos de uma gama de conhecimentos gerais e específicos da Educação Física no âmbito escolar, tais quais: o jogo, a luta, a dança, a ginástica e o esporte. Por compreendermos a possível contribuição do texto didático para a prática pedagógica, nos inserimos no seu processo de elaboração afim de ampliar o nosso repertório de saberes referentes aos conteúdos de ensino, como também construir um material bibliográfico de apoio para os alunos e alunas, através do qual eles pudessem se subsidiar durante o processo de ensino-aprendizagem do conhecimento tratado.

Então, de 2010 até o presente ano (2013), elaboramos e utilizamos, durante a prática pedagógica no IFPE, textos didáticos dos diversos conteúdos de ensino da Educação Física: *1) Basquete; 2) Handebol; 3) Ginástica na perspectiva da Saúde;*

4) Ginástica de Academia, 5) Ginástica Laboral; 6) Xadrez; 7) Capoeira (ANEXO C) etc.

Em 2011, ao final do curso de Especialização em Educação Física Escolar, promovido pelo Programa de Pós-graduação (*Lato Sensu*) da ESEF/UPE, também construímos o nosso TCC sobre textos didáticos, o qual foi intitulado: *Textos didáticos no ensino da Educação Física: qualificando a prática pedagógica*. O referido TCC objetivou investigar, através de uma pesquisa bibliográfica, como se apresentava o contexto dos recursos bibliográficos na Educação Física, em específico os textos didáticos. Bem como se propôs a descrever uma sugestão de construção e utilização de textos didáticos como uma alternativa de qualificação do processo de ensino e de aprendizagem.

E, em 2012, ao ingressar no curso de mestrado, oferecido pelo Programa Associado de Pós-graduação (*Strictu Sensu*) em Educação Física UPE/UFPB, novamente nos propusemos a investigar a temática dos textos didáticos, dessa vez, realizando um estudo de campo para encontrar respostas para a seguinte lacuna: Como professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco entendem e vivenciam a elaboração e a utilização de textos didáticos na prática pedagógica?[1]

Pois, embora se tivesse ciência de que esses docentes foram orientados teórico-metodologicamente sobre textos didáticos, por meio do programa de formação continuada, desconhecia-se se e como essa dinâmica acontecia no dia a dia, no chão da escola, uma vez que sabemos que muitos professores de Educação Física, em geral, encontram limitações para desenvolver a sua prática pedagógica. De acordo com o estudo de Gaspari *et al*. (2006), essas

> dificuldades estão relacionadas às condições de trabalho (falta de infra-estrutura e material didático, baixo status da disciplina), além de problemas relacionados aos alunos, sobretudo à questão de limites/indisciplina. (p. 109)

Como também, vale destacar que, segundo Darido *et al*. (2010), “[...] nem todo conhecimento adquirido pelo professor no seu período de formação é colocado em prática devido às limitações do contexto” (p. 455). Assim, é sabido que as

[1]Juntamente com Souza Júnior, Melo e Santiago (2010), entendemos que “[...] um conflito percebido na experiência prática, inclusive pessoal, pode se configurar num problema de investigação, mas não pode se confundir com esta, pois precisa amadurecer e enfrentar delimitações e recortes”. (p. 33)

condições do contexto do trabalho[2] podem limitar a aplicação e o avanço das propostas pedagógicas, nesse caso aquelas oriundas da formação continuada.

Por outro lado, a perspectiva Crítico-Superadora em Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 2012), a qual permeia o programa de formação continuada dos professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco,

> [...] reconhece que muitos professores, na realidade nacional, ainda que estejam sufocados pelas limitações materiais da escola, pelos baixos salários, pela desvalorização de sua própria profissão e de seu trabalho, estão sempre esperançosos em transformar sua prática [...]. (PERNAMBUCO, 2010, p. 11)

Diante do exposto, a presente pesquisa objetivou analisar o entendimento de professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco acerca de texto didático[3] e seu processo de elaboração e utilização na prática pedagógica. E, como objetivo específico, pretendeu:

a) Identificar as possibilidades, os limites e as contribuições percebidas por professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco quanto à elaboração e à utilização de textos didáticos.

Pois, concordamos com Darido *et al*. (2010), ao dizer que

> [...] é fundamental valorizar e conhecer as limitações e possibilidades que caracterizam o contexto do ensino-aprendizagem da disciplina de Educação Física na escola, de tal modo que seja possível construir e implementar uma intervenção significativa e de qualidade, a partir da realidade do professor. (p. 456)

Compreendemos que investigar o processo de elaboração e utilização de textos didáticos na prática pedagógica do professor de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, além de apontar indicadores da realidade concreta desses sujeitos para que possamos compreender quais são os caminhos a serem percorridos para a sua qualificação, colabora com a ampliação dos estudos sobre o tema, os quais ainda são reduzidos.

Do ponto de vista da caracterização metodológica, esta pesquisa se aproxima de um estudo de abordagem qualitativa (NEVES, 1996). Teve inserção em campo na etapa de coleta de dados e, na fase de análise de dados, se utilizou da técnica de análise de conteúdo categorial temática (BARDIN, 2011), com base no roteiro

---

[2]Rodrigues (2009) afirma que “[...] a complexidade da realidade escolar exige alternativas que nem sempre são aquelas consideradas ideais”. (p. 130)

[3]Destacamos que, nessa pesquisa, focamos os textos didáticos escritos, tendo em vista que existem outras formas de texto, como por exemplo: os textos orais. (MARCUSCHI, 2008)

didático para o tratamento dos dados proposto por Souza Júnior, Melo e Santiago (2010). Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: questionário com perguntas fechadas (GIL, 1999), entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 1987) e a observação livre (TRIVIÑOS, 1987). É importante destacar que esta pesquisa foi submetida à avaliação do Comitê de Ética da UPE e recebeu o parecer de aprovação (nº do parecer: 148.191), conforme mostra o ANEXO D.

No primeiro momento dessa obra, apresentamos o referencial teórico que respaldou as nossas discussões. Expomos, então, uma abordagem conceitual sobre texto, texto didático, livro e livro didático à luz dos estudos da área da Linguística. Logo após, discutimos a relação da Educação Física com os textos didáticos, no que diz respeito ao contexto histórico e as suas contribuições para a prática pedagógica do professor. Por fim, dissertamos sobre a Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, o programa de formação continuada dos seus professores de Educação Física e a orientação para texto didático.

No segundo momento, revelamos as opções metodológicas tomadas para estruturar esta pesquisa. Desse modo, apresentamos os passos percorridos durante a pesquisa bibliográfica (construção do referencial teórico); descrevemos as ações metodológicas realizadas durante a pesquisa de campo (especificamente a coleta de dados) e a análise dos dados.

No terceiro momento, realizamos um confronto entre os conhecimentos trazidos pelo referencial teórico e os achados no campo, o que permitiu apresentar uma análise sobre o entendimento de professores de Educação Física da Rede estadual de Ensino de Pernambuco acerca de textos didáticos e o seu processo de elaboração e utilização na prática pedagógica. Por fim, realizamos as nossas considerações finais sobre o tema.

2. INICIANDO O DIÁLOGO

Embora este estudo esteja inserido no campo da Educação Física, especificamente na linha de pesquisa de prática pedagógica e formação profissional, por vezes transitamos pela área da Linguística, a qual foi de importância sinequa non na qualificação deste trabalho acadêmico.

2.1Texto, texto didático, livro e livro didático

Texto, texto didático, livro e livro didático à primeira vista parecem ser objetos bastante simples de se definir.

O senso comum nos diria que texto é um simples conjunto de palavras escritas em determinado local, seja este uma folha, uma parede, um *outdoor* etc. E que esse texto é capaz de nos informar sobre algo.

É evidente que essa descrição simplória sobre o que seria texto já nos dá uma série de pistas sobre o seu conceito. Contudo, é preciso ultrapassar o senso comum e investigar o que os estudiosos no assunto discutem sobre esse tema. Para tanto, lançamos mão de autores da área da Linguística.E quando adentramos nesse campo, percebemos que o seu entendimento perpassa por uma série de discussões interessantes, antes despercebidas por nós, como, por exemplo: a linguagem como forma de interação social.

De acordo com Bakhtin[4] (2003),

> Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (p. 261)

Como se percebe na citação acima, a linguagem desempenha um papel fundamental na comunicação entre os sujeitos. Entretanto, Marcuschi (2008) alerta que “[...] a comunicação linguística (e a produção discursiva em geral) não se dá em unidades isoladas, tais como fonemas, morfemas ou palavras soltas, mas sim em maiores, ou seja, por textos” (p. 71).

---

[4] De acordo com Marcuschi (2008), “Bakhtin representa uma espécie de bom-senso teórico em relação à concepção de linguagem” (p. 152).

Segundo Almeida (2009), “estudiosos da Linguística Textual vêm, ao longo das últimas décadas, especificamente a partir dos meados da década de 1970 do século passado, discutindo as concepções de texto [...]” (p. 40).

Marcuschi (2008), discorrendo sobre a noção de texto, relata que se trata de uma “[...] entidade comunicativa que forma uma unidade de sentido [...] (p. 72)”, ele “[...] não é simplesmente um artefato linguístico, mas um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos” (pp. 75-76).

Diante do exposto, compreendemos que texto é um elemento de interação, presente nas relações humanas, que expressa um sentido e que pode se materializar de forma oral ou escrita.

E o que seria, então, texto didático? Seria um tipo de texto? Mas, o que se entende por “um tipo textual”? Conforme Marcuschi (2008), os tipos textuais abrangem categorias como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

Afirmamos que o texto didático é um gênero textual[5] e não um tipo textual. Conforme Marcuschi (2008), ancorado na Teoria dos Gêneros do Discurso de Bakhtin, os gêneros textuais são os textos

> [...] materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (p. 155)

É importante frisar que, apesar dos gêneros textuais apresentarem uma forma, uma função, um estilo e um conteúdo, a sua caracterização se dá muito mais pela sua função do que pela forma. (MARCUSCHI, 2008)

Marcuschi (2008) expõe que o gênero textual e o tipo textual são fenômenos que se inter-relacionam. De acordo com o autor

> “[...] não há uma dicotomia entre gênero e tipo. Trata-se duma relação de complementaridade. Ambos coexistem e não são dicotômicos. Todos os textos realizam um gênero e todos os gêneros realizam sequencias tipológicas diversificadas. Por isso mesmo, os gêneros são em geral tipologicamente heterogêneos”. (p. 161)

---

[5] Segundo Marcuschi (2008), alguns exemplos de gêneros textuais seriam: “telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante”. (p. 155)

Esse mesmo autor dá um bom exemplo para que possamos entender essa relação de complementaridade, descrita na citação acima, entre gênero textual e tipo textual:

> Torne-se o caso do *telefonema*. Como gênero textual, trata-se de um evento falado muito claro e definido em suas rotinas, identificável pela maioria dos indivíduos que vivem em culturas em que telefonar é uma prática usual. Caracteriza-se como um diálogo mediado pelo telefonema, sem a presença física dos falantes. Contudo, do ponto de vista do tipo textual, um telefonema pode envolver argumentações, narrativas e descrições, ou seja, ele é heterogêneo. (MARCUSCHI, 2008, p. 161)

Então, entendemos que um gênero textual pode ser elaborado por meio de diversos tipos textuais, ou seja, pode conter: argumentações, narrativas, descrições etc. Mas, como chegamos à conclusão de que o texto didático é um gênero textual, se nem o próprio Marcuschi faz essa afirmação com todas as letras?

É com base no próprio Marcuschi (2008) que responderemos a essa pergunta, pois através de sua obra podemos compreender como se chegar à denominação dos gêneros textuais. De acordo com o autor

> Com certeza, as designações que usamos para os gêneros não são uma invenção pessoal, mas uma denominação histórica e socialmente constituída. E cada um de nós já devemos ter notado como costumamos com alta frequência designar o gênero que produzimos. Possuímos, para tanto, uma metalinguagem riquíssima, intuitivamente utilizada e, no geral, confiável. Contudo, é difícil determinar o nome de cada gênero de texto. (p. 163)

Geralmente, damos nomes aos gêneros textuais usando um dos critérios a seguir: 1) forma estrutural; 2) propósito comunicativo; 3) conteúdo; 4) meio de transmissão; 5) papéis dos interlocutores; 6) contexto situacional. (MARCUSCHI, 2008)

De acordo com Marcuschi (2008), na determinação interpretativa do gênero, ou seja, para que possamos interpretar o gênero textual o nomear coerentemente, precisamos compreender que nesse procedimento impera o predomínio da função sobre a forma.

Então, afirmamos que o texto didático representa um gênero textual por seu propósito comunicativo (ensino-aprendizagem), por seu conteúdo (saberes gerais e/ou específicos de determinada área) e pelo contexto em que se materializa (situações didáticas entre professores e alunos).

Na área da Linguística existem muitos conceitos para texto didático. De acordo com Azevedo (2000), alguns linguistas caracterizam o texto didático enquanto um “[...] texto destinado a um público determinado: a clientela escolar –

com o objetivo de tratar sistematizadamente o conhecimento e com a finalidade específica de ser utilizado numa situação didática". (p. 53)

Segundo Fontana (2006),

> [...] o texto didático pode ser entendido como a concretização de uma necessidade comunicativa de ensinar em ambientes educacionais institucionalizados, inserido no domínio social da transmissão e construção de saberes, sendo compatível com a modalidade discursiva do expor, e realizando-se por meio de vários gêneros para ensinar, entre os quais: a exposição didática oral e escrita, o questionamento/a problematização, o enunciado de instrução/questão de atividade ou prova, a explicação, a atividade didática, o jogo, a prova, o feedback do(a) professor(a), entre outras possibilidades. (p. 2393)

Fiorin e Savioli (2006) afirmam que "texto didático é aquele que explicitamente visa a instruir, que tem finalidades pedagógicas, que está relacionado ao ensino das ciências, das artes, das técnicas, etc." (p. 406). Nessa ótica, o texto didático é um gênero que pode estar presente no ensino de todos os componentes curriculares.

Para Almeida (2009) os textos didáticos são aqueles textos escritos "[...] cuja natureza, cuja finalidade essencial é o ato de ensinar". (p. 40)

Poderíamos citar vários outros autores e seus conceitos para texto didático e perceberíamos que todos eles convergem para a mesma afirmação: o texto didático está marcado pela sua função social, o ensino.

Contudo, levantamos a seguinte questão: e os textos que não foram elaborados com pressupostos didáticos poderiam ser utilizados para esse fim? Ou seja, aqueles que não foram concebidos para a finalidade do ensino, como, por exemplo, revistas, jornais, artigos científicos etc.

Quanto a isso, Fontana (2006) retrata que "um texto originalmente produzido sob determinadas condições, com propósito que não o de ensinar, passa a ser explorado para fins de ensino" (p. 2393). E cita como exemplos:

> verbetes de dicionário e artigos de enciclopédia, cujo propósito primeiro é informar, mas que, se levados à sala de aula, podem assumir outros propósitos e prestarem-se para uma exploração didática. (p. 2393)

Segundo o supracitado autor, o que permite que um texto não didático se transforme em um texto didático é a transposição didática[6].

A abordagem da transposição didática aparece na França a partir de estudos didaticistas e encontra o seu entendimento em 1975, com o sociólogo Michel Verret.

---

[6] Complementando o entendimento do conceito de transposição didática, Fontana (2006), em poucas linhas, diz que é "um processo necessário, que transforma o texto-fonte (oral ou escrito) em texto didático" (p. 2393).

Trata-se da transformação do conhecimento científico exterior à escola em saber escolar. (SOUZA JÚNIOR, 2007)

De acordo com o estudo de Batista, Rojo e Zúñiga (2008), entende-se que transposição didática é o modo pelo qual se torna determinando conteúdo assimilável para outrem.

Fontana (2006) explica que a transposição didática "corresponde às operações de transformação de um objeto de estudo, geralmente de natureza científica, em um objeto de ensino" (p. 2393). O autor também nos chama atenção de que a transposição didática:

> é um processo bastante complexo, que exige do(a) professor(a) várias competências. De acordo com Santos, Pereira e Azevedo (2001), requer-se do(a) docente, no mínimo, as seguintes: (a) selecionar do conhecimento disponível os aspectos pertinentes para o ensino; (b) contextualizar o tópico selecionado e adequá-lo aos objetivos de ensino; (c) sistematizar e tornar acessível esse conhecimento aos aprendizes, por meio de operações de linguagem; (d) planejar e avaliar formas de disponibilizar esse conhecimento selecionado aos/às aprendizes. (p. 2393)

Compreendemos, então, que o professor, responsável pela condução do processo de aprendizagem discente, é o autor principal na difícil, necessária e importante busca, seleção, reelaboração, adaptação e utilização de textos didáticos na escola.

Outra questão interessante sobre a concepção de texto didático diz respeito à classificação que Silva *et al.* (2007) fazem sobre eles: textos didáticos e textos didatizados.

De acordo com os autores acima, os textos considerados como didáticos são aqueles "[...] presentes no livro adotado ou consultado pelo professor, ou seja, aqueles que, mesmo não sendo originariamente escritos com fins pedagógicos, já passaram pelo processo de didatização ao serem selecionados para o manual [...]" (p. 32). E os didatizados, por sua vez, são "[...] aqueles selecionados pelo professor para serem levados para a sala de aula e didatizados pela primeira vez com sua proposta de trabalho" (p. 32).

No entanto, Silva *et al.* (2007) verificaram que o processo de didatização de textos ocorre em dois níveis:

O primeiro é o encontrado no livro didático, é quando o "[...] autor do manual seleciona os textos que, no geral, não foram escritos visando ao ensino e elabora um trabalho sobre eles" (p. 32).

Já o segundo "[...] é aquele em que o educador pode instruir-se como sujeito do processo, pesquisando textos em diversas fontes e trazendo-os para a sala de aula, com a sua proposta de trabalho" (p. 32). Contudo, Silva *et al.* (2007, p. 32) percebem que nesse momento ocorrem três maneiras diferentes de manusear esse material:

> a primeira, quando o professor, no momento da pesquisa, se restringe a consultar outros manuais e deles retira seu material de aula, sem uma elaboração própria. Apesar do recorte, a didatização de textos ainda se aproxima do primeiro nível;
> a segunda, quando o professor consulta vários livros didáticos, seleciona um texto e elabora seu próprio trabalho. Aqui a didatização se aproxima do segundo nível;
> a terceira, quando o educador pesquisa diretamente em jornais, revistas, livros, e, com o que considera adequado, elabora ele mesmo o seu trabalho. Com essa postura, ele se instaura como sujeito do processo de didatização. Nesse momento, tem-se o segundo nível propriamente dito.

Assim, diante dos conceitos trazidos por Silva *et al.* (2007), entendemos que existem, pelo menos, 03 (três) perspectivas de textos didáticos: 1) os textos didáticos presentes nos livros didáticos; 2) os textos que, ao passarem por um processo de transposição didática, são utilizados didaticamente; 3) os textos didatizados, ou seja, aqueles que foram elaborados pelo próprio docente para serem utilizados na sua prática pedagógica.

Compreendemos que a perspectiva dos textos didatizados podem apresentar saltos qualitativos frente às outras duas concepções de textos didáticos quanto à autonomia docente, pois é nela que o professor se configura como sujeito do processo, pesquisando, estudando e elaborando os textos didáticos de acordo com a realidade da sua prática pedagógica.

Contudo, compreendemos por texto didático: todo e qualquer texto, presente ou não no livro didático, elaborado ou não pelo professor, utilizado na prática pedagógica para auxiliar o ensinar e o aprender.

E quanto ao livro? O que seria?

O livro é um suporte[7] de gênero textual. Segundo Marcuschi (2008), o suporte "[...] é imprescindível para que o gênero circule na sociedade [...]" (p. 174). Para o autor, um suporte de um gênero é

> um lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. (p. 174)

[7] Para Marcuschi (2008), "o suporte firma ou apresenta o texto para que se torne acessível de certo modo". (p. 176)

Almeida (2009) aponta que

> A história dos suportes que a humanidade desenvolveu para registrar suas idéias, seus pensamentos, seus achados, parece se confundir com a própria história da escrita. Estudos amplamente divulgados em obras literárias, enciclopédias e outros meios relatam que nos escritos registrados em placas de argila, nos papiros, nos pergaminhos, nos códices e nos escritos realizados a partir da criação da imprensa, o homem sempre teve a preocupação de escrever textos, seja de natureza cientifica, seja de natureza religiosa. (p. 40)

De acordo com Marcuschi (2008), os suportes podem ser classificados em dois tipos, a seguir:

a) convencional: os que foram elaborados tendo em vista a sua função de portarem ou fixarem textos, como, por exemplo: o livro, o jornal (diário), a revista (semanal/mensal), a revista científica (boletins e anais), o rádio, a televisão, o telefone, o quadro de avisos, o *outdoor*, o encarte, o *folder*, as faixas etc.

b) incidental[8]: os que operam como suportes ocasionais ou eventuais, os quais apresentam uma possibilidade ilimitada de realizações na relação com os textos escritos, como, por exemplo: o corpo humano, os troncos das árvores, a embalagem, os para-choques e para-lamas de caminhão, as roupas, as paredes, os muros, as paradas de ônibus, as estações de metrô, as calçadas, as fachadas, as janelas de ônibus (meios de transporte em geral etc.).

Para Marcuschi (2008), o livro é

> [...] um suporte maleável, mas com formatos definidos pela própria condição em que se apresenta (capa, páginas, encadernação etc.). O livro comporta os mais diversos gêneros que se queira. Contudo, podemos ter um livro que ao mesmo tempo realiza apenas um gênero, como no caso do *romance* ou da *tese de doutorado*. (p. 178)

Então, percebemos que o livro, sobretudo, é um suporte convencional de gênero textual. Caracteriza-se como um objeto de forma específica, bastante antigo na história da humanidade, capaz de registrar e mostrar textos para outrem.

E o livro didático?

O livro didático integra a cultura escolar brasileira (VAL e MARCUSCHI, 2008). Almeida (2009) corrobora nesse sentido ao afirmar que o livro didático é um "[...] instrumento de fundamental importância quando se trata da educação escolar, presente na história da nossa educação, há pelo menos dois séculos" (p. 42).

Marcuschi (2008) defende a posição de que o livro didático é um suporte e não um gênero textual, pois segundo o autor, o livro didático contém textos dos mais

---

[8] Conforme Marcuschi (2008), "em princípio, toda superfície física pode, em alguma circunstância, funcionar como suporte". (p. 177)

variados gêneros, como por exemplo: contos, poemas, tirinhas de jornal, notícias jornalísticas, adivinhas, atas, cartas pessoais, sumário, expediente da editora, ficha catalográfica, exercícios, bibliografia, como também muitos gêneros da esfera do discurso pedagógico, tal como a explicação textual, os exercícios escolares, a redação, instruções para produção textual.

Batista e Rojo (2008), discorrendo sobre um conceito para livro didático, afirmam que se trata de um tipo de livro escolar[9], produzido

> [...] com o objetivo de auxiliar no ensino de determinada disciplina, por meio da apresentação de um conjunto extenso de conteúdos do currículo, de acordo com uma progressão, sob a forma de unidades ou lições, e por meio de uma organização que favorece tanto usos coletivos (em sala de aula), quanto individuais (em casa ou em sala de aula). (p. 15)

Neste estudo, adotamos o posicionamento de Almeida (2009) a respeito da compreensão sobre livro didático impresso, o qual o descreve como um suporte privilegiado de textos didáticos.

Por fim, elaboramos o Quadro 01, em que expomos uma síntese conceitual sobre os objetos discutidos aqui.

Objeto	Conceito
Texto	Elemento de interação, presente nas relações humanas, que expressa um sentido e que pode se materializar de forma oral e escrita.
Texto didático	Gênero textual que desempenha a função social do ensino. Podendo ser elaborado ou não pelo professor, presente ou não no livro didático.
Livro	Suporte convencional de gêneros textuais. Caracteriza-se como um objeto de forma específica; bastante antigo na história da humanidade, capaz de registrar e mostrar textos para outrem.
Livro didático	Suporte privilegiado de textos didáticos.

Quadro 01 – Síntese conceitual sobre texto, texto didático, livro e livro didático.

A seguir, discutiremos como os textos didáticos se mostram na área da Educação Física, tanto do ponto de vista histórico quanto das suas contribuições para a prática pedagógica.

2.2 A relação entre o texto didático e a Educação Física: contexto histórico e contribuições para a prática pedagógica

Os estudos da área da Educação Física que discorrem sobre texto didático ainda representam um número bastante reduzido. No entanto, as poucas

[9] Batista e Rojo (2008) entendem livro escolar como "[...] o material impresso (no suporte livro ou em outros suportes) produzido para servir a processos de ensino-aprendizagem na educação básica (isto é, na educação infantil, fundamental e médio) [...]" (p. 15). Tal concepção está vinculada a sua função no processo de ensino-aprendizagem.

publicações encontradas em muito nos ajudaram a compreender a relação entre o texto didático e a Educação Física. Destacamos a dissertação de mestrado de Carmo (1999) e a de Rodrigues (2009) como duas interessantes obras que abordam o assunto.

O estudo de Carmo (1999) representa a obra mais antiga que encontramos a respeito do livro didático na área da Educação Física. Esse autor, por meio de uma de suas pesquisas (de iniciação científica[10]), percebeu que no ensino do futebol, especificamente, os materiais didáticos utilizados frequentemente eram a bola, os cones, as barras, as cordas, os colchões, os bastões entre outros. Assim, notou que os professores deixavam à margem do processo outros interessantes como fotografias, desenhos, trabalhos impressos, livros, vídeos, músicas entre outros. Após essa constatação, elaborou, junto aos seus alunos, um protótipo de livro didático para o ensino do futebol e estudou as suas implicações para a prática pedagógica.

Já Rodrigues (2009), construiu um livro didático de basquetebol para o Ensino Fundamental (um dirigido ao professor e outro ao aluno) e investigou/avaliou a sua aplicabilidade na prática pedagógica de professores de Educação Física.

Percebemos que tanto Carmo (1999) quanto Rodrigues (2009), motivados pela qualificação de suas aulas, se preocuparam em elaborar um livro didático e verificar como esse recurso material era percebido pelos sujeitos na prática pedagógica.

Mas por que será que esses autores precisaram primeiro criar um livro didático para depois investigar as suas implicações na prática pedagógica? Não seria mais comum, a depender dos objetivos específicos dos estudos, avaliar as implicações de um livro didático de Educação Física já publicado?

Provavelmente; no entanto ocorre que o problema é que no campo da Educação Física a produção e o estudo do livro didático permanecem praticamente negligenciados (RODRIGUES, 2009). Desse modo, poucos são os livros didáticos de Educação Física de que se tem registro. Segundo Rodrigues (2009),

> [...] um dos únicos livros que foi escrito para ser utilizado como material de apoio aos alunos foi elaborado por Teixeira (1983) com nome de TDEF

[10] Essa pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Realizada entre 1992 e 1993, objetivou conhecer a realidade de ensino de futebol na Cidade do Rio de Janeiro. Para isso, foram realizadas visitas em clubes, colégios, condomínios, projetos esportivos e praias, vivenciando a realidade dos locais que ensinavam o futebol. Ao todo, foram investigados a fundo 50 (cinquenta) estabelecimentos.

> (Trabalho Dirigido de Educação Física). No levantamento realizado pelo Livres (Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros), apenas 11 manuais de Educação Física foram cadastrados e a maioria deles datados do início do século XX, a partir da década de 1990 nenhum livro foi cadastrado na base de dados desse componente curricular. (p. 04)

Mas por que será que os livros didáticos se apresentam distantes da área da Educação Física? Uma vez que esses recursos materiais são tão presentes no campo da maioria dos outros componentes curriculares[11] obrigatórios, como, por exemplo: Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia, Física, Química, Biologia etc.

O passado normalmente nos aponta respostas para alguns fenômenos do presente.Conforme Goellner (2004), "[...] a memória e a história não nos aprisionam ao passado, mas nos conduzem a indagar e melhor compreender o presente". (p. 01)

Se formos investigar a história da Educação Física, perceberemos que alguns fatores contribuíram para que ela se afastasse dos textos didáticos, como, por exemplo, as influências sociopolíticas (higienista, militarista e esportivista) que esse componente curricular recebeu ao passar dos anos no Brasil.

Diferente das outras disciplinas, a Educação Física (chamada, até então, de Ginástica) surge no contexto escolar brasileiro numa perspectiva higienista. Configurava-se numa atividade preocupada com os hábitos de higiene e saúde da população. Nessa ocasião, os profissionais da área médica eram quem, comumente, estava à frente dessa prática.

Entretanto, é importante salientar que, nesse momento histórico, um material foi indicado como livro didático para a Educação Física das escolas públicas na cidade do Rio de Janeiro: o *Compendio de gymnastica e jogos gymnasticos escolares* (1896)[12], de autoria de Arthur Higgins. Silva (1999) afirma que, "nessa época, a comissão da Diretoria Geral da Instrução Municipal emitiu um parecer afirmando que o livro seria um verdadeiro assessor aos professores primários [...]" (p. 27). Bem como nos chama a atenção para a forma como tal parecer fora concluído: "Tem, pois, o professor primário, neste livro um verdadeiro roteiro, e não

---

[11] De acordo com um levantamento realizado pelo Livres (Grupo de pesquisa que passou a organizar a produção do livro didático no Brasil, mais especificamente na Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo), de 1990 até 2007 foram publicados 653 (seiscentos e cinquenta e três) livros didáticos de História e 698 (seiscentos e noventa e oito) de Língua Portuguesa, já em relação à Educação Física nenhum livro foi catalogado nesse período. (RODRIGUES, 2009, p. 14)

[12] Esse livro pautava-se no método ginástico Sueco-Belga. (SILVA, 1999)

terá mais a fazer que acompanhá-lo, para ensinar proficientemente esta disciplina" (HIGGINS, 1934, p. 08 *apud* SILVA, 1999, p. 28). Contudo, percebe-se que se trata muito mais de um guia de orientação docente do que de um livro didático de fato, ou seja, um livro que contribui para que professores e alunos interajam com o conhecimento durante a unidade de ensino.

Em seguida, a Educação Física numa perspectiva militarista toma destaque, uma disciplina voltada para a formação de indivíduos fortes e sadios para defender a pátria.

No entanto, vale destacar que, nesse período, os instrutores dispunham de outro livro de orientação, o Regulamento nº 7 de Educação Física[13], mais conhecido por método ginástico francês. Esse livro, utilizado nas escolas de todo o território nacional, corresponde à tradução integral do Regulamento Geral de Educação Física francês pela Escola de Educação Física do Exército. Sua publicação foi motivada, inclusive, pela falta de um guia orientador da Educação Física nos corpos de tropa e estabelecimentos militares. (REGULAMENTO N. 7, 1934)

Nesse contexto, a reprodução de movimentos corporais era muito vivenciada, reflexo das orientações advindas do próprio Regulamento nº 7. É tanto que termos como "sessões de estudos" e "lições", os quais estão presentes na maioria dos livros didáticos, têm a seguinte conotação no referido livro:

> As sessões de estudos eram caracterizadas como momentos realizados no início ou durante a instrução [...] em que os alunos receberiam orientações acerca do melhor modo de execução dos movimentos [...]. As lições de Educação Física deveriam ser compostas por exercícios variados e combinados, e a recomendação era: na fase preparatória, realizar exercícios de evolução, de flexionamento de braços, de pernas e de tronco; na fase da sessão propriamente dita, os exercícios com base em marchas, escaladas, equilíbrios, saltos, levantamentos e transportes, corridas, lançamentos e ataques e defesas. [...] na fase da volta à calma, realizar exercícios de fraca intensidade [...]. (SOUZA JÚNIOR, 1999)

Embora esse recurso material apresentasse uma organização do conhecimento (baseado em princípios anátomo-fisiológicos) por meio de orientações, explicações, ilustrações etc., não podemos considerá-lo como um livro didático, pois não se configurava como um recurso material de uso do professor e dos alunos, um objeto de interação entre esses sujeitos na qualificação do processo de ensino-aprendizagem, mas um livro de uso exclusivo do instrutor.

---

[13] É possível acessar o Regulamento nº 7 de Educação Física (1º Parte) por meio do *link*: http://cev.org.br/etc/regulamento/fla01.htm

Logo após, em pleno regime militar, na década de 1960, a Educação Física foi altamente influenciada pelo fenômeno esportivo. Aqui os termos “Educação Física” e “esporte” eram entendidos como sinônimos; foi à época do binômio Educação Física/Esporte. Na perspectiva esportivista priorizava-se a detecção de talentos esportivos que tivessem potencial para representar o país em competições nacionais e internacionais. Nesse contexto, estavam presentes o professor-técnico e o aluno-atleta.

Como se percebe, as perspectivas iniciais da Educação Física, ainda que fizessem referência a livros, estes não eram de natureza didática, mas de caráter orientador da atuação do professor/instrutor. Identifica-se, portanto, a ausência de um recurso material que ajudasse não só o professor a dar aulas, mas, também, os alunos a apreenderem o conteúdo ensinado.

De acordo com Paula (2003), historicamente foi construído que “[...] na aula de Educação Física não se reflete, não se discute, enfim, não se pensa e, portanto, não se lê, mas apenas se executa” (p. 09).

Segundo Darido *et al*. (2010),

> Na verdade, as aulas de Educação Física se restringiam (e até certo ponto se mantém assim) a oferecer um conhecimento que advém da repetição e da prática dos movimentos. Essa concepção, certamente, afastou a disciplina dos livros didáticos dos alunos. É preciso lembrar, inclusive que a legislação da Educação Física até a aprovação da última Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL/1996) reforçava a concepção de Educação Física como atividade, que segundo Castellani Filho (1988) dava a ela uma conotação de um fazer por fazer. (p. 452)

Esse caráter de atividade, o qual fora definido pelo Parecer n.º 853/71, é um importante fator que também pode ter contribuído para o distanciamento entre a Educação Física e os livros didáticos. Por meio do estudo de Souza Júnior (1999) podemos entender que o referido parecer apresentava a distinção entre o que se caracterizava por “atividade” e por “disciplina”.

> Segundo Boynard, citado por Turra (1988, p. 119-120), este parecer e esta resolução definiam o termo atividade “como experiências que embora possam e devam ser, sempre que possível, planejadas, controladas e avaliadas, não assumem caráter formal no currículo da escola. Portanto, não possuem conteúdo programático formal, nem amplitude pré-fixada. [...] Já o termo disciplina [...] um “conjunto de conteúdos e experiências ‘didaticamente assimiláveis’ que, coordenado com outros conjuntos, dinamiza aquilo que, ao nível dos Conselhos de Educação, foi designado matéria. Representa uma categoria de conteúdos e atividades cuja origem predominante se encontra em uma dada área da cultura, ou em determinado ramo do saber”. (SOUZA JÚNIOR, 1999, p. 181)

Desse modo, acreditamos que, por não se configurar como uma disciplina, não tendo caráter formal no currículo escolar, não dispondo de um conteúdo programático formal, ou seja, por ser concebida como uma atividade, não se percebia a necessidade de se ter livros didáticos de Educação Física.

Rodrigues (2009) aponta que

> [...] historicamente a Educação Física esteve atrelada a uma tradição do saber fazer, da realização dos movimentos, da vivência e experimentação das brincadeiras, dos jogos e dos esportes, tais características tornaram difícil estruturar esse material, assim como conceber sua aceitação junto aos docentes e mesmo ao mercado editorial. (p. 14)

Carmo (1999) confirma essa difícil aceitação junto aos docentes, ao afirmar que ao tentar confeccionar o livro didático para o ensino do futebol com outros profissionais da área da Educação Física, percebeu um descrédito por parte deles, os quais não se propuseram a participar da elaboração do material.

Conforme Rodrigues (2009),

> Outro fator também contribuiu para as restrições ao livro didático na Educação Física. O redirecionamento do pensar a respeito do objeto de estudo desse componente curricular na escola, ocorreu a partir dos anos 1980, no mesmo período em que a produção de livro didático era intensamente criticada. Essas críticas podem ter afastado os docentes, ou boa parte deles, da construção e reflexão desses materiais. (p. 14)

É fato que o livro didático, apesar da sua indiscutível importância e contribuição para o processo de ensino e de aprendizagem dos conteúdos escolares, é alvo de uma série de críticas, as quais versam sobre: a ideologia veiculada em seu conteúdo; por ser, muitas vezes, o único recurso material utilizado pelo professor para guiar o processo de ensino-aprendizagem; por gerar uma postura passiva do aluno no ato de aprender; por ser considerado como “muleta” do professor, sem a qual dificilmente leciona etc. Nesse ínterim, Rodrigues (2009) alega que

> no receio de que essas posturas fossem adotadas pelos professores da Educação Básica, os estudiosos da Educação Física acabaram se abstendo da tarefa de elaborar tais materiais e mais do que isso não se arriscaram a pesquisar profundamente o tema. (p. 13)

Inclusive, vale considerar que a própria política educacional do Brasil nunca percebeu a Educação Física como uma disciplina que estabelecesse relação com esses recursos materiais. Pois, desde quando as preocupações com o livro didático se iniciaram no cenário político brasileiro, com a criação do Instituto Nacional do

Livro (INL) em 1929, a Educação Física jamais foi contemplada[14]. Atualmente o Brasil comporta o maior programa de livros didáticos do mundo (Programa Nacional do Livro Didático - PNLD), movimentando milhões de reais todos os anos[15], mas, mesmo assim, a Educação Física ainda não se faz presente.

Assim, entendemos que a trajetória histórica percorrida pela Educação Física no contexto escolar não foi favorável para que se estabelecesse uma relação com os textos didáticos, tendo em vista que por várias décadas ela foi materializada como uma atividade pautada no "fazer por fazer", no "saber fazer", na reprodução de movimentos corporais, em detrimento de um componente curricular de fato.

Entretanto, a escassez de livro didático na área não é justificativa para que o professor de Educação Física não se utilize de textos didáticos na prática pedagógica. Tomemos como exemplo a atitude de Carmo (1999), Rodrigues (2009), Galatti, Paes e Darido (2010) e Diniz e Darido (2012) que elaboraram os seus próprios materiais impressos (livros didáticos). Assim, concordamos com Darido *et al*. (2010), ao dizer que muitos livros, mesmo não tendo intenções de ser didáticos, podem

> [...] ser utilizados com essa finalidade. Assim, os inúmeros materiais produzidos no interior do campo da Educação Física relacionados ao universo dos jogos, exercícios e esportes podem ser empregados pelos professores de forma "didática". (p. 452)

Por outro lado, temos conhecimento de alguns livros didáticos de Educação Física publicados, alguns mais antigos, outros mais recentes, uns construídos por meio de editoras e outros através de um processo coletivo e público, uns destinados para o ensino fundamental e outros para o ensino médio.

Um dos mais antigos livros didáticos de Educação Física que conhecemos é o *Trabalho Dirigido de Educação Física*, de Teixeira (1983). Esse livro, publicado por uma editora, foi bastante difundido na área. Trata-se de uma obra destinada ao Ensino Fundamental, trazendo conteúdos de Ginástica, Jogos, Esportes Coletivos etc. De acordo com Rodrigues (2009), esse livro "[...] foi disseminado entre os

---

[14] Para confirmar essa afirmação, basta acessar o histórico do PNLD, disponível no site do Ministério de Educação (MEC) em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>. Acesso em: 15/10/2013.

[15] De acordo com os dados estatísticos disponíveis no site do MEC, em 2013 foram investidos R$ 1.115.887.346,61 (um bilhão, cento e quinze milhões, oitocentos e oitenta e sete mil, trezentos e quarenta e seis reais e sessenta e um centavos) em livros didáticos para o Ensino Fundamental e Médio.

professores da Educação Básica, embora tivesse sido elaborado para os alunos. Apesar disso, não obteve a devida atenção do meio acadêmico". (p.14)

Outro livro didático de Educação Física, construído e vendido sobre a lógica das editoras, é o *Educação Física e Desportos,* de Teixeira (1996). Esse livro apresenta em seu conteúdo conhecimentos sobre Jogos, Ginástica e Desportos (Atletismo, Handebol, Basquetebol, Voleibol, Futebol, Futsal, Ginástica Olímpica e considerações sobre suas técnicas, táticas, regras e penalidades).

Ainda na perspectiva privada, vale destacar que algumas redes particulares de ensino, tais como, *Positivo, COC, Anglo e Objetivo* produziram e já dispõem de apostilas de Educação Física. (RODRIGUES, 2009)

Por outro lado, na rede pública, alguns estados e municípios brasileiros produziram os seus próprios livros didáticos de Educação Física.

O primeiro deles foi lançado em 2006, é o Livro Didático Público de Educação Física do Estado do Paraná[16], o qual se configura como o primeiro livro didático público de Educação Física do Brasil (PARANÁ, 2007). Foi construído coletivamente, através do programa de formação continuada (Projeto Folhas) de professores da Rede Estadual de Ensino do Paraná, com base na realidade concreta encontrada nas suas escolas. Essa obra, elaborada para o Ensino Médio, traz como "conteúdos estruturantes": Esporte, Jogos, Ginástica, Lutas e Danças. Percebemos que ela estabelece uma aproximação muito forte com o livro *Metodologia do Ensino da Educação Física,* do famoso Coletivo de Autores (2012), adotado como uma das referências para subsidiar a sua construção. Assim, faz a opção pela cultura corporal como o seu objeto de estudo.

Em 2008 e 2009, foram publicados os livros didáticos (Cadernos do Professor e Cadernos do Aluno, respectivamente) do Estado de São Paulo. Esses livros destinam-se ao Ensino Fundamental e Médio. Contudo, os professores da rede

[16] Assim que o Livro Didático Público de Educação Física do Estado do Paraná foi publicado, foi alvo de várias críticas devido ao seu conteúdo, tais quais: inadequado para o Ensino Médio; altamente ideológico; viés marxista etc. Em contrapartida, esse mesmo livro foi elogiado por vários autores que, ao tomarem conhecimento sobre o seu conteúdo e críticas que recebera, se posicionaram em sua defesa, assim como entidades e Instituições de Ensino Superior (IES) que se subsidiaram da referida obra em suas atividades pedagógicas. Tendo em vista esse contexto, por meio do nosso TCC de graduação, objetivamos analisar o conteúdo desse livro para, assim, nos posicionarmos criticamente no que diz respeito ao tema. Por fim, concluímos que o conhecimento trazido pelo livro é, de fato, ideológico, contudo trata-se de um *conteúdo na perspectiva da transformação/libertação,* ao invés da *reprodução da manutenção do status quo da sociedade/dominação.* Portanto, entendemos que ele é merecedor dos elogios realizados por autores, entidades e IES renomadas da área e que as críticas que recebera foram, no mínimo, equivocadas.

estadual apresentam certa resistência ao utilizar esse material, pois alegam que, diferente do Livro Didático Público de Educação Física do Estado do Paraná, a sua construção não se deu de forma coletiva. (RODRIGUES e DARIDO, 2011)

Recentemente foi lançado o Livro Didático Público de Educação Física da Prefeitura de João Pessoa-PB[17] que, por sua vez, foi construído coletivamente, por meio do programa de formação continuada dos professores de Educação Física dessa prefeitura, representando o primeiro livro didático público de Educação Física do Norte-Nordeste. Esse livro foi elaborado para o Ensino Fundamental e aborda os seguintes conteúdos: jogo, dança, ginástica e esporte. Seu objeto de estudo é a cultura corporal.

É sabido que os textos didáticos apresentam uma série de contribuições para a prática pedagógica dos professores das diversas disciplinas do currículo escolar, ele tem potencial para apoiar o processo de ensino-aprendizagem com os seus mais variados serviços, tais como: 1) armazenar/ampliar informações; 2) complementar o ensino; 3) esclarecer determinado assunto; 4) colaborar como fonte de consulta; 5) facilitar a aprendizagem; 6) promover o estudo independente; 7) promover a autodisciplina; 8) promover a integração entre a prática e a teoria; 9) auxiliar na revisão de conteúdos, entre outros. (CARMO, 1999)

Porém, daremos ênfase às contribuições que os textos didáticos trazem para a prática pedagógica da Educação Física, tendo em vista a sua especificidade e a natureza desse estudo.

Rodrigues (2009) aponta o livro didático como uma das possibilidades de contribuir com o trabalho dos professores, bem como, com as aprendizagens dos alunos, com a melhoria na qualidade das aulas e com o fortalecimento da importância da Educação Física na escola.

Carmo (1999) levanta uma interessante discussão sobre as contribuições do livro didático para o ensino do futebol. Esse autor aborda o livro como um elemento que facilita, enriquece e ilustra o processo de comunicação entre professor e aluno. E, para falar desse assunto, recorre aos autores que tratam dos processos de comunicação, da linguística e da semiologia.

---

[17] Esse livro pode ser adquirido na versão digital através do seguinte link: https://www.dropbox.com/s/byjoy7dylsuppo1/Livro%20Did%C3%A1tito%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20LEPELPb%20PMPJ.rar. Acesso em: 03 de julho de 2013.

Discutindo sobre a prática pedagógica dos professores de Educação Física, no que diz respeito ao trato com o conteúdo futebol, Carmo (1999) afirma que

> [...] normalmente o material didático que é utilizado para esclarecer as dúvidas, apontar diretrizes ou ilustrar a resolução de problemas é a bola (e também recursos auxiliares da bola, como o campo e os adereços para as aulas práticas como cones, aros, balizas). Junto com estes materiais estão a linguagem oral e gestual dos professores. (p. 28)

Sabemos que os recursos materiais tradicionais (bola, arco, cone etc.) associados à linguagem oral e gestual do professor, durante a prática pedagógica, ajudam o aluno a aprender sobre determinado conteúdo de ensino, contudo esses elementos ainda apresentam limitações (CARMO, 1999). Pois, de acordo com o autor

> Para alguns alunos bastam as informações transmitidas através da palavra (fala), para outros, é necessário ampliar o número de veículos informativos. O professor, visando ser entendido, deve oferecer um campo fértil para estimular a percepção dos alunos. Para isso é fundamental proporcionar situações onde os alunos possam experimentar a informação, vindas de várias formas. Se possível, utilizar filmes, músicas, fotografias, textos, gestos, todo o arsenal que estiver à disposição. (p. 31)

Então, percebemos a importância da diversificação no uso de meios auxiliares, visando estimular e adequar as informações à percepção do aluno. Pois, quanto melhor for a adequação dos recursos didáticos disponíveis, melhor será a compreensão do aluno sobre cada assunto. (CARMO, 1999)

Desse modo, Carmo (1999) defende que

> O uso do livro proporciona ao professor e ao aluno um outro canal de comunicação. A tipologia contida em um compêndio, gravuras, textos, fotografias, estão a este serviço, fornecendo uma outra forma de vivenciar a informação. O uso adequado das páginas impressas ilustra as informações transmitidas (fala/gestos) pelos professores. (p. 32)

Entretanto, não podemos nos esquecer de que, apesar da sua importância, material didático de nenhuma natureza substitui a boa formação do professor, fator que permite a este profissional uma leitura crítica das ferramentas que possui, bem como atingir uma reflexão sobre a sua prática cotidiana. (DINIZ e DARIDO, 2012)

Amaral e Oliveira (2012) analisaram o conteúdo de textos didáticos de handebol, elaborados por alunos do curso de Especialização em Educação Física Escolar, promovido pela ESEF/UPE entre 2011 e 2012, tentando identificar as suas possíveis contribuições para o processo de ensino e de aprendizagem. Para Amaral e Oliveira (2012), os textos didáticos analisados

> [...] contribuem para o ensino-aprendizagem do tema esporte, especificamente no que se refere ao conteúdo handebol, na medida em que

> possibilitam ao aluno/leitor conhecer aspectos da história do handebol, seus fundamentos técnicos, orientações táticas e suas regras por meio de textos e ilustrações. Ou seja, permitem que o aluno se aproprie do conhecimento de que trata a Educação Física de outra forma, através de outra linguagem, por meio da linguagem escrita. (p. 03)

Paula (2003) investigou a utilização de recurso bibliográfico no ensino da Educação Física na cidade de Catalão – GO e afirma que existe uma dificuldade na relação professor/conhecimento/aluno:

> pela qual não dispor de um aparato escrito para dialogar, entre outros motivos, significa frequentemente dar um trato superficial aos temas abordados, inclusive no que tange ao desenvolvimento desse conhecimento na execução do movimento, restrito à interpretação da percepção visual e auditiva do gesto. (p. 13)

Assim, a linguagem escrita, presente nos textos didáticos, somada a linguagem oral e gestual do professor, contribui para uma prática pedagógica mais qualificada e, consequentemente, para um processo de ensino e de aprendizagem mais completo.

Galatti, Paes e Darido (2010) construíram um livro didático de Educação Física sobre Jogos Esportivos Coletivos (JECs) e, por meio do seu estudo, perceberam que o referido material apresenta contribuições para a prática pedagógica, uma vez que ele

> [...] permite ao aluno ter contato, de forma mais sistematizada, com a história e evolução do esporte enquanto fenômeno e de modalidades esportivas; pode ter acesso às regras a partir de uma linguagem mais adequada, diferente daquela utilizada nos livros de regras oficiais das federações e confederações esportivas; pode conhecer os fundamentos, ou seja, diferentes possibilidades técnicas [...]. (p. 753)

Carmo (1999) ainda vê a “[...] possibilidade de o livro ser o elemento ‘ponte’ entre a prática corporal e a teoria” (p. 08). Amaral e Oliveira (2012) corroboram nesse sentido, pois entendem

> [...] que o texto didático também pode contribuir como um recurso facilitador da práxis (relação da teoria com a prática e vice-versa) uma vez que pode trazer em seu conteúdo tudo aquilo que será discutido e vivenciado nas práticas corporais. (p. 04)

Carmo (1999), referindo-se ao seu protótipo para o ensino do futebol, afirma que o livro didático também contribui no processo de revisão do conteúdo tratado. Pois, de acordo com o autor, normalmente as revisões acontecem nas conversas do professor de Educação Física com os seus alunos, no início e/ou no final da aula, porém, sem um registro físico do que foi discutido. Em pouco tempo as palavras que não foram registradas são perdidas.

Além de perceber contribuições referentes ao uso de textos didáticos na prática pedagógica do professor de Educação Física, Amaral e Oliveira (2012) também apontam contribuições quanto ao processo de elaboração desses recursos materiais.

Ao considerarem que os acadêmicos tiveram de pesquisar[18] para elaborar os textos didáticos que foram analisados, Amaral e Oliveira (2012) acreditam que o processo de elaboração desses textos também traz contribuições para o processo de ensino e de aprendizagem dos conteúdos da Educação Física, uma vez que instrumentaliza e qualifica a ação docente. Para os autores mencionados,

> ao elaborar textos didáticos o professor se insere na busca pelo conhecimento, atualiza seus conceitos, amplia as suas referências sobre os saberes da área, se capacita para tratar pedagogicamente daquele conteúdo e, por ser o autor do texto, tem a oportunidade de aproximar o conteúdo do texto à realidade do aluno, contribuindo assim para aprendizagens significativas. (AMARAL e OLIVEIRA, 2012, p. 04)

Segundo Amaral e Oliveira (2012), "[...] devido as suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem, a elaboração de textos didáticos deve ser estimulada nos cursos de graduação e pós-graduação em Educação Física" (p. 04).

Então, mediante as contribuições reveladas, notamos a importância de uma maior aproximação entre a área da Educação Física e o campo dos textos didáticos, a qual deve iniciar no período de formação docente, discutindo-se e vivenciando a elaboração e a utilização desses recursos materiais na prática pedagógica, pois, como bem coloca Fontana (2006),

> No que diz respeito aos ambientes formais de ensino, o discurso do professor caracteriza-se principalmente pela finalidade de ensinar. Em função disso, a mediação da aprendizagem é, em grande parte, realizada através da linguagem e concretizada em gêneros textuais/discursivos de natureza didática. Ter competência no emprego de textos didáticos é, pois, um requisito fundamental para a docência e um aspecto relevante na formação docente. (p. 2391)

Pelo menos, na ESEF/UPE, sabemos que essa ação vem sendo materializada com certa frequência nos últimos anos, especificamente, nas disciplinas do 4º e 5º período do curso de Licenciatura em Educação Física, tais quais: Fundamentos Teórico-Metodológicos da Educação e da Educação Física na

---

[18] De acordo com Amaral e Oliveira (2012, p. 04), "para que o professor possa elaborar o texto didático é fundamental que ele pesquise. Paulo Freire (1997), nos chama a atenção para a importância do ato de pesquisar para ensinar, ao nos dizer que 'não existe ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino' (p. 32). Para o renomado autor, reconhecido internacionalmente pelo seu trabalho dedicado à educação, 'sem a curiosidade que nos move, que nos inquieta, que nos insere na busca, não aprendemos nem ensinamos' (p. 35)".

Educação Infantil e Ensino Fundamental I Segmento; Fundamentos Teórico-Metodológicos da Educação e da Educação Física no Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

2.3 A Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, a formação continuada dos seus professores de Educação Física e as orientações para textos didáticos

A formação continuada é de fundamental importância para a qualificação da prática pedagógica do professor de qualquer componente curricular. De acordo com Azevedo *et al*., (2010),

> A Formação Continuada é um importante meio para os professores reavaliarem a prática docente, podendo fundar-se como um ambiente que possibilite a construção de diferentes saberes, de repensar e refazer a prática do professor, reorganizando suas competências e produzindo novos conhecimentos. (p. 245)

Segundo o artigo 62 (sessenta e dois), parágrafo primeiro, da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), “A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério” (BRASIL, 1996).

Por sua vez, a Lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996, a qual discorre sobre o Estatuto do Magistério Público de Pré-Escolar, Ensino Fundamental e Ensino Médio do Estado de Pernambuco, em seu artigo 33 (trinta e três), deixa claro que “será assegurado ao servidor integrante das carreiras do magistério público, capacitação permanente e formação continuada na perspectiva de melhoria do seu desempenho profissional” (PERNAMBUCO, 1996).

Desde maio de 2008, o Governo do Estado de Pernambuco, por meio da SEDUC-PE, estabeleceu uma parceria com a ESEF/UPE e o Grupo ETHNÓS para desenvolver um programa de formação continuada para e com os professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino (PERNAMBUCO, 2008). Inclusive, vale salientar que esse é um dos “direitos fundamentais” desses sujeitos, pois conforme a Lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996 (Estatuto do Magistério Público do Estado de Pernambuco), em seu artigo 21 (vinte e um), inciso II, são direitos específicos dos ocupantes dos cargos das carreiras do magistério: “participar de

oportunidades de capacitação que auxiliem e estimulem a melhoria do seu desempenho profissional, propiciando a ampliação dos seus conhecimentos" (PERNAMBUCO, 1996).

Os coordenadores desse programa de formação continuada acreditam que,

> [...] por via de um processo de formação continuada em serviço, é possível trabalharmos junto com o docente na intenção de avaliar sua prática pedagógica e repensar o processo educacional, qualificando cada vez mais sua contribuição com um projeto educacional e social mais justo para a maioria da população. (PERNAMBUCO, 2010, p. 11)

Identificamos que o discurso dos seus coordenadores apresenta uma coerência com o que está previsto na Lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996 (Estatuto do Magistério Público do Estado de Pernambuco), ao tratar "da capacitação profissional", quando, em seu artigo 34 (trinta e quatro), aponta que

> A capacitação em serviço será oferecida a todos os professores, como ação de reflexão e reconstrução coletiva e permanente da prática pedagógica e da atuação técnico-pedagógica nas diferentes áreas de intervenção educacional, cultural e esportiva. (PERNAMBUCO, 1996)

Rodrigues (2009) corrobora nesse aspecto, pois afirma que "[...] a formação continuada deve permitir aos professores o conhecimento e ressignificação de suas próprias práticas". (p. 132)

Levando em consideração a história da Educação Física na Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, enquanto componente curricular da Educação Básica (BRASIL, 1996), o programa de formação continuada de seus professores faz a opção pela perspectiva Crítico-Superadora como ponto de partida para o seu desenvolvimento, portanto, concorda com Coletivo de Autores (2012) quanto ao seu entendimento de Educação Física, considerando-a como uma prática pedagógica que,

> [...] no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal (p. 33).

Tendo a cultura corporal como o seu objeto de estudo/ensino, os coordenadores desse programa, com a colaboração dos professores que participaram dos encontros de formação continuada, elaboraram objetivos para a disciplina de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, os quais foram baseados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). São eles:

> Refletir sobre a cultura corporal, contribuindo para os interesses das camadas populares, na medida em que desenvolve uma prática pedagógica sobre valores como solidariedade, substituindo o individualismo, cooperação, confrontando a disputa, distribuição em confronto com a

> apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão de movimentos – a emancipação - negando a dominação e submissão do homem pelo homem;
> Conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e entre diferentes grupos sociais e étnicos;
> Participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais;
> Conhecer a diversidade de padrão de saúde, beleza e desempenho que existem nos diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura em que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia e evitando o consumismo e o preconceito;
> Conhecer, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer, reconhecendo-as como uma necessidade do ser humano e um direito do cidadão, em busca de uma melhor qualidade de vida. (PERNAMBUCO, 2010, p. 22)

Percebe-se que o referido programa de formação continuada atende aos incisos VIII e XI do decreto de nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 (o qual institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, com a finalidade de organizar, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério para as redes públicas da educação básica), a seguir:

> VIII - a importância do docente no processo educativo da escola e de sua valorização profissional, traduzida em políticas permanentes de estímulo à profissionalização, à jornada única, à progressão na carreira, à formação continuada, à dedicação exclusiva ao magistério, à melhoria das condições de remuneração e à garantia de condições dignas de trabalho;
> XI - a formação continuada entendida como componente essencial da profissionalização docente, devendo integrar-se ao cotidiano da escola e considerar os diferentes saberes e a experiência docente; (BRASIL, 2009)

Porquanto, em consonância com o decreto mencionado, a SEDUC-PE viabiliza as ações necessárias para que seus professores participem dos encontros do programa de formação continuada, garantindo sua hospedagem, transporte, alimentação etc.

Esses encontros contam com a participação de professores de Educação Física de diferentes Gerências Regionais de Educação (GRE) do Estado de Pernambuco. Podemos observar a distribuição das GRE pelo território do Estado de Pernambuco com mais clareza na Figura 01:

Figura 01 – Mapa de divisão das GRE do Estado de Pernambuco[19]

[19]Fonte: Site da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. Disponível em <http://www.educacao.pe.gov.br/?pag=1&men=77> Acesso em: 26/03/2013.

GERÊNCIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

- 01 e 02 - Recife Norte e Recife Sul
- 03 - Metropilitana Norte
- 04 - Metropolitana Sul
- 05 - Mata Norte (Nazaré da Mata)
- 06 - Mata Centro (Vitória)
- 07 - Mata Sul (Palmares)
- 08 - Litoral Sul (Barreiros)
- 09 - Vale do capibaribe (Limoeiro)
- 10 - Agreste Centro Norte (Caruaru)
- 11 - Agreste Meridional (Garanhuns)
- 12 - Sertão do Moxotó Ipanema (Arcoverde)
- 13 - Sertão do Alto Pajeú (Afogados da Ingazeira)
- 14 - Sertão do Submédio São Francisco (Floresta)
- 15 - Sertão do Médio São Francisco (Petrolina)
- 16 - Sertão Central (Salgueiro)
- 17 - Sertão do Ararripe (Araripina)

É preciso salientar, ainda, que cada GRE compreende vários municípios do Estado de Pernambuco, conforme visualizamos no Quadro 02:

GRE		Municípios	Quantidade de municípios
Nº 01	Recife Norte	Zona Norte do Recife.	01
Nº 02	Recife Sul	Zona Sul do Recife.	01
Nº 03	Metropolitana Norte	Abreu e Lima, Araçoiaba, Igarassu, Itamaracá, Itapissuma, Olinda e Paulista.	07
Nº 04	Metropolitana Sul	Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Ipojuca, Jaboatão dos Guararapes, Moreno e São Lourenço da Mata.	06
Nº 05	Mata Norte	Aliança, Buenos Aires, Camutanga, Carpina, Condado, Ferreiros, Goiana, Itambé, Itaquitinga, Lagoa do Carro, Macaparana, Nazaré da Mata, Paudalho, São Vicente Ferrer, Timbaúba, Tracunhaém, Vicência.	17
Nº 06	Mata Centro	Barra de Guabiraba, Bezerros, Bonito, Camocim de São Félix, Chã de Alegria, Chã Grande, Escada, Glória do Goitá, Gravatá, Pombos, Sairé, São Joaquim do Monte, Vitória de Santo Antão.	13
Nº 07	Mata Sul	Água Preta, Amaraji, Belém de Maria, Catende, Cortês, Jaqueira, Joaquim Nabuco, Lagoa dos Gatos, Maraial, Palmares, Primavera, Quipapá, Ribeirão, São Benedito do Sul, Xexéu.	15
Nº 08	Litoral Sul	Barreiros, Gameleira, Rio Formoso, São José da Coroa Grande, Sirinhaém, Tamandaré.	06
Nº 09	Vale do Capibaribe	Bom Jardim, Casinhas, Cumaru, Feira Nova, Frei Miguelinho, João Alfredo, Lagoa de Itaenga,	16

		Limoeiro, Machados, Orobó, Passira, Salgadinho, Santa Maria do Cambucá, Surubim, Vertente do Lério, Vertentes.	
Nº 10	Agreste Centro Norte	Agestina, Altinho, Belo Jardim, Brejo da Madre de Deus, Cachoeirinha, Caruaru, Cupira, Ibirajuba, Jataúba, Panelas, Riacho das Almas, Santa Cruz do Capibaribe, São Caetano, Tacaimbó, Taquaritinga do Norte, Toritama.	16
Nº 11	Agreste Meridional	Águas Belas, Angelim, Bom Conselho, Brejão, Caetés, Calçado, Canhotinho, Capoeiras, Correntes, Garanhuns, Iati, Itaiba, Jucati, Jupi, Jurema, Lagoa do Ouro, Lajedo, Palmeirinha, Paranatama, Saloá, São Bento do Uma, São João, Terezinha.	23
Nº 12	Sertão Moxotó – Ipanema	Alagoinha, Arcoverde, Betânia, Buíque, Custódia, Ibimirim, Inajá, Manari, Pedra, Pesqueira, Poção, Sanharó, Sertânia, Tupanatinga, Venturosa.	15
Nº 13	Sertão Alto do Pajeú	Afogados da Ingazeira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba, Flores, Iguaraci, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo, Tuparetama.	17
Nº 14	Sertão Submédio do São Francisco	Belém do São Francisco, Carnaubeira da Penha, Floresta, Itacuruba, Jatobá, Petrolândia, Tacaratu.	07
Nº 15	Sertão Médio São Francisco	Afrânio, Cabrobó, Dormentes, Lagoa Grande, Orocó, Petrolina, Santa Maria da Boa Vista.	07
Nº 16	Sertão Central	Cedro, Mirandiba, Moreilândia, Parnamirim, Salgueiro, São José do Belmonte, Serrita, Terra Nova, Verdejante.	09
Nº 17	Sertão do Araripe	Araripina, Bodocó, Exu, Granito, Ipubi, Ouricuri, Santa Cruz de Malta, Santa Filomena, Trindade.	09
Total			**184**

Quadro 02- Distribuição dos municípios de Pernambuco por GRE

Em média, são oferecidas cerca de 300 (trezentas) vagas por encontro, sendo normalmente realizados três eventos por ano, com sujeitos diferentes. É importante destacar que a Rede Estadual de Ensino de Pernambuco dispõe de aproximadamente 2.000 (dois mil) professores de Educação Física em exercício, distribuídos nas suas 17 (dezessete) GRE, e que atuam na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Dessa forma, observamos que um quantitativo significativo de professores é atendido pelo programa.

Como ações coletivas, os responsáveis pelo programa de formação continuada em questão elaboraram vários textos (documentos), com base na realidade do "chão das escolas", com a perspectiva da qualificação da prática pedagógica dos professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, sendo eles: *1)Texto subsídio para prática pedagógica da Educação Física: contribuições para elaboração da matriz curricular* (PERNAMBUCO, 2008); *2) Orientação para texto didático; 3) Orientação para elaboração de relatos de*

experiência; 4) Orientação para elaboração de programas de ensino; 5) Orientações teórico-metodológicas para o Ensino Fundamental e Médio: Educação Física (PERNAMBUCO, 2010).

Nesse mesmo sentido, também foram realizados seminários, debates, palestras, oficinas dos conteúdos da cultural corporal (jogo, luta, dança, esporte e ginástica), apresentações de duas dissertações (ASSIS, 2011 e SOUSA, 2011) que foram construídas com base na realidade da própria rede, ou seja, trabalhou-se em prol da instrumentalização teórico-metodológica dos professores.

Assim, entendemos que tal programa também estabelece uma sintonia com os objetivos da Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, os quais versam sobre, por exemplo:

> I - promover a melhoria da qualidade da educação básica pública;
> V - promover a valorização do docente, mediante ações de formação inicial e continuada que estimulem o ingresso, a permanência e a progressão na carreira;
> IX - promover a atualização teórico-metodológica nos processos de formação dos profissionais do magistério, inclusive no que se refere ao uso das tecnologias de comunicação e informação nos processos educativos; (BRASIL, 2009)

Percebe-se, portanto, que os professores de Educação Física que participaram dos encontros do programa de formação continuada da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco foram apresentados a vários temas com potencial para contribuir com suas práticas pedagógicas. E, em meio a essas orientações, nessa pesquisa, nos atemos àquelas que dizem respeito aos textos didáticos.

A *Orientação para texto didático*[20] discorre sobre questões como: O que é um texto didático? Qual a sua finalidade? Como eles devem ser elaborados?

O enfoque dado por esse documento é o de instrumentalizar na construção de textos didáticos escritos, pois compreende que esse recurso material pode ser mais um instrumento de apoio à prática pedagógica do professor de Educação Física e que ele apresenta potencial para contribuir na qualificação do processo de ensino e de aprendizagem dos conteúdos desse componente curricular.

Azevedo *et al*., (2010), se referindo ao texto didático fomentado no programa de formação continuada dos professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, contribuem para a discussão ao afirmar que

---

[20] É importante destacar que a *Orientação para texto didático* também foi disponibilizada para os demais professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, através do site da própria SEDUC-PE.

> o texto didático pode ser elaborado na intenção de servir de recurso pedagógico de uso do professor e do aluno, e, ainda, como ferramenta de interação de ambos com os conteúdos de ensino (p. 257).

Especificamente, esse documento orienta que o professor construa textos didáticos a partir das orientações da Matriz Curricular da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco (a qual se baseia nos direcionamentos da proposta Crítico-Superadora da Educação Física) e da realidade da prática pedagógica. Sugere-se que, durante a elaboração do texto didático, o docente:

a) Leve em consideração a dimensão axiológica do conteúdo (moral, étnica, gênero, violência), buscando com isso analisar que valores perpassam as práticas corporais;
b) Contemple, se possível, ações interdisciplinares no sentido de estabelecer relações entre as diversas áreas do conhecimento, ampliando o que há de comum e específico entre as mesmas;
c) Apresente sínteses conceituais da temática e sub-temática da cultura corporal selecionada para a unidade de ensino, bem como discorra sobre as possíveis classificações que o conteúdo de estudo possa apresentar;
d) Insira nos textos didáticos: desenhos, quadros, explicações conceituais acerca dos saberes específicos da unidade de ensino, exercícios de aprendizagem; pontos para reflexão, questões para estudos, tópicos sobre curiosidades a respeito do conteúdo tratado. E tudo isso através de uma linguagem fluente e dialógica, como uma conversa problematizadora com os estudantes.

Vale salientar, ainda, que, apesar de não ser seu principal objetivo, inspirada pela forma de produção coletiva do Livro Didático Público de Educação Física do Estado do Paraná, a *Orientação para texto didático* também informava ao professor sobre a intenção da produção de um livro didático público de Educação Física para a Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, o qual seria composto pelos seus próprios textos didáticos, entendendo livro didático como um suporte privilegiado de textos didáticos construídos sobre uma mesma perspectiva, com uma coerência didático-metodológica. Contudo, essa produção ainda não foi efetivada, o que deixa uma lacuna a ser preenchida em estudos posteriores, através de uma pesquisa-ação, por exemplo.

3. A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

A seguir, discorremos sobre as opções tomadas durante a estruturação das fases dessa pesquisa (construção do referencial teórico, coleta de dados e análise de dados), as quais tentam estabelecer uma coerência teórico-metodológica.

3.1 O método

O método adotado para desenvolver esta pesquisa foi o hermenêutico-dialético. A comunicação tratada hermenêutica-dialeticamente desenvolve-se como sendo o processo pelo qual os integrantes de uma determinada comunidade, aqui o Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB, almejam alcançar um entendimento sobre uma situação determinada (MINAYO, 1998). Esse método que trata da comunicação foi um veículo essencial que nos permitiu identificar, através da análise dos textos didáticos recebidos, das observações de aulas e das entrevistas com professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, como esses sujeitos entendem e vivenciam o processo de elaboração e utilização de textos didáticos durante a prática pedagógica.

O presente estudo foi desenvolvido em uma abordagem qualitativa. Neves (1996) afirma que “a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao logo de seu desenvolvimento” (p 01). Para Souza Júnior, Melo e Santiago (2010),

> “[...] uma pesquisa científica, numa abordagem qualitativa, é realizada num movimento contínuo de fases interligadas. No entanto, ainda que tais fases se imbriquem, numa dinâmica de idas e vindas, preservam-se, em cada uma dessas, características e objetivos singulares. (p. 33)

Assim, as fases de pesquisa bibliográfica, coleta de dados e análise de dados foram construídas, desconstruídas e reconstruídas ao longo do desenvolvimento desse estudo, portanto, não foram entendidas como entidades estanques que, uma vez elaboradas, não poderiam ser modificadas.

Souza Júnior, Melo e Santiago (2010) nos alertam que

> Muitas vezes, em livros e periódicos, se dá menor ênfase à elucidação da metodologia investigativa, favorecendo o não reconhecimento dos procedimentos e instrumentos de coleta e análise dos dados como construto da elaboração do pesquisador. (p. 31)

Pensamos que quanto mais clara e detalhada for a descrição metodológica de uma pesquisa, maior será a probabilidade de um leitor entendê-la, portanto, maior será a sua contribuição para a difusão do conhecimento.

Junto com Souza Júnior, Melo e Santiago (2010), compreendemos que a metodologia da pesquisa não deve ser entendida apenas como processo, mas também como produto da elaboração investigativa, uma vez que ela "[...] se configura também como uma elaboração, por parte do pesquisador, na interação com o objeto de investigação e suas fontes de dados" (p. 32).

3.2 Construindo o referencial teórico

A pesquisa bibliográfica faz parte de qualquer processo investigativo acadêmico (ALMEIDA, 2009). Durante essa importante fase da pesquisa, almejamos constituir um referencial teórico para consubstanciar as categorias analíticas entendidas como coerentes para esse estudo, tais quais: texto didático; prática pedagógica. Contudo, concordamos com a idéia de que não existe conhecimento que possa ser esgotado, pois a produção do saber é dinâmica e está em constante processo de atualização, assim como não existe ferramenta (site de busca, base de dados etc.) que comporte toda a produção bibliográfica referente a determinado tema, pois, por melhor que ela seja, apresentará limitações.

Na pesquisa bibliográfica, julgamos pertinente realizar uma busca no Sistema Integrado de Bibliotecas (SIB)[21] da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com o intuito de encontrar obras que viessem a contribuir quanto ao entendimento sobre texto didático. Assim, a efetivamos utilizando os termos "texto didático" e "textos didáticos". É válido salientar que esse procedimento foi realizado no primeiro semestre de 2012.

Para o termo "texto didático" surgiram 10 (dez) obras, sendo que apenas 03 (três) delas traziam esse descritor em seu título, dentre elas: 01 (uma) tese de doutorado, 01 (uma) dissertação de mestrado e 01 (um) livro. Assim surgiu o nosso critério para selecionar as obras: trazer o termo pesquisado em seu título.

[21] http://www.biblioteca.ufpe.br

Para o descritor “textos didáticos” surgiram 20 (vinte) obras, mas apenas 02 (duas) delas apresentavam tal termo em seu título, sendo elas: 01 (um) livro e 01 (um) atlas.

A partir desse levantamento, fomos pessoalmente às bibliotecas da UFPE em busca dessas 05 (cinco) obras. Após as adquirir, realizamos uma primeira leitura em cada uma delas e percebemos que das 05 (cinco), apenas 02 (duas) iriam, de fato, contribuir na fundamentação teórica do nosso estudo: Almeida (2009) e Azevedo (2000). O critério que respaldou a exclusão dessas 03 (três) obras foi: não apresentar em seu conteúdo informações conceituais sobre texto didático. Em seguida, realizamos leitura e fichamento[22].

Além disso, nos apropriamos de outras publicações indicadas pela banca avaliadora após o exame de qualificação: Val e Marcuschi (2008); Marcuschi (2008); Chiappini (2007); Bakhtin (2003); Souza Júnior (2007). Como também de artigos que nos ajudaram a desenvolver o nosso TCC do curso de especialização: Fontana (2006); Fiorin e Savioli (2006).

Almejando uma relação com o campo da Educação Física e com o intuito de ampliar o nosso referencial teórico, realizamos uma revisão de literatura nos principais periódicos *online* da área.

Os critérios para a inclusão dos periódicos na revisão de literatura foram: a) estarem presentes no *Webqualis*[23] na área de avaliação Educação Física; b) serem periódicos de origem e circulação brasileira; c) apresentarem estrato entre A1 e B2; d) apresentarem em seu título, pelo menos, um dos termos: Educação Física, Esporte, Movimento, Prática, Lazer, Atividade Física; e) disponibilizassem a sua base de dados *online* gratuitamente.

Construímos o Quadro 03 para expor os periódicos que atenderam aos critérios anteriormente citados.

---

[22] Vale destacar que realizamos esse mesmo procedimento de busca no Pergamum - Sistema Integrado de Bibliotecas – da UPE e não tivemos obras encontradas. Realizamos essa busca no primeiro semestre de 2013. Podemos acessar esse sistema através desse link: <http://pergamum.upe.br/pergamum/biblioteca/>.

[23] Página da internet, ligada ao site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que disponibiliza uma lista de periódicos de respaldo acadêmico-científico das diversas áreas e seus respectivos estratos. Essa página é alimentada pela própria CAPES que, por sua vez, avalia as revistas científicas periodicamente para atualizar os seus conceitos de qualidade (*qualis* A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C). Assim, devido a essa instância quanto à *qualis* dos periódicos, consideremos pertinente informar que a nossa busca aconteceu no segundo semestre de 2012.

ISSN	Título	Estrato
1980-6574	Motriz: Revista de Educação Física (*Online*)	A2
1982-8918	Movimento (Porto Alegre. *Online*)	A2
1517-8692	Revista Brasileira de Medicina do Esporte	A2
0101-3289	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	B1
1807-5509	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	B1
1980-6183	Pensar a Prática (*Online*)	B2
0103-1716	Revista Brasileira de Ciência e Movimento	B2
1983-3083	Revista da Educação Física (UEM. *Online*)	B2
Total de periódicos investigados: 08		

Quadro 03 – Lista de periódicos que subsidiaram a revisão de literatura.

Inicialmente, os descritores que nortearam a busca foram: “texto didático” e “textos didáticos”. Vale salientar que utilizamos aspas duplas para recuperar o termo exato, conforme orientação dos periódicos. Tal busca foi realizada na sessão: todos.

Dentre todos os 08 (oito) periódicos investigados, apenas 02 (dois) apresentaram alguma publicação sobre o tema, sendo eles: a) Motriz: Revista de Educação Física (*Online*); b) Movimento (Porto Alegre. *Online*). Porém, apenas 01 (uma) publicação foi aproveitada para subsidiar o presente estudo, pois as outras não informavam sobre o tema. Foi assim que chegamos até a obra de Azevedo *et al*. (2010).

Ao percebermos esse ínfimo quantitativo de publicações relacionadas aos descritores “texto didático” e “textos didáticos”, optamos por ampliar nossa busca para os descritores “livro didático” e “livros didáticos”, tendo em vista que o livro didático é um suporte privilegiado de textos didáticos (ALMEIDA, 2009).

Vale destacar que, dessa vez, a busca foi realizada na sessão: título. Fizemos essa opção por entendermos que, desse modo, estaríamos procurando por publicações que contribuiriam significativamente com o nosso estudo, em detrimento daquelas que apenas fariam uma breve alusão ao tema pesquisado.

Dentre os 08 (oito) periódicos investigados, identificamos que apenas 01 (um) apresentou alguma publicação sobre o tema, sendo ele: “Motriz: Revista de Educação Física”. Encontramos um total de 04 (quatro) publicações que traziam em seu título o descritor “livro didático” (e nenhuma obra com o descritor “livros didáticos”), tais quais: Darido *et al*. (2010); Galatti, Paes e Darido (2010); Rodrigues e Darido (2011); Diniz e Darido (2012)[24].

[24] Essas obras são oriundas do Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física (LETPEF) do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), *campus* Rio Claro. Laboratório esse que é coordenado pela Profa. Dra. Suraya Darido.

Mesmo após esses achados, consideramos que tínhamos um número reduzido de publicações sobre o tema, por isso estendemos nossa busca para a base de dados do Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em Educação Física, Esportes, Educação e Educação Especial (NUTESES)[25].

Nessa base de dados, ao inserirmos o descritor “livro didático”, encontramos 02 (duas) publicações que abordavam o objeto em estudo e, em seguida, ao inserirmos o descritor “livros didáticos” não obtivemos nenhuma publicação que atendesse ao critério: a) trazer em seu título o descritor pesquisado. Assim, encontramos as obras de Carmo (1999) e Rodrigues (2009).

Não obstante, fizemos uma busca no Portal da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) procurando por obras que trouxessem em seu título o termo “livro didático” ou “livros didáticos” e que, ao mesmo tempo, apresentassem o termo “Educação Física” na sessão *assunto* ou vice-versa. Contudo, não obtivemos novos achados.

Com o intuito de enriquecer ainda mais o referencial teórico acerca da relação entre os textos didáticos e a Educação Física, também lançamos mão de publicações (PAULA, 2003) que utilizamos para produzir o nosso TCC de Especialização.

Desse modo, nossa pesquisa bibliográfica mostrou que a produção sobre textos didáticos na área da Educação Física existe, porém ainda se encontra reduzida, tendo a Profª Dra. Suraya Darido (UNESP) como a principal referência quanto aos estudos sobre o Livro Didático a nível nacional.

Quanto ao referencial teórico sobre a Rede Estadual de Ensino de Pernambuco e o seu programa de formação continuada de professores de Educação Física, nos subsidiamos de 02 (duas) dissertações de mestrado (ASSIS, 2011 e SOUSA, 2011) que foram elaboradas sobre, para, com essa rede/programa de formação continuada e também por meio dela. Também nos apropriamos dos documentos elaborados no seio da referida rede/programa de formação continuada (PERNAMBUCO, 2008; PERNAMBUCO, 2010), os quais foram construídos com o

[25] Centro de informação automatizado voltado para a produção científica, desenvolvida por intermédio dos cursos de Mestrado e Doutorado em Educação Física, Esportes, Educação e Educação Especial, no Brasil e no exterior.

intuito da qualificação da prática pedagógica dos docentes, além de legislações afins.

Assim, através dessa descrição sobre o processo, tentamos transparecer o caminho percorrido para chegarmos até aos autores que respaldaram as discussões desse estudo. Bem como, vale destacar que também entendemos esse processo como produto, pois ele revela a nossa relação com o objeto de estudo em termos procedimentais. Desse modo, concordamos com Souza Júnior, Melo e Santiago (2010) ao dizer que

> A trajetória, os procedimentos e os instrumentos de investigação também são uma forma de resultado do trabalho investigativo. Por certo sem oferecer respostas ao problema, mas intimamente alinhado a ele e construído a partir dele. (p. 47)

No mais, acreditamos que as opções tomadas quanto às fontes e aos critérios de seleção de publicações estabeleceram uma coerência teórico-metodológica, bem como condizem com a abordagem (qualitativa) deste estudo.

3.3 Passos metodológicos da pesquisa: a coleta de dados

Enfatizamos que esta pesquisa foi submetida à avaliação do Comitê de Ética da UPE, recebendo parecer de aprovação (nº do parecer: 148.191).

Para analisarmos o processo de elaboração e utilização de textos didáticos na prática pedagógica do professor de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, consideramos a pesquisa de campo o procedimento metodológico mais pertinente para ser empregado.

Iniciamos a coleta de dados durante a realização do Seminário Regional do Programa de Formação Continuada de Professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco de 2012.

Esse evento aconteceu entre os dias 04 (quatro) e 07 (sete) de novembro de 2012, no Orange Praia Hotel, em Itamaracá-PE, e teve como público alvo professores de Educação Física de 05 (cinco) das 17 (dezessete) GRE do Estado de Pernambuco, sendo elas: GRE Agreste Centro Norte, GRE Mata Centro, GRE Mata Norte, GRE Sertão do Moxotó - Ipanema e a GRE Vale do Capibaribe[26].

---

[26] É importante destacar que realizamos a coleta de dados nesse evento e, consequentemente, com essas GRE por ter sido o primeiro encontro de formação continuada do ano (2012), bem como por sabermos da possibilidade do não acontecimento de outros nesse período. Vale ressaltar que esse

Tal encontro teve como objetivo[27] apresentar alternativas teórico-metodológicas para o ensino da Educação Física a partir da interação entre os conhecimentos da cultura corporal (Esporte, Ginástica, Jogo, Dança e Luta) e os conhecimentos oriundos da realidade cotidiana dos professores (projetos, textos didáticos, alunos com necessidades especiais, saúde e programa de ensino).

Nesse encontro, cada professor teve a oportunidade de participar de 01 (uma) Mesa Redonda (Inovações pedagógicas da Educação Física frente aos conhecimentos da Cultura Corporal) e 05 (cinco) Oficinas (com carga-horária de quatro horas cada) sobre Luta e Texto Didático; Jogo e Programa de Ensino; Ginástica e Alunos com Necessidades Especiais; Dança e Saúde; Esporte e Projetos.

Vale salientar que a SEDUC-PE disponibilizou 175 (cento e setenta e cinco) vagas para esse evento, as quais foram distribuídas pelas 05 (cinco) GRE citadas.

Essa fase inicial da coleta de dados se deu por meio da aplicação de um questionário exploratório com perguntas fechadas (APÊNDICE A), através do qual objetivamos identificar quem eram os professores que vivenciavam, minimamente, a utilização textos didáticos em suas práticas pedagógicas para que, futuramente, pudéssemos convidá-los para uma entrevista semiestruturada.

O questionário é, ao mesmo tempo, uma técnica e um instrumento de coleta de informação muito utilizada nas pesquisas em Educação Física dessa natureza. De acordo com Lakatos e Marconi (2010), o questionário é um instrumento de coleta constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito. Para Gil (1999), eles podem ser classificados, quanto ao tipo de questões, em: questionários com questões fechadas, abertas ou dependentes. Neste estudo, fizemos a opção pelo questionário com questões fechadas.

Questionário com questões fechadas é quando se apresenta ao depoente um conjunto de alternativas de respostas para que seja escolhida a que melhor representa sua situação ou ponto de vista (GIL, 1999).

---

foi, realmente, o único evento dessa natureza que aconteceu entre 2012 e 2013 (período de realização do curso de mestrado do autor).

[27] Informações retiradas do programa de trabalho do encontro elaborado pelos coordenadores do evento.

O questionário foi aplicado ao final das 05 (cinco) oficinas de Luta e Texto Didático. É importante destacar que cada oficina[28] foi ministrada por integrantes do grupo ETHNÓS que apresentavam proximidade com os temas propostos.

Ao todo foram coletados 110 (cento e dez) questionários. Elaboramos o Quadro 04 (quatro) para ilustrar o quantitativo de questionários coletados por GRE.

GRE	Quantidade de questionários coletados
Agreste Centro Norte	25
Mata Centro	24
Mata Norte	11
Sertão do Moxotó- Ipanema	32
Vale do Capibaribe	18
Total	**110**

Quadro 04 – Relação dos questionários coletados por GRE.

Assim, pudemos constatar que a maior parte dos professores que responderam ao questionário são oriundos da GRE Sertão do Moxotó- Ipanema, e a GRE Mata Norte foi a que teve menor participação.

Em seguida, de posse dos questionários, aplicamos os seguintes critérios para selecionar os sujeitos para a pesquisa, tais quais:

a) Declarar, por meio de suas respostas no questionário com perguntas fechadas (APÊNDICE A), que: É graduado em Educação Física; Apresenta vínculo de professor efetivo com essa rede de ensino; Tem conhecimento sobre a *Orientação para Texto Didático*; Utiliza textos didáticos nas suas aulas de Educação Física; Quando solicitado, pode contribuir com a pesquisa encaminhando para o pesquisador, via *email*, um dos textos didáticos utilizados por ele nas suas aulas de Educação Física; Quando solicitado, pode contribuir com a pesquisa participando de uma entrevista.

Logo, nos foi possível realizar um levantamento dos professores que atenderam aos critérios até a presente etapa (1ª fase da coleta de dados). Para tal construímos o Quadro 05.

GRE	Quantitativo de professores que atenderam a todos os critérios após a 1ª fase da coleta de dados
Agreste Centro Norte	15
Mata Centro	23
Mata Norte	09
Sertão do Moxotó- Ipanema	10
Vale do Capibaribe	15
Total	**72**

[28]Nesse caso, fomos nós (autores desta dissertação) que desenvolvemos a oficina de Luta e Texto Didático.

Quadro 05 – Quantitativo de professores incluídos na pesquisa após a 1ª fase de coleta de dados.

A partir desse achado, pudemos iniciar a 2ª fase da coleta de dados, a qual diz respeito à solicitação de textos didáticos aos 72 (setenta e dois) professores como cumprimento de um dos critérios para que esses sujeitos fossem selecionados para a pesquisa, tal qual:

- ✓ Encaminhar, dentro do prazo estimado, via *email*, um dos textos didáticos utilizados na sua prática pedagógica na Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.

Utilizamos essa ação para identificar os sujeitos que realmente vivenciavam o processo de utilização de textos didáticos na prática pedagógica e que estavam dispostos a contribuir com o desenvolvimento da pesquisa em detrimento daqueles que apenas afirmaram que o fazem, através do questionário.

Assim, encaminhamos um *email* para os 72 (setenta e dois) sujeitos, nos identificando, agradecendo por terem respondido ao questionário e solicitando que, por gentileza, nos encaminhassem um dos textos didáticos que já utilizaram em suas práticas pedagógicas na Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.

Após encaminhar o referido *email*, percebemos que apenas 06 (seis) dos 72 (setenta e dois) *emails* não chegaram aos seus destinatários por algum motivo, pois verificamos que eles retornaram para a caixa de entrada do nosso *email* com uma mensagem de erro. Suspeitamos que alguns problemas possam ter ocorrido, dentre eles:

- ➢ *Email* escrito de forma equivocada por parte do professor;
- ➢ *Email* interpretado de forma equivocada por parte do pesquisador.

Ainda, no *email* que enviamos, determinamos um prazo máximo de 15 (quinze) dias para que os sujeitos pudessem nos encaminhar os textos didáticos.

Após o término desse prazo, apenas 04 (quatro) dos 72 (setenta e dois) professores nos encaminharam o texto didático solicitado, sendo 01 (um) da GRE Agreste Centro Norte; 01 (um) da GRE Mata Centro; 01 (um) da GRE Mata Norte e 01 (um) da GRE Vale do Capibaribe.

Desse modo, reenviamos outro *email* informando sobre a prorrogação do prazo, mas, ainda assim, não obtivemos novos textos didáticos. Podemos ler os textos didáticos enviados pelos professores através dos ANEXOS E, F, G e H.

Em seguida, marcarmos, de forma individual, entrevista semiestruturada (APÊNDICE B) com cada um desses 04 (quatro) professores, sendo essa a 3ª fase da coleta de dados.

Tais entrevistas foram realizadas nas escolas em que os professores lecionavam. Entendemos que essas entrevistas nos possibilitaram uma melhor compreensão sobre o entendimento desses sujeitos acerca dos textos didáticos e o seu processo de elaboração e utilização na prática pedagógica.

Quanto às considerações éticas da pesquisa, é importante deixar claro que entregamos e recebemos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE C) devidamente preenchidos e assinados. Assim como, quando da realização das entrevistas, solicitamos aos sujeitos a permissão para a utilização do gravador de áudio (instrumento de coleta de dados) para captar as suas falas.

Almejando qualificar o rigor científico do procedimento metodológico, optamos por incluir a técnica da observação livre**.** Segundo Trivinõs (1987) a observação livre é uma das técnicas que podem ser utilizadas numa pesquisa qualitativa. Entretanto, o autor alerta que

> "Observar", naturalmente, não é simplesmente olhar. Observar é destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais etc.) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características (cor, tamanho etc.). Observar um "fenômeno social" significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações etc. Individualizam-se ou agrupam-se os fenômenos dentro de uma realidade que é indivisível, essencialmente para descobrir seus aspectos aparenciais e mais profundos, até captar, se for possível, sua essência numa perspectiva específica. (TRIVIÑOS, 1987, p. 153)

Desse modo, optamos por observar as aulas de um dos professores entrevistados, com o objetivo de identificar como se dá o processo de utilização de textos didáticos durante uma unidade de ensino. Para tanto, elaboramos um roteiro de observação (APÊNDICE D).

Vale destacar que escolhemos o Professor 01 para ser o sujeito observado por entendermos, através da análise da sua entrevista, que ele se configura como o docente que expressa maior experiência quando da utilização de textos didáticos na prática pedagógica.

3.4 Análise de dados

Segundo Souza Júnior, Melo e Santiago[29] (2010), a análise dos dados

> [...] ainda que não se dissocie das demais fases, tem como objetivo compreender o que foi coletado, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e ampliar a compreensão de contextos para além do que se pode verificar nas aparências do fenômeno. (p. 34)

A fase de análise de dados foi fundamental para que pudéssemos compreender o material coletado, ou seja, os textos didáticos enviados e, principalmente, as fala dos 04 (quatro) professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco que participaram das entrevistas.

Optamos por realizar uma técnica de análise de dados que, comumente, tem sido utilizada nas pesquisas qualitativas em Educação Física escolar (SOUZA JÚNIOR, MELO e SANTIAGO, 2010), trata-se da análise conteúdo. De acordo com Souza Júnior, Melo e Santiago (2010), “esta consiste num recurso técnico para análise de dados provenientes de mensagens escritas ou transcritas” (p. 34).

Assim, para que pudéssemos proceder com a análise de conteúdo sobre as entrevistas, antes, tivemos que realizar o processo de transcrição, ou seja, tivemos que transformar as falas dos professores (texto oral) em texto escrito.

De acordo com Triviños (1987), a análise conteúdo é um método que pode ser utilizado tanto na pesquisa quantitativa como na investigação qualitativa, mas com aplicação diferente. Do ponto de vista histórico, pode-se dizer que ela nasceu quando os primeiros homens realizaram as primeiras tentativas de interpretar os livros sagrados.

Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo pode ser compreendida como:

> Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / recepção destas mensagens. (p. 42)

Bardin (2011) assinala três etapas básicas no trabalho com a análise de conteúdo: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial.

A pré-análise é simplesmente a organização do material.

A descrição analítica é a etapa na qual o material utilizado na pesquisa é submetido a um estudo aprofundado. Procedimentos como a codificação, a

[29] Vale destacar que esses autores apresentam, por meio dessa obra, a técnica de análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar, então, por conta da sua especificidade, eles foram de extrema importância na orientação teórico-metodológica da análise de dados desse estudo.

classificação e a categorização são básicos nessa instância do estudo. De todas essas análises, surgem os quadros de referências. Uma das características das pesquisas que se utilizam da técnica de análise de conteúdo é a elaboração e exposição de quadros de análise.

Na fase de interpretação inferencial, acontece a reflexão sobre o material e o estabelecimento de relações.

Contudo, existem diferentes tipos de análise de conteúdo, como por exemplo: de expressão, das relações, de avaliação, de enunciação e categorial temática. (SOUZA JÚNIOR, MELO e SANTIAGO, 2010)

Para este estudo, fizemos a opção pela análise de conteúdo do tipo categorial temática. E para consubstanciar tal análise, especificamente nos baseamos no roteiro didático para o tratamento dos dados proposto por Souza Júnior, Melo e Santiago (2010). Para os referidos autores, esse tipo de análise de conteúdo

> [...] se propõe a "descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado", utilizando-a de forma mais interpretativa, em lugar de realizar inferências estatísticas. A análise categorial temática funciona em etapas, por operações de desmembramento do texto em unidades e em categorias para reagrupamento analítico posterior, e comporta dois momentos: o inventário ou isolamento dos elementos e a classificação ou organização das mensagens a partir dos elementos repartidos. (p. 34)

Através do Quadro 06, poderemos visualizar de uma forma mais clara o roteiro didático[30] para análise de conteúdo proposto por Souza Júnior, Melo e Santiago (2010).

ETAPAS	INTENÇÕES	AÇÕES
1ª etapa: Pré-análise	➢ Retomada do objeto e objetivos da pesquisa; ➢ Escolha inicial dos documentos; ➢ Construção inicial de indicadores para a análise: definição de unidades de registro - palavras-chave ou frases; e de unidade de contexto – delimitação do contexto (se necessário);	➢ Leitura flutuante: primeiro contato com os textos, captando o conteúdo genericamente, sem maiores preocupações técnicas; ➢ Constituição do corpus: seguir normas de validade: ✓ Exaustividade - dar conta do roteiro; ✓ Representatividade - dar conta do universo pretendido; ✓ Homogeneidade - coerência interna de temas, técnica se interlocutores; ✓ Pertinência - adequação ao objeto e objetivos do estudo.
2º etapa:	➢ Referenciação dos índices e a	➢ Desmembramento do texto em

[30] Para elaborar esse roteiro, Souza Júnior, Melo e Santiago (2010) se subsidiaram de Bardin (1988) e de Minayo (1998).

Exploração do material	elaboração de indicadores - recortes do texto e categorização; ➢ Preparação e exploração do material - alinhamento;	unidades/categorias - inventário (isolamento dos elementos); ➢ Reagrupamento por categorias para análise posterior - classificação (organização das mensagens a partir dos elementos repartidos)
3º etapa: Tratamento dos dados e interpretação	➢ Interpretações dos dados brutos (falantes); ➢ Estabelecimento de quadros de resultados, pondo em relevo as informações fornecidas pelas análises;	➢ Inferências com uma abordagem variante/qualitativa trabalhando com significações em lugar de inferências estatísticas.

Quadro 06 - Roteiro didático para análise de conteúdo (SOUZA JÚNIOR, MELO e SANTIAGO, 2010)[31].

Então, seguindo as orientações teórico-metodológicas do roteiro acima, durante a pré-análise, elaboramos os indicadores para a análise de conteúdo. Para exemplificar melhor esse procedimento, elaboramos o Quadro 07 que segue abaixo.

Indicadores	
Elemento central	Texto didático na prática pedagógica de professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.
Operacionalização	Entendimento, elaboração e utilização do texto didático.
Categorias[32] analíticas	Texto didático; prática pedagógica.
Categorias empíricas	Possibilidades, limites e contribuições.

Quadro 07 – Indicadores para a análise de conteúdo.

Em seguida, durante a fase de exploração do material (2ª fase da análise de conteúdo), delimitamos as unidades de codificação/categorização de registro e de contexto, como se vê o exemplo do Quadro 08.

Categoria empírica **Possibilidades** (quanto ao uso)		**Professor 03**
Unidades de contexto	**Unidades de registro**	
Local	Sala de aula	"... eu prefiro trazer o texto e desenvolver na sala de aula...".
Forma de uso		"... que eles falem do entendimento deles ou tragam perguntas para responderem de acordo com a leitura do texto".
Disponibilização	Xerox comprada pelo aluno	"No início, eu tentei fazer com que os alunos, em cada unidade, comprassem o seu texto, e aí... ficassem com o seu texto, mas não deu certo...".
	Xerox trazida pelo professor	"Aí... eu mesmo estou trazendo esses textos. Trabalho com o aluno na sala de aula, mas, infelizmente, eu não estou deixando o texto com eles. Eu pego, porque aí... eu vou precisar trabalhar em outras turmas. Porque, se não, o custo fica muito alto pra mim e no final vai ser um prejuízo imenso."
	Xerox financiada	"... alguns que não pagam não valorizam... Agora, já percebi de alunos se interessarem pelo texto. Aí eu disponibilizo. Não a

[31] Esse quadro foi extraído na íntegra do texto de Souza Júnior, Melo e Santiago (2010).

[32] As categorias analíticas podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais. Já as categorias empíricas são aquelas construídas visando ao trabalho de campo ou a partir do trabalho de campo. No nosso caso, elas foram elaboradas visando o trabalho de campo, ou seja, antes de irmos a campo já as tínhamos definido. Elas correspondem às especificidades que se expressam na realidade empírica. (MINAYO, 1998)

	pelo professor	grande maioria, mas dois, quatro, cinco numa sala... ‘Professor, eu queria ter acesso a esse texto...’. Aí, então, eu disponibilizo a xerox do texto para eles, mesmo sem eles pagarem nada”.
	Por Pendrive	“Agora... com os alunos do 3º ano, que eles têm agora o Tablet, o computador. Eu pego o texto, trago no Pendrive, com muita antecedência, deixo o Pendrive com o aluno titular da turma e ele sai passando para todos os computadores”.

Quadro 08 – Identificação das unidades de registro e contexto.

Para tanto, foi necessário classificar os 04 (quatro) professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco que foram sujeitos dessa pesquisa. Então, optamos por classificá-los, de forma aleatória, com a numeração entre 01 (um) e 04 (quatro). Assim, foram sujeitos desta pesquisa o Professor 01, o Professor 02, o Professor 03 e o Professor 04.

O Quadro 08 mostra um exemplo de inventário preenchido a respeito da categoria empírica *possibilidades quanto ao uso do texto didático na prática pedagógica* do professor 03. Através dele pode-se fazer uma série de inferências.

Após elaborarmos todos os inventários (APÊNDICE E), referentes a todas as categorias empíricas (possibilidades, limites e contribuições quanto ao uso e quanto à elaboração de textos didáticos), a respeito de todos os professores (01, 02, 03 e 04), pudemos passar para a última fase da análise de conteúdo.

Na última fase da análise de conteúdo, subsidiados pelos quadros de análise elaborados, realizamos as interpretações e inferências, priorizando as significações em detrimentos de inferências estatísticas. (SOUZA JÚNIOR, MELO e SANTIAGO, 2010).

4. TEXTOS DIDÁTICOS: o contexto dos professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco

4.1 Uma análise sobre os textos didáticos

Como vimos na descrição dos procedimentos metodológicos, coletamos um total de 04 (quatro) textos didáticos utilizados na prática pedagógica de 04 (quatro) professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.

Realizamos uma análise sobre os materiais recebidos almejando identificar a perspectiva em que foram elaborados, bem como os distanciamentos e as aproximações com o documento de *Orientação para texto didático* fomentado pelo programa de formação continuada de que os referidos professores participaram. Vale destacar que ter conhecimento sobre tais orientações foi um dos critérios de seleção dos sujeitos pesquisados.

O texto didático enviado pelo professor 01 se configura como um "teste de fixação", como o próprio docente o intitula. Seu conteúdo é constituído por 08 (oito) questões de provas anteriores (anos de 2009, 2010 e 2011) do vestibular da Universidade Estadual de Maringá-PR (UEM), a qual desde 2006 traz a Educação Física como uma das disciplinas que compõem o seu processo seletivo (MIRANDA, LARA e RINALDI, 2009)[33]. Poderíamos até questionar se um material como esse pode ser considerado um texto didático, todavia, por meio do estudo de Fontana (2006), entendemos que um texto didático pode realizar-se, também, através de questões de atividade ou prova.

Com exceção da última questão, que discorre sobre Atividade Física e Saúde, as questões desse texto didático versam sobre o conteúdo Lutas.

---

[33] Em 2006, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEM aprovou a disciplina de Educação Física como uma das matérias exigidas na prova geral do seu vestibular, realizada por todos os candidatos. Entretanto, essa tomada de decisão foi criticada por algumas escolas privadas (e cursinhos preparatórios) que alegaram que muitas delas nem ofereciam aulas de Educação Física, o que sabemos que, conforme a LDB 9.394/96, é ilegal. Em síntese, esse sentimento de indignação da esfera privada culminou em um recurso (movido por um dos seus representantes) que, infelizmente, foi deferido. Devido a esse contexto, o referido componente curricular passou a ser exigido apenas para a prova específica, ou seja, passou a integrar apenas os exames dos candidatos que prestam vestibular para o curso de Educação Física. É importante destacar que, mesmo assim, sua permanência no vestibular de uma universidade pública representa uma conquista histórica para a área, pois até os dias atuais não se tem registro de nenhuma outra IES do país que tenha a Educação Física como uma das matérias presentes no seu processo seletivo. (MIRANDA, LARA e RINALDI, 2009)

Constatamos que o texto didático enviado pelo Professor 01[34] foi idealizado a partir da realidade da sua prática pedagógica, assim como sugere a *Orientação para texto didático*, pois foi pensado para ser utilizado por discentes do 3º ano do Ensino Médio que estariam brevemente prestando o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que, assim como o vestibular da UEM, contempla questões sobre os conhecimentos da Educação Física[35].

Entretanto, devido a sua especificidade (aspecto avaliativo do ponto de vista da testagem, assim como são os vestibulares e o ENEM), esse texto didático se distancia das demais indicações da *Orientação para texto didático*, tais quais: contemplar ações interdisciplinares, ilustrações, sínteses conceituais e classificações da temática geral e específica da unidade de ensino.

Do ponto de vista da sua elaboração, percebe-se que o professor se preocupou em pesquisar as provas dos vestibulares anteriores da UEM para realizar um levantamento e um recorte das questões relacionadas ao conteúdo de ensino da unidade (Lutas) que ele e os discentes estavam vivenciando naquele período. Portanto, notamos que o referido material se aproxima do conceito de texto didatizado trazido por Silva *et al*. (2007), no qual o professor atua como sujeito do processo, pesquisando textos em diferentes fontes, e deles realiza recortes para compor o seu material de aula, embora sem uma elaboração própria.

O texto didático enviado pelo Professor 02, por sua vez, aborda o conteúdo basquete, descrevendo alguns dos seus fundamentos técnicos e táticos e as suas regras básicas. Observa-se que, para elaborá-lo, esse docente se apropriou do conteúdo disponível em uma página da internet (*blog*) e realizou os devidos recortes para compor o seu texto didático, vivenciando, portanto, assim como o Professor 01, o processo de seleção e organização do conteúdo a ser ensinado.

Levando em consideração que as fontes que o Professor 01 e 02 utilizaram para construir os seus textos didáticos não foram concebidas para a finalidade do

---

[34] Vale ressaltar que, embora tenha sido solicitado apenas 01 (um) texto didático utilizado na sua prática pedagógica, o Professor 01 nos enviou 03 (três) deles. Então, como tínhamos que escolher apenas um, optamos por esse “teste de fixação” por se tratar de um texto didático com características diferentes dos demais, o que, na nossa análise, traz outras contribuições para o estudo.

[35] A Educação Física passou a compor o ENEM em 2009, quando o MEC, por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), publicou a Matriz de Referência desse exame incluindo conhecimentos dessa disciplina. A Educação Física está inserida na área de Linguagens Códigos e suas Tecnologias, portanto se faz presente no caderno de provas do 2º dia de realização do exame. Em média, em cada prova do ENEM estão presentes 03 (três) questões de Educação Física.

ensino, podemos dizer que ambos os docentes efetivaram o que Fontana (2006) considera por transposição didática, ou seja, transformaram o texto-fonte em texto didático.

Notamos que o texto didático do Professor 02 se aproxima da *Orientação para texto didático* na medida em que foi construído contemplando ilustrações, explicações e exemplificações acerca dos saberes específicos. Contudo, se distancia por não apresentar ações interdisciplinares, exercícios de aprendizagem e uma linguagem fluente dialógica.

Embora os professores citados até o momento tenham se inserido na busca pelo conhecimento (FREIRE, 1997), tenham realizado uma pesquisa para poder construir os seus textos didáticos, tal construção se alicerçou em recortes, ou seja, não apresentaram uma elaboração própria sobre o conteúdo. Com isso, não se aproximam do conceito de texto didatizado, no segundo nível propriamente dito, fomentado no estudo de Silva *et al*. (2007), em que o professor pesquisa em diferentes fontes e, com o que considera adequado, elabora ele mesmo o seu trabalho, instaurando-se como sujeito do processo de didatização. Logo, também se distanciam, nesse aspecto, do entendimento de texto didático presente na *Orientação para texto didático,* o qual se aproxima dessa perspectiva de texto didatizado de Silva *et al*. (2007).

Não estamos afirmando que os textos didáticos enviados por ambos os professores são de má qualidade, apenas ressaltamos que existe outra perspectiva de elaboração que apresenta avanços frente à revelada em seus materiais. Identificamos que essa elaboração pautada em recortes pode estar atrelada às limitações do contexto da prática pedagógica dos docentes, pois, como destaca Rodrigues (2009), muitas vezes a realidade escolar exige alternativas que nem sempre são as consideradas ideais. Abordaremos esse ponto com maior ênfase no subcapítulo 4.3.

O Professor 03 nos encaminhou um texto didático que trata do conteúdo Lutas. Identificamos que, para a sua elaboração, o referido docente utilizou um artigo de um periódico científico da área da Educação Física. No entanto, o texto que subsidiou a constituição desse material corresponde a uma produção concebida para professores de Educação Física. Assim, acreditamos que caberia uma transposição didática para transformar o texto fonte (artigo) em um texto melhor assimilável pelos alunos da Educação Básica. Seria preciso que o docente: a)

selecionasse os aspectos pertinentes para o ensino; b) contextualizasse o tópico selecionado e o adequasse aos objetivos de ensino; (c) sistematizasse e tornasse acessível esse conhecimento aos aprendizes, por meio de operações de linguagem (FONTANA, 2006).

Apesar disso, identifica-se que o material encaminhado apresenta alguns elementos sugeridos na *Orientação para texto didático* como, por exemplo: articulação com as atividades vivenciadas nas experimentações das práticas corporais; ilustrações; fomento dos valores sociais que perpassam o conteúdo; explicações conceituais e classificações acerca do conhecimento estudo.

O texto didático enviado pelo Professor 04, assim como o texto do Professor 03, também se trata de um texto elaborado com base em recortes de um trabalho acadêmico que, por sua vez, se configura como um material pensado muito mais para os docentes do que para os discentes. Desse modo, notamos que o referido texto didático também carece de um processo de transposição didática para que se aproxime mais da realidade da prática pedagógica. Seu texto faz referência ao conteúdo Ginástica Artística. Em síntese, o documento encaminhado aponta uma série de orientações progressivas para a realização dos movimentos: roda e rodante.

Contudo, assim como o material enviado pelo Professor 03, esse texto também se configura como um texto didático, pois apresenta potencial para ajudar professor e alunos no processo de ensino e aprendizagem do conteúdo da unidade. Aproxima-se da *Orientação para texto didático* ao trazer: sínteses conceituais sobre a temática estudada e articulações teórico-práticas sobre o conteúdo.

De um modo geral, percebe-se que os textos didáticos enviados pelos professores pesquisados se traduzem em textos compostos por recortes de outros textos (texto fonte), sendo que uns apresentam maior cuidado (textos didáticos dos professores 01 e 02) do que outros (textos didáticos dos professores 03 e 04) quando do ponto de vista da transposição didática.

Bem como se observa que, por maiores que sejam as suas fragilidades, esses textos didáticos se configuram como recursos materiais que foram constituídos mediante um processo de seleção e organização do conhecimento, representando o resultado das pesquisas do professor acerca do conteúdo de ensino da unidade.

Por fim, notamos que os textos didáticos analisados ora se aproximam, ora se distanciam da *Orientação para texto didático.* As aproximações, na maioria das vezes, corresponderam à inclusão de explicações conceituais acerca dos saberes específicos e à inclusão de ilustrações. Por outro lado, sentimos falta de aspectos importantes sugeridos pelo referido documento de orientação, tais quais: ações interdisciplinares, exercícios de aprendizagem e uma linguagem fluente dialógica.

Lembramos que a *Orientação para texto didático* é só um dos documentos elaborados no seio do programa de formação continuada dos professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco com o intuito de trazer contribuições teórico-metodológicas para a qualificação da prática pedagógica, portanto, são apenas sugestões para serem vivenciadas pelos docentes.

4.2 O entendimento sobre textos didáticos

A forma de produção e de utilização de um objeto estabelece íntima relação com o modo em que ele é entendido, portanto, faz-se necessário compreender qual a concepção de textos didáticos dos professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco que participaram deste estudo.

Por meio da fala do Professor 01, percebemos que o texto didático é entendido como um importante recurso material, capaz de desempenhar funções que contribuem para o processo de ensino e de aprendizagem dos conteúdos da Educação Física:

> Texto didático pra mim é um instrumento importante que ajuda, facilita no processo de ensino-aprendizagem do educando, que norteia, direciona a prática pedagógica e, sem ele, eu sinto que existe certa deficiência da aprendizagem. Porque ele norteia, como eu já disse, e facilita na absorção do que está sendo passado em termos de conteúdo. (PROFESSOR 01)

Identificamos que o docente apresenta uma aproximação com o posicionamento de Paula (2003), compreendendo o texto didático como um recurso tão importante que não utilizá-lo na prática pedagógica significa dar um trato superficial ao conteúdo, ou seja, sente que a sua ausência causa uma deficiência na aprendizagem do educando. Notamos, também, que esse sujeito acaba concordando com Carmo (1999), ao percebê-lo como um instrumento que tem potencial para apoiar a prática pedagógica como um facilitador da aprendizagem.

Percebe-se que o seu entendimento acerca de texto didático se assemelha ao que está expresso na *Orientação para texto didático*, uma vez que o visualiza como "um instrumento de apoio à prática pedagógica", assim como um recurso pedagógico que auxilia os "sujeitos educacionais na apropriação e produção do conhecimento".

Esse mesmo professor visualiza uma interessante diferença conceitual entre o objeto texto didático, que utiliza na prática pedagógica, e o livro didático. De acordo com o docente, o

> [...] livro didático é uma coisa, mas o texto... ele é totalmente diferente. O livro didático é aquela coisa padrão, seu texto didático é flexível. É flexível porque você pode montá-lo de acordo com a sua realidade, com o seu jeito. (PROFESSOR 01)

Compreendemos que esse sujeito faz alusão ao livro didático que, normalmente, chega até as mãos do docente (dos outros componentes curriculares) e dos discentes pronto para ser utilizado na prática pedagógica (rígido) e que, em geral, são elaborados por autores contratados por editoras, os quais estão distante da realidade que o professor e os seus alunos vivenciam, sendo, inclusive, alvo de várias críticas. Por outro lado, aponta o texto didático como um recurso material que apresenta um salto qualitativo frente ao livro didático por sua característica de flexibilidade, ou seja, pelo fato de ser o próprio professor o seu "montador", pode elaborá-lo com base na realidade da sua prática pedagógica[36].

Desse modo, assim como constatamos durante a análise do texto didático enviado pelo Professor 01, identificamos que a sua concepção sobre esse tipo de recurso material perpassa pelo conceito de texto didatizado trazido por Silva *et al.*(2007), no qual o docente atua como sujeito do processo da sua construção, realizando, porém, recortes de outros textos para "montá-lo", sem uma elaboração própria.

Entendemos que essa "elaboração própria" corresponde a uma forma de produção de textos didáticos que transcende a alocação de recortes de textos (montagem), mesmo que tal procedimento atenda a uma sequência lógica coerente. Compreendemos que essa "elaboração própria" se assemelha à produção de um artigo científico, no qual, para produzi-lo, o sujeito se apropria de outros referenciais

---

[36] De acordo com Aguiar *et al*. (2005), referindo-se a criação de materiais curriculares, "[...] o fato das escolas não adotarem livros de texto para a Educação Física, isso oferece ao professor a oportunidade de 'criar' seu material [...]" (p. 08).

teóricos, mas dá uma conotação de originalidade ao material, passando a ser, portanto, o seu autor.

O Professor 02, por sua vez, vê o texto didático como uma forma de organizar o conteúdo a ser ministrado. De acordo com esse sujeito, “[...] o texto didático é isso, ele vai proporcionar essa organização do conteúdo e a organização da idéia, o que é esse conteúdo e como ele vai acontecer de uma forma cronológica [...]”. Observamos que ele aponta o texto didático como um recurso vinculado à organização e à sistematização do conhecimento. Esse entendimento se aproxima da afirmação que Azevedo (2000) faz, ao dizer que é dessa forma que alguns linguistas caracterizam o texto didático, um texto que objetiva tratar sistematizadamente o conhecimento em situações didáticas.

Vale lembrar que existe uma relação histórica entre os textos didáticos (presentes no suporte livro didático) e a sistematização do conteúdo, ao ponto do primeiro reger/direcionar o segundo, o que também se configura como uma das críticas que esses recursos materiais recebem. Isso é comum de acontecer na prática pedagógica das disciplinas tradicionais do currículo escolar.

Ao falar sobre o conceito de texto didático, o Professor 03 relata que se trata de uma fonte, um subsídio, algo que ele utiliza para trabalhar os conteúdos da Educação Física com os seus alunos. Desse modo, identificamos que o seu entendimento acerca de texto didático estabelece uma relação com uma das potencialidades que esse recurso material apresenta para apoiar o processo de ensino-aprendizagem, tal qual: colaborar como fonte de consulta (CARMO, 1999).

Já o Professor 04 entende que o texto didático é a materialização daquilo que ele irá aplicar na aula. São as formas, os métodos, os temas que ele organiza para aplicar na prática pedagógica, se aproximando, portanto, do entendimento do Professor 03.

Então percebemos que, de uma forma geral, quando indagados sobre o entendimento acerca de textos didáticos, os professores responderam fazendo referência às funções que esse recurso material desempenha na sua prática pedagógica. E que, essas funções, consequentemente, trazem contribuições importantes.

Identificamos, portanto, aproximações entre o entendimento de texto didático revelado pelos professores entrevistados com a concepção expressa na *Orientação para texto didático*, a qual também faz referência a sua função social,

compreendendo-o como um instrumento de apoio à prática pedagógica, de uso do professor e do estudante, que através da linguagem escrita permite uma interação entre o conhecimento e os sujeitos da educação. Afirmando-o como um recurso material que pode contribuir para a dinamização do ensinar e do aprender Educação Física.

4.3 A elaboração dos textos didáticos

A elaboração de textos didáticos é fomentada pelo programa de formação continuada dos professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco desde o primeiro semestre de 2009, por meio de palestras, debates, documentos (*Orientação para texto didático*) e oficinas. Entretanto, as orientações desse programa em momento algum foram apresentadas como ordens para serem acatadas rigidamente, pelo contrário, trata-se de sugestões, possibilidades flexíveis a materializar-se de acordo com a realidade encontrada na prática pedagógica do professor.

Desse modo, os quatro professores, sujeitos desta pesquisa, apresentam **possibilidades de elaboração de textos didáticos** que ora se aproximam, ora se distanciam da *Orientação para texto didático*, pois, como bem relata o Professor 01: “[...] cada um tem um jeito de preparar o seu texto didático”.

Quanto ao local em que esses sujeitos realizam a atividade de elaboração de textos didáticos, identificamos, por meio de suas falas, que optam por construí-los em suas residências.

O Professor 03 revela que a sua escola lhe oferece tempo (horas-aula) e espaço (as instalações da própria escola) para que ele realize atividades como, por exemplo, a elaboração de textos didáticos. Mas esse docente acaba concretizando essa ação na sua residência, nos finais de semana, por utilizar esse “tempo disponibilizado” para lecionar em outras instituições de ensino.

> A gente aqui na escola... nós temos também umas aulas disponíveis para isso. Que seria o horário para agente está aqui na escola. Muitas vezes não acontece de a gente está. Não é? Devido à correria em outras escolas. Eu faço muito isso em casa, em final de semana. (PROFESSOR 03)

Compreendemos que o docente no Brasil, de um modo geral, compartilha de uma complicada realidade, a começar pelos baixos salários (PERNAMBUCO,2010),

o que o obriga a ter mais de um trabalho. No entanto convém fazer as seguintes considerações.

O artigo 67 (sessenta e sete), inciso V, da atual LDB, assinala que os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público: “período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho” (BRASIL, 1996).

A Lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996, por sua vez, informa, através do seu artigo 16 (dezesseis), incisos I e II, que a carga horária do professor da Rede Estadual de Ensino do Estado de Pernambuco é composta por horas-aula em regência de classe e por horas-aula atividade. De acordo com o referido artigo,

> § 1º - As horas-aula atividade corresponderão a 20% (vinte por cento) da carga horária total do professor, para docentes que desenvolvam suas atividades em classes da pré-escola e de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental.
> § 2º - As horas-aula atividade corresponderão a 30% (trinta por cento) da carga horária total do professor, para docentes que desenvolvam suas atividades em classes de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.
> § 3º - A hora-aula em regência de classe é a atividade de ensino-aprendizagem desempenhada em sala de aula na escola ou em espaço pedagógico correlato.
> § 4º - A hora-aula atividade compreende as ações de preparação, acompanhamento e avaliação de prática pedagógica e inclui:
> a) elaboração de planos de atividades curriculares, provas e correção de trabalhos escolares;
> b) participação em eventos, reflexão da prática pedagógica, estudos, debates, avaliações, pesquisas e trocas de experiências;
> c) aprofundamento da formação docente;
> d) participação em reuniões de pais e mestres e da comunidade escolar;
> e) atendimento pedagógica a alunos e pais. (PERNAMBUCO, 1996)

Ainda destacamos o artigo 17 (dezessete) dessa mesma lei, o qual sinaliza que “o professor regente planejará anualmente a utilização de suas horas-aula atividade, devendo desenvolvê-las na escola” (PERNAMBUCO, 1996). E o seu artigo 44 (quarenta e quatro), que nos informa que

> será admitido o desempenho de até 50% (cinquenta por cento), das horas atividades fora da escola, dos professores localizados em unidades de ensino em que não exista biblioteca, sala de professor e material didático-pedagógico. (PERNAMBUCO, 1996)

Desse modo, compreendemos que a lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996, prevê que o professor da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco tenha uma parte da sua carga horária reservada para as importantes atividades que precede e procede a regência de aulas como, por exemplo, a elaboração de textos didáticos, o

planejamento das aulas, a correção de trabalhos e provas etc. Entretanto, essa mesma lei enfatiza que tais horas-aula atividade devem ser cumpridas na escola em que o professor trabalha, salvo em alguns casos específicos como, por exemplo, se a sua escola não dispuser de biblioteca, sala de professores e material didático-pedagógico, nesse caso o docente poderá desenvolver metade delas em outro ambiente que não seja a sua escola.

No caso do Professor 03, que leciona no Ensino Médio, a Lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996, prevê que 30% (trinta por cento) da sua carga horária sejam de horas-aula atividade. Tendo em vista que esse docente possui regime de trabalho[37] de 200 (duzentas) horas-aulas mensais, fazendo um simples cálculo matemático percebe-se que ele dispõe de 60 (sessenta) horas-aula por mês, ou 12 (doze) horas-aula por semana, para desempenhar tais atividades. Conforme o artigo 15 (quinze) da referida lei, "a duração da hora-aula em qualquer dos turnos diurnos de trabalho, quer na regência ou na execução de atividades técnico-pedagógicas, será de 50 (cinquenta) minutos" (PERNAMBUCO, 1996). Logo concluí-se que o docente em questão conta com 3.000 (três mil) minutos, ou 50 horas (de relógio), de horas-aula atividade por mês. Porém, apesar de ter ciência que dispõe de uma carga-horária específica para esse fim, faz a opção de utilizá-la para trabalhar em outras escolas, tendo, portanto, de fazer a elaboração de textos didáticos em sua residência, como nos revela em sua fala.

Exercer docência transcende o "ministrar aulas". Entendemos que anteriormente à aula deve existir um processo de reflexão, planejamento, leituras, acúmulo e apropriação de conteúdo, produção de material didático entre outros, o que irá contribuir para a qualificação da prática pedagógica. O sindicato dos professores, historicamente, vem travando uma luta política com as gestões de governo em prol do aumento da carga-horária destinada para esses fins (antigamente chamada de aulas brancas).

> [...] tem havido reclamações de que os professores dispõem de pouco tempo para leituras, para preparar aulas e fazer pesquisas que poderiam melhorar o nível de suas aulas. Esses professores argumentam ainda que recebem baixos salários e que por isso são obrigados a ministrar muitas

[37] Quanto à jornada de trabalho do professor da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, precisamos considerar os seguintes artigos e parágrafo da lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996: Art. 14 - O regime de trabalho do professor do Serviço Público do Estado de Pernambuco é fixado em hora-aula, independente da função que exerça e do nível de ensino em que atue. Parágrafo único - A carga horária do professor terá duração mínima de 30 (trinta) horas-aula semanais, correspondentes a 150 (cento e cinquenta) horas-aula mensais e a duração máxima de 40 (quarenta) horas-aula semanais, correspondentes a 200 (duzentas) horas-aulas mensais.

> aulas, o que significa falta de tempo para quaisquer outras atividades relacionadas ao ensino, (cf. *Resoluções do I Congresso Estadual de Professores do Ensino Oficial de Pernambuco,* 23-26/10/87, resolução n. 4/3). Tanto o SINPRO quanto a APENOPE têm feito campanhas para aumentar o número de aulas brancas que poderiam ser usadas para essas atividades. Isso lhes permitiria, tem-se arguido, permanecer mais tempo em suas escolas sem ter de "correr" de uma escola para outra para ministrar o maior número de aulas possível e assim aumentar seus salários. Ao mesmo tempo, isso significaria melhores aulas e um aumento geral no nível de ensino e aprendizagem. (MORAIS, 1994)

Entretanto, compreendemos que não basta apenas aumentar as horas-aula atividade dos docentes da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, mas qualificar, inclusive quantitativamente, os seus salários para que não necessitem utilizá-las para “correrem” para ministrarem aulas em outras escolas.

Mas, infelizmente, na atual conjuntura em que se encontra a situação dos professores da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, o docente tem pelo menos duas escolhas. A primeira é desenvolver as suas horas-aula atividade na escola, tendo, no caso, uma perda salarial por não estar utilizando-as para ministrar aulas em outras instituições de ensino. E a segunda é utilizar as suas horas-aula atividade para lecionar em outras escolas, aumentando a sua renda mensal, deixando, portanto, para fazer na sua residência, quando possível, aquilo que deveria ser realizado nas suas escolas por meio das suas horas-atividade. Acreditamos que a assustadora maioria dos docentes brasileiros faz a segunda opção.

O Professor 01 percebe que elaborar textos didáticos em sua residência implica em “levar trabalho para casa”, por outro lado, entende que essa opção lhe possibilita uma melhor concentração para desenvolver a elaboração dos seus textos didáticos.

> [...] eu elaboro os meus textos em casa. Então, é outro expediente que eu utilizo fora do ambiente escolar. Até porque... para mim é até melhor a questão da concentração. (PROFESSOR 01)

Com isso, observa-se que, além do tempo necessário, o docente carece de um espaço adequado que lhe permita desenvolver a elaboração de textos didáticos. Como vimos, a Lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996, orienta que as horas-aula atividade (tempo que o professor dispõe para realizar atividades como, por exemplo, a elaboração de textos didáticos) sejam desenvolvidas na escola em que o professor trabalha. Mas será que todas as escolas da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco oferecem as condições necessárias para isso? Provavelmente não! Por

isso, essa mesma lei prevê que, nesses casos, o professor pode desenvolver metade das suas horas-aula atividade em outro ambiente. Mas quais seriam as condições necessárias para a elaboração de textos didáticos? Com base na fala do Professor 01, já podemos dizer que tais condições perpassam, pelo menos, por um local que ofereça concentração para o docente.

O Professor 04 também afirma construir os seus textos didáticos nos finais de semana, e no turno da noite.

> Eu entro pela noite, eu faço nos finais de semana. Por exemplo, eu tenho conteúdos aqui, textos para todo o bimestre, porque já venho preparando em várias noites anteriores, vários finais de semana. (PROFESSOR 04)

De um modo geral, percebemos que tempo e espaço adequado se constituem como fatores fundamentais para que o professor possa desenvolver a elaboração de textos didáticos. Identificou-se que esse tempo é previsto pela Lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996, na forma de horas-aula atividade, porém observou-se que os professores entrevistados fazem opção pela possibilidade de realizar essa atividade em suas residências.

Quanto ao instrumento utilizado para realizar a elaboração dos textos didáticos, identificamos que os professores fazem uso do computador (seja ele na forma de *desktop* ou *notebook*[38]), o que mostra que são docentes familiarizados com as novas tecnologias.

Compreendemos que o computador se configura como uma importante ferramenta na construção de textos didáticos, pois ele nos possibilita realizar uma série de funções, tais quais: pesquisar (se conectado a internet); ler; estudar; digitar textos escritos; desenhar; colorir[39] e descolorir; recortar, copiar e colar figuras e textos escritos; diminuir ou aumentar o tamanho de letras; alterar fontes etc.

No que diz respeito àquilo que os professores tomam como ponto de partida para construírem os seus textos didáticos, identificamos a realidade encontrada na prática pedagógica e as Orientações Teórico-Metodológicas (OTM) para o Ensino Fundamental e Médio para a disciplina Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco como os dois grandes elementos balizadores dessa atividade, assim como indica a *Orientação para texto didático*.

---

[38] Entre os anos de 2010 e 2011, a SEDUC-PE promoveu um programa de inclusão digital, chamado de “Professor Conectado”. Através desse programa, todos os professores da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco receberam um valor de R$ 2.000,00 (dois mil reais), nos seus contracheques, para adquirirem um notebook.

[39] Carmo (1999) considera que as cores desempenham um papel importante em um texto didático.

O Professor 01, o qual diz basear a elaboração dos seus textos didáticos nos conteúdos propostos pelas OTM (unidades didáticas de jogo, esporte, ginástica, luta/dança), também considera a realidade da prática pedagógica para esse fim e cita o seguinte exemplo:

> [...] o conteúdo de handebol, esporte coletivo, que tem tanto a parte técnica, tática, quanto a parte dos fundamentos práticos mesmo. Quando tem assuntos da parte técnica que não dá para ser feito, então, ele não entra na elaboração do meu texto didático. Não é que eu estou negligenciando o conteúdo, eu falo, explico aos alunos, mas só não é cobrado como avaliativo. (PROFESSOR 01)

Percebemos que, desse jeito, o docente estabelece uma relação de entrelaçamento com o que será abordado pelo texto didático, o que será vivenciado por meio das experimentações corporais e o que estará presente no instrumento de avaliação.

O Professor 03 também afirma observar a OTM para elaborar os seus textos didáticos, construindo-os de acordo com as unidades didáticas que esse documento propõe para cada série/ano de escolarização.

O Professor 04, por sua vez, organiza os seus textos didáticos tomando por base a realidade da sua prática pedagógica, considerando, portanto, o ciclo de aprendizagem dos seus alunos, as características das suas turmas, o tempo pedagógico que terá no bimestre. Como também cita o uso das orientações (OTM) da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco para respaldar essa ação.

> É evidente que as normas que a escola, o estado, não impõe, mas delimita para que o professor siga durante o ano... Então, eu vou elaborando os textos de acordo com essas normativas. Evidente que eu vou dando o meu jeito na coisa. Penso o tema de acordo com as normas, esse tema eu vou adequando à realidade que eu tenho, à situação dos alunos, da minha turma. (PROFESSOR 04)

Já o Professor 02 relata que constrói o texto didático tomando como referência a sua percepção sobre como acontece a aprendizagem de determinado conteúdo, inclusive, se colocando no lugar do estudante.

> Eu começo a imaginar como é que eu aprenderia, como é que fica fácil para que eu aprenda. Então, às vezes fico imaginando quando era estudante, como era que eu gostava que meu professor atuasse. Quando ele atuava, como era que eu aprendia. Então, eu vou construindo de acordo com o meu aprendizado, como é que eu aprendo. Agora, sempre facilitando... (PROFESSOR 02)
> Então, dessa forma eu consigo construir de uma forma bem cronológica, às vezes de uma forma bem... de uma ordem crescente, vamos dizer assim... partindo do simples para uma forma mais complexa... Porque eu consigo compreender assim, então eu acho que eles vão compreender assim. (PROFESSOR 02)

Desse modo, percebemos que, em geral, os professores apresentam formas pertinentes para balizarem a construção dos seus textos didáticos, não se tratando, portanto, de uma elaboração aleatória, sem parâmetros. Identificamos, também, nas entrelinhas das falas, que a *Orientação para texto didático* parece referenciar a produção desses recursos materiais, pois os docentes acabam por realizar procedimentos semelhantes aos que são propostos por esse documento, como por exemplo:construí-los “a partir das orientações da Matriz Curricular da Rede Estadual e da realidade da prática pedagógica dos professores”.

Quanto às fontes utilizadas para subsidiar o processo de elaboração dos textos didáticos, os sujeitos entrevistados narram lançar mão de livros da área da Educação Física (que não são livros didáticos) e, principalmente, da internet.

Como descreve Darido *et al*. (2010), é possível, inclusive, fazer uso dos diversos livros produzidos no interior do campo da Educação Física (livros sobre jogos, exercícios e esportes etc.) de forma didática, mesmo que eles não tenham sido concebidos para tal.

Porém, identifica-se que, ao se apropriarem dessas fontes, os docentes entrevistados realizam o processo de transposição didática para constituir os seus textos didáticos, tornando os conhecimentos assimiláveis para os seus alunos (BATISTA, ROJO e ZÚÑIGA, 2008).

Além dos livros da área e de textos disponíveis na internet, o Professor 01 relata considerar as experiências vivenciadas nos encontros promovidos pelo programa de formação continuada da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.

> Durante a graduação, eu fiz como se fosse um acervo literário próprio. Eu tenho livros de todos os conteúdos e me baseio por eles para fazer a elaboração dos meus textos. Quando eu vou para as capacitações e vejo experiências, também utilizo como sugestões, além dos sites da própria internet que hoje é a biblioteca universal que a gente encontra para fazer essa elaboração. Então, eu utilizo livros, a internet, as experiências dos colegas [...] (PROFESSOR 01)

Com isso, notamos que os conhecimentos tratados nos encontros de formação continuada contribuem com a formação do professor ao ampliar as suas referências teórico-metodológicas que, por sua vez, qualificam a prática pedagógica.

O Professor 02 também destaca a internet como uma fonte que lhe possibilita elaborar textos didáticos.

> Eu geralmente pego da internet. Vou procurar na internet, vou procurar aqueles textos que são bem mais resumidos. Então, às vezes faço uma colagem, às vezes imprimo aquele já pronto, leio e passo para eles. (PROFESSOR 02)

Por sua vez, o Professor 03 descreve que, apesar de ter vários livros da área (livros não didáticos), utiliza mais a internet como fonte de pesquisa para subsidiar a construção dos seus textos didáticos, principalmente quando essa atividade está relacionada aos conteúdos de menor tradição na Educação Física Escolar: a dança e a luta.

> Eu pesquiso muito, eu vou muito de internet. Eu utilizo pouco os livros. Apesar de ser uma dificuldade, eu tenho muitos livros de Educação Física. Mas, por exemplo, quando a gente vai para a parte de dança, de luta... a gente sente uma dificuldade maior. Esporte, ginástica, jogos eu tenho vários livros, mas utilizo pouco os livros, é mais pesquisa de internet mesmo. Eu vou na internet, pesquiso pelo tema lá e vou montando o meu texto. (PROFESSOR 03)

Essa sua fala se confirma no texto didático que nos encaminhou, o qual foi objeto de análise. Pois identificamos que o material trata justamente do conteúdo Luta e se traduz em um artigo de um periódico científico *online* da área da Educação Física, portanto apresenta limitações.

Na sequência, o Professor 04 também faz alusão ao uso da internet e de livros como fontes para a sua elaboração de textos didáticos.

> Vou para as mídias, vou para os livros, vou para as referências... Pode ser o computador, pode ser a internet, como seja. Vou encontrando... Evidente que eu já tenho em mente aquilo que eu vou... onde eu vou buscar. (PROFESSOR 04)

Compreendemos que não poderia ser diferente. A internet chega para revolucionar a forma de pesquisar e se configura como o meio de busca de informações mais atualizado, rápido e eficaz que já se criou na história da humanidade. Portanto, deve ser utilizada sim, como uma interessante fonte para respaldar a elaboração de textos didáticos. Contudo, destacamos que essa fonte deve ser utilizada com precauções, pois podemos encontrar tanto informações cientificamente consubstanciadas quanto de qualidade duvidosa, por isso é preciso saber realizar os devidos “filtros”. Uma sugestão é acessar sites de respaldo acadêmico, como, por exemplo, os periódicos da área, revistas sobre educação, sites e *blogs* de grupos de estudos da área entre outros.

Quanto às formas como os professores entrevistados abordam as informações nos seus textos didáticos, ou seja, as estratégias que utilizam para tratar o conteúdo dentro desses recursos materiais, identificamos uma diversidade de possibilidades, assim como percebemos a importância dada ao uso das ilustrações em detrimento de textos escritos apenas.

> O meu texto didático vem bem diversificado. De acordo com a proposta, como eu disse, eu vou mesclando. Tem a parte teórica, aquela parte histórica. No meu texto didático eu já entro, também, com a parte de exercícios teóricos em relação ao conteúdo, elaboro sínteses dentro do texto didático. Direciono, dentro do texto didático, para trabalho de grupo, trabalho de pesquisa, elaboração de seminário. (PROFESSOR 01)

Essas afirmações são identificadas no texto didático (ANEXO I) que esse docente utilizou na prática pedagógica da unidade III, que acompanhamos através de observações. Assim, esse sujeito acaba confirmando o falado com o vivido, ou seja, percebe-se uma coerência entre a sua entrevista e a sua prática pedagógica.

De acordo com o Professor 01, quando o texto didático é elaborado de uma forma diversificada, ele se torna mais “chamativo” para o aluno. Portanto, considera importante que, durante a elaboração do texto didático, o professor aborde as informações de diversas formas, não só com textos escritos, mas também com figuras, gráficos, entre outros elementos. Destacamos que essa é uma das sugestões indicadas na *Orientação para texto didático*.

Conforme esse professor, a elaboração dos seus textos didáticos contempla (além do que já foi citado): sumário, páginas enumeradas, *slides* das aulas da unidade em tamanho reduzido, “todas as orientações possíveis e necessárias para o aluno” naquela unidade. Também podemos constatar esses elementos no texto didático que o referido professor elaborou para utilizar na prática pedagógica da unidade III.

O referido docente ainda percebe que, por meio da elaboração dos textos didáticos, é possível inserir e promover a relação teoria e prática. Para isso, ele aponta as ilustrações como estratégia.

> No texto didático tem como a gente também fazer o teórico e o prático, porque se eu for falar de passe como fundamento de determinada modalidade teoricamente, escrita, eu posso também ilustrar na parte de imagens, de figuras, de gráficos, de tabelas... (PROFESSOR 01)

Desse modo, o Professor 01 acaba por concordar com Carmo (1999), o qual percebe a possibilidade de materiais como esse atuar como um elemento “ponte” entre a prática corporal e a teoria. E também com Amaral e Oliveira (2012) que, por sua vez, destacam que o texto didático pode contribuir como um recurso facilitador da práxis (relação da teoria com a prática e vice-versa), uma vez que pode trazer em seu conteúdo tudo aquilo que será discutido e vivenciado nas práticas corporais.

O Professor 03 também faz referências à inserção de ilustrações como uma forma de qualificar os seus textos didáticos, caminhando para aquela idéia de que uma imagem vale mais do que 1.000 (mil) palavras (escritas).

> Eu procuro, nos textos, colocar muitas gravuras, figuras que às vezes fala mais do que a nossa fala, o nosso verbal. Então, eu procuro fazer um texto assim, não um texto só escrito mesmo, só com escrita, mas com gravuras, com figuras, com fotos, que eles olhem e já visualizem aquele assunto que a gente vai trabalhar. (PROFESSOR 03)

Durante a elaboração dos seus textos didáticos, o Professor 02 sinaliza utilizar da sua criatividade, colocando desenhos, perguntas e, na parte específica do texto escrito, se imagina falando com os seus alunos sobre o conteúdo. Identifica-se, portanto, que esse sujeito afirma realizar o processo de transposição didática, pois, por meio de operações de linguagem, torna o conhecimento acessível aos aprendizes (FONTANA, 1996). Percebemos essa recomendação na *Orientação para texto didático*, quando esse documento sugere que o professor da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco elabore o material por meio de uma linguagem fluente dialógica (como uma conversa problematizadora com os estudantes).

E o Professor 04 alega que, além dos textos escritos, também faz uso de imagens e exemplos práticos para compor o seu texto didático.

Assim, identificamos que as *Orientações para texto didático* permeiam a elaboração de textos didáticos dos professores investigados quanto àquilo que eles colocam nesses recursos materiais para tratar os diversos conteúdos da Educação Física, como por exemplo: contemplar desenhos, quadros, cores; explicações conceituais acerca dos saberes específicos da aula planejada; exercícios de aprendizagem; questões para estudos; linguagem fluente dialógica – como uma conversa problematizadora com os estudantes.

O referido documento orienta que a elaboração de textos didáticos seja realizada pelo professor, no entanto o Professor 04 relata a possibilidade de essa atividade ser feita junto com os alunos.

> Em alguns momentos eu monto, montei e gosto de montar com eles esses textos. Por exemplo, com as turmas do ensino médio, o pessoal do 3º ano...:“Olha! A nossa aula vai ser no laboratório e nós vamos montar os textos didáticos do próximo bimestre!”... E aí a gente discute a partir daquilo que a gente encontra na realidade da turma e vai montando os textos didáticos. Vai se materializando a partir daquela realidade. (PROFESSOR 04)

Entendemos que a elaboração do texto didático que irá subsidiar o processo de ensino e de aprendizagem é de responsabilidade do docente, pois envolve todo

um cuidado relacionado à seleção, organização e sistematização do conhecimento a ser inserido nesse recurso material. Mas pensamos ser louvável a possibilidade apresentada pelo Professor 04, uma vez que se trata de uma elaboração conjunta (entre professor e alunos) orientada e supervisionada. Bem como acreditamos que esses textos poderão ter uma melhor aceitação por parte dos discentes, tendo em vista que eles tiveram a oportunidade de participar da sua construção.

Para uma melhor visualização das possibilidades identificadas nas falas dos professores entrevistados, quanto à elaboração de textos didáticos, elaboramos o Quadro 09 que segue abaixo.

Possibilidades identificadas quanto à elaboração de textos didáticos	
Local	Residência
Recurso	Computador
Ponto de partida	- Realidade da prática pedagógica - OTM - Percepção individual
Fonte de consulta	- Internet - Livros não didáticos de Educação Física - Experiências dos encontros de formação continuada
Estratégias	- Textos escritos - Linguagem dialógica - Ilustrações - Relação teoria-prática

Quadro 09 - Possibilidades identificadas quanto à elaboração de textos didáticos.

Em síntese, identificamos que os 04 (quatro) professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco que foram entrevistados percebem várias possibilidades quanto à elaboração de textos didáticos. Notamos que, geralmente, o texto didático é elaborado na residência do professor, por meio da utilização do computador, tomando como referência a realidade da prática pedagógica e as OTM. Assim como observamos que a internet é a fonte mais utilizada por esses sujeitos durante essa atividade e que eles afirmam fazer uso de ilustrações, além de textos escritos, como estratégia para qualificá-los.

Discorrendo sobre os **limites percebidos por esses docentes quanto à elaboração de textos didáticos na prática pedagógica**, observamos que essa atividade perpassa por condições temporais e infraestruturais.

Por meio da fala do professor 01, notamos que a escola se configura como um local de difícil construção de textos didáticos, pois a alta demanda de trabalho (quantidade de horas-aula em regência de classe) não lhe permite ter disposição necessária para construí-los.

> No meu caso aqui que trabalho na escola integral, eu sou o único professor. Eu tenho 15 (quinze) turmas. Na casa aí de 800 (oitocentos) alunos, mais

> ou menos. Eu não consigo produzir na escola. Até porque é muito cansativa a questão teórica e prática nessa proposta do programa. A gente está numa aula de Educação Física... o aluno já sai da prática para ir para a aula de Matemática, não tem tempo de estar se arrumando. E no meu caso, quando eu saio dessa aula prática, eu já vou para outra aula. Então, no meu tempo vago, que é para eu fazer essa construção... eu, literalmente, estou cansado, porque fica "corre pra aqui, corre pra ali"... Fica uma coisa complicada. (PROFESSOR 01)

O "programa" a que o Professor 01 se refere é o Programa de Educação Integral[40] do Governo do Estado de Pernambuco, o qual objetiva reestruturar o ensino médio pernambucano, oferecendo jornada ampliada de ensino aos jovens. Nessa proposta, os alunos têm atividades/aulas pela manhã e tarde. Por consequência, o seu corpo docente apresenta um alto quantitativo de carga horária destinada à regência.

A falta de material bibliográfico, de internet e de espaço corresponde a outras limitações que os professores encontram para elaborar textos didáticos no ambiente escolar.

> E na escola, que não tem a questão da referência bibliográfica, fica mais difícil ainda. E agora, no presente momento, sem internet também. Aí que fica mais difícil ainda, que a gente fica tentando se virar com o modem. (PROFESSOR 01)
> Se eu não consigo terminar essas preparações em casa, não dá para está carregando coisas, então isso é uma dificuldade, o espaço mesmo... O espaço enquanto locais. Na escola não tenho, não tenho nem local específico para isso. A biblioteca não me oferece material. (PROFESSOR 04)

Como descreve Gaspari *et al*. (2006), as condições de trabalho referentes à infraestrutura e material didático fazem parte das principais dificuldades encontradas por professores de Educação Física na realidade brasileira para desenvolverem a sua prática pedagógica.

Esses fatores também acabam contribuindo para que os professores optem por realizar a produção dos seus textos didáticos nas suas residências, o que é, inclusive, permitido pela Lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996. Pois, como vimos essa lei, que discorre sobre o Estatuto do Magistério Público de Pré-Escolar, Ensino Fundamental e Ensino Médio do Estado de Pernambuco, admite que os professores

---

[40] Conforme as informações que constam no site da SEDUC-PE, em 2013, o Governo do Estado ampliou o número de escolas atendidas pelo programa, passando a contar com 260 (duzentos e sessenta) Escolas de Referência em Ensino Médio. Atualmente 122 (cento e vinte e duas) unidades funcionam em horário integral e 138 (cento e trinta e oito) oferecem jornada semi-integral. Elas estão localizadas em 160 (cento e sessenta) municípios pernambucanos, incluindo o Arquipélago de Fernando de Noronha. Em 2013, o Programa de Educação Integral passou a atender cerca de 110 (cento e dez) mil estudantes.

que trabalham em escolas que não dispõem de biblioteca, sala de professores e material didático-pedagógico desenvolvam até 50% (cinquenta por cento) das suas horas atividades fora da escola.

Para além das limitações estruturais, especificamente as encontradas no ambiente escolar, o Professor 03 revela que a dificuldade de elaboração de textos didáticos estabelece uma relação com o conteúdo a ser abordado nesse recurso material.

> Eu, muitas vezes, sinto dificuldade quando quero montar um texto e que nesse meu texto eu trabalho vários assuntos que vou precisar naquela unidade. E, às vezes, têm textos que, dependendo do assunto, a gente tem mais dificuldade de encontrar na internet. A gente encontra, às vezes, mas não uma coisa específica, encontra algo mais amplo. Mas, para montar o texto eu tenho mais dificuldade. Quando eu vou pesquisar um texto que encontro já algo específico daquilo que estou pesquisando aí fica mais fácil para montar. Eu vou vendo aquilo que vai interessar para o conteúdo da aula e aí eu vou montando o texto. Mas quando não, fica muito difícil. (PROFESSOR 03)

Essa dificuldade em encontrar referencial teórico para alguns conteúdos de ensino da disciplina Educação Física é um reflexo do legado histórico da área que, por décadas, se preocupou em difundir predominantemente o conhecimento relativo à aptidão física e ao esporte, sendo esses os mais disseminados na área. Assim, produções que abordam, por exemplo, a luta e a dança de forma pedagogizada existem, mas em menor escala. Portanto, são mais difíceis de serem encontrados. Inclusive, é importante salientar que mesmo após o surgimento de novas concepções pedagógicas (a partir década de 1980 até os dias atuais) essa escassez de produções acerca desses conteúdos ainda é perceptível.

O Professor 04 revela que, apesar de perceber a possibilidade e a importância de relacionar teoria e prática no texto didático, encontra limitações ao fazê-lo.

> Isso é um grande problema para mim. Ter que elaborar o texto de forma que ele seja teórico, mas que ele também seja prático em diferentes realidades, em diferentes espaços. Esse é um grande problema para mim. (PROFESSOR 04)

A elaboração de textos didáticos é uma atividade pedagógica que é aperfeiçoada a cada vez que o professor se dispõe a vivenciá-la. É algo a ser qualificado a cada experimentação. Entretanto, fazendo uma breve observação quantitativa, notamos que os professores entrevistados apresentaram muito mais possibilidades do que limitações quanto à elaboração de textos didáticos. Por meio do Quadro 10 destacamos as principais dificuldades identificadas.

Limites identificados quanto à elaboração de textos didáticos	
No ambiente escolar	- Alta demanda de trabalho - Tempo insuficiente - Pouca disposição - Falta de recursos (bibliografia, internet e espaço físico)
Fora do ambiente escolar	- Relacionar teoria e prática - Encontrar determinados conteúdos de ensino

Quadro 10 - Limites identificados quanto à elaboração de textos didáticos.

Logo, percebemos que as limitações reveladas pelos professores entrevistados se intensificam quando eles vivenciam (ou tentam vivenciar) o processo de construção desses materiais em suas escolas. O que não deveria ocorrer, pois segundo a atual LDB, em seu artigo 167 (cento e sessenta e sete), inciso VI, “os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive, nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público: condições adequadas de trabalho”.

Bem como vale ressaltar que essas condições de trabalho, nas quais a elaboração de textos didáticos acaba estando vinculada, é um dos direitos fundamentais dos professores da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco. Pois, conforme o artigo 21 (vinte e um), inciso III, da Lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996, o docente tem o direito de “dispor, no ambiente de trabalho, de instalações e material didático-pedagógico suficiente e adequado e de informações educacionais e bibliográficas que permitam desempenhar com qualidade suas atribuições”. Portanto, percebe-se que se trata de uma fragilidade da gestão educacional do Governo do Estado de Pernambuco que não está garantindo, por meio das suas políticas públicas, a efetivação dos direitos que estão previstos no seu Estatuto do Magistério Público.

Por outro lado, entre as possibilidades e as limitações vivenciadas pelos docentes durante o processo de elaboração de textos didáticos estão as **contribuições percebidas para a prática pedagógica**.

O Professor 01 retrata que a elaboração de textos didáticos contribui com a sua prática pedagógica porque para realizar essa atividade, ele é instigado a estudar sobre o conteúdo que estará presente nesse recurso material, o conteúdo da unidade de ensino.

> Na construção... parece até brincadeira o que eu vou dizer, mas na construção do texto didático, a minha preocupação é tanta que parece que eu estudo mais do que eu estudei na graduação. Porque eu encontro coisas que na graduação eu não parei para estar me preocupando, às vezes, com o assunto que o professor iria trazer. E se eu tivesse feito isso, teriam

> surgido dúvidas que eu poderia ter tirado, que eu encontro agora na elaboração do texto didático. (PROFESSOR 01)
> Então, quando eu elaboro esses textos didáticos, parece que... é como se eu tivesse estudando de novo. Aliás, a gente sempre continua estudando, mas... mais detalhado é o que estou querendo dizer. (PROFESSOR 01)

Sabemos que um curso de graduação, por melhor ou mais completo que seja, não dará conta de prever todas as particularidades a serem encontradas no cotidiano da prática pedagógica. Nesse caso, o processo de estudos do professor deverá ser constante, atendendo às necessidades reveladas na realidade em que está inserido. A elaboração de textos didáticos, por sua vez, mostra-se atrelada ao ato de estudar do professor.

O Professor 02 também revela que a elaboração de textos didáticos contribui no sentido de estimular o docente a estudar sobre o conteúdo a ser ministrado na unidade de ensino, colaborando com a qualificação do seu nível de propriedade quanto ao conhecimento a ser discutido.

> A importância do texto didático é porque eu, enquanto professor, tenho que entender e tenho que me disponibilizar a parar e a planejar. Então, o texto didático vai estimular o professor a estudar o que ele vai ministrar... para quando ele chegar na sala, ele não “jogar” o texto como qualquer outra coisa, não! Chegar sabendo o que ele vai fazer, dando essa propriedade para ele. (PROFESSOR 02)

Esse mesmo docente ainda enfatiza que o “estudar”, atrelado à elaboração de textos didáticos, está vinculado ao importante ato de “pesquisar”.

> ...A pesquisa..., porque eu vou ter que pesquisar... E eu pesquisando..., eu vou aprender. E eu aprendendo, eu vou ter propriedade para falar daquele conteúdo sem ter medo, sem ter pausa, sem pensar o que é que eu vou dizer agora. Vou poder criar, vou poder usar toda a criatividade, vamos dizer assim. Eu vou falar com leveza, com segurança, além de ter adquirido o conhecimento, além de ter a oportunidade de estudar, pesquisar... Que eu acho que é isso que falta muito nos profissionais da nossa área. (PROFESSOR 02)

Assim os docentes corroboram com Amaral e Oliveira (2012), os quais afirmam que o processo de elaboração desses recursos materiais contribui na instrumentalização e na qualificação da ação docente, uma vez que para construir bons textos didáticos, é necessário que o professor busque novos conhecimentos, pesquise, estude e isso colabora com a ampliação do seu repertório de saberes sobre determinado conteúdo de ensino, culminando na qualificação da prática pedagógica.

O Professor 04 afirma que a elaboração do texto didático contribui para a sistematização do componente curricular.

> É meio que principio meu dar conta disso, sabe? Eu preciso fazer com que a minha Educação Física seja sistemática, seja organizada e por isso que busco qualquer tempo que seja necessário para que eu tenha isso em mãos. (PROFESSOR 04)

Outra contribuição que se percebe quanto à elaboração de textos didáticos diz respeito à colaboração na mudança da idéia negativa que se tem da área e dos seus profissionais. Conforme o Professor 01:

> Ajudaria, inclusive, até aos profissionais se prepararem, se capacitarem mais. E a Educação Física que vem crescendo, ela se tornar realmente mais fortalecida e retirar essa questão histórica que ela tem dentro, infelizmente, da escola, de que ela é uma disciplina qualquer, e não é! E acho que com o texto didático, o professor elaborando iria dar essa importância para a profissão. (PROFESSOR 01)

Rodrigues (2009) também ressalta que a presença de recursos materiais dessa natureza contribui com o fortalecimento da importância da Educação Física na escola.

As falas dos docentes nos mostram que muitas são as contribuições da elaboração dos textos didáticos. Podemos observá-las melhor através do Quadro 11, abaixo.

Contribuições identificadas quanto à elaboração de textos didáticos
- Instiga o professor a pesquisar, estudar, dando-lhe maior propriedade sobre o conteúdo de ensino.
- Seleção, organização e sistematização do conhecimento.
- Mudança de paradigma negativo sobre a área e os seus profissionais.

Quadro 11 – Contribuições identificadas quanto a elaboração de textos didáticos.

Em suma, identificamos que as contribuições percebidas pelos professores entrevistados, referentes à elaboração de textos didáticos, vão desde o estímulo aos estudos, à pesquisa (o que lhe dá propriedade sobre o conteúdo de ensino), passando pela qualificação do processo de seleção, organização e sistematização do conhecimento, até a colaboração da mudança de paradigma da área.

4.4 A utilização dos textos didáticos

A depender do contexto escolar que vivencia, o professor de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco materializa diferentes **possibilidades quanto à utilização de textos didáticos na sua prática pedagógica**.

No que diz respeito ao local em que os textos didáticos são utilizados, a sala de aula aparece como o ambiente onde mais se realiza essa atividade, como bem coloca o Professor 03: “Eu prefiro trazer o texto e desenvolver na sala de aula...”.

Como sabemos, a simples leitura de um texto requer uma concentração que, em geral, é favorecida dentro do recinto da sala de aula. Entretanto, a depender da realidade vivenciada, o docente pode experimentar outra possibilidade quanto ao local de utilização de texto didático como, por exemplo, a quadra.

> Pelo nível da turma que passa 09 (nove) aulas, durante o dia, sentados... Eu pego, levo o texto didático para a quadra, às vezes... Mesmo com o texto didático fora do ambiente, dentro da sala de aula... A gente tenta fazer diferente. (PROFESSOR 01)

Durante a unidade de ensino em que realizamos a observação da prática pedagógica do Professor 01, não presenciamos a utilização do texto didático na quadra, apenas na sala de aula. Pois, como diz o docente, depende do contexto, portanto acreditamos que esse sujeito não sentiu a necessidade de realizar esse método com a turma que acompanhamos.

Quanto ao período de utilização desse recurso material, o Professor 01 afirma fazer uso de um único texto didático com conteúdo suficiente para ser desenvolvido durante todo o bimestre. Assim, o texto didático se assemelha a uma apostila. Vale destacar que esse procedimento foi percebido durante a observação da sua prática pedagógica.

E ainda, ressalta que o texto didático usado em uma turma, apesar de se desenvolver de forma diferente devido às peculiaridades dos discentes, é o mesmo a ser utilizado em outras turmas que estão estudando o mesmo conteúdo.

> E como eu tenho várias séries, tanto do 1º, 2º e 3º ano (do Ensino Médio)..., é interessante que o texto didático é um só, vamos supor, para os cinco primeiros anos que nós temos aqui. Mas, a aula de um 1º ano é totalmente diferente da aula do outro 1º ano, com o mesmo texto didático. (PROFESSOR 01)

No que tange às formas/finalidades para as quais os textos didáticos podem ser utilizados, a leitura, a interpretação de texto e a resolução de exercícios sobre o conteúdo de ensino estudado parecem ser as mais experimentadas.

Do ponto de vista da disponibilização desses textos didáticos para os discentes, os professores encontram uma série de possibilidades, umas mais tradicionais, outras mais modernas.

O Professor 01 e o Professor 04 afirmam se utilizarem de um *blog*[41] para disponibilizar o texto didático da unidade para os seus alunos. Segundo o Professor 01: “A escola tem um *blog*, eu também posto o texto didático no *blog*...”.

> Eu já coloco no *blog*. Então, a escola tem, já disponibilizo lá. Então: “Está aqui pessoal! Vocês podem acessar o *email* da escola ou o *blog* da escola, está lá. Vocês podem, inclusive, deixar as suas opiniões, sugestões, críticas..., podem fazer lá que eu vou, na medida do possível, respondendo”. (PROFESSOR 04)

Como o Professor 04 já adianta, outra possibilidade para a disponibilização dos textos didáticos é o seu encaminhamento para o *email* da turma. De acordo com o Professor 01, essa ação facilita a referida tarefa.

> Em todas as salas eu já oriento para eles formarem grupos, através do *email*. Porque eu também envio, via *email*, para o representante de sala e ele fica responsável para passar para os outros, porque não tem como eu ficar passando por aluno. (PROFESSOR 01)

No desenvolvimento da sua prática pedagógica durante a unidade III (período em que realizamos as observações), constamos que o professor 01 fomentou a disponibilização do texto didático para os discentes via *pendrive.* Entretanto, não identificamos a utilização do *blog* ou *email* para materializar essa tarefa. Logo, acreditamos que a escolha do método de disponibilização dos textos didáticos vai depender da realidade encontrada nas diferentes turmas em que o professor leciona.

O Professor 03 revela poder disponibilizar o texto didático por meio do *pendrive*, uma vez que parte dos seus alunos recebeu pequenos computadores (*Tablets*) da SEDUC-PE.

> Com os alunos do 3º ano, que eu sou professor do 3º ano, que eles têm agora o t*ablet*, o computador. Eu pego o texto, trago no *pendrive*. Com muita antecedência, deixo o *pendrive* com o aluno titular da turma e ele sai passando para todos os computadores. Então, eles têm esse texto no computador. E aí, no final da unidade, quando a gente vai trabalhar a parte específica do texto, eles vão trabalhando a cada aula com ele. No 3º ano eu estou conseguindo fazer isso. (PROFESSOR 03)

Em 2012, 156.000 (cento e cinquenta e seis mil) *tablets* foram entregues a alunos da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, através do programa Aluno Conectado. Foram contemplados com esses minicomputadores os estudantes dos 2º e 3º anos do Ensino Médio de todo o Estado. Essa é uma política que vem sendo

---

[41] O *Blog* é um tipo de *site* com uma estrutura específica, a qual permite rápidas atualizações. Normalmente as suas atualizações são organizadas de forma cronológica (do mais atual para o mais antigo). Em um *blog* é possível expor textos, imagens, vídeos e *links*. Geralmente, as pessoas que o acessam também podem interagir com o seu administrador e com os outros leitores por meio de comentários. O quantitativo de *blogs* aumenta a cada ano.

materializada desde 2011 e tem contribuído para que os discentes se aproximem do conhecimento produzido pela humanidade por meio das novas tecnologias.

Esses *tablets* chegam às mãos dos discentes com conteúdos didáticos de algumas disciplinas do currículo escolar, mas não de Educação Física. Entretanto, é possível fazer como o Professor 03, elaborar o texto didático e passar para os *tablets* dos alunos. Logo, percebemos que esse aparelho eletrônico se configura como um suporte convencional de gênero textual (MARCUSCHI, 2008), levando em consideração que o texto didático é um gênero textual. Pois esses aparelhos se traduzem em superfícies físicas que foram elaboradas tendo em vista a sua função de portar, fixar e mostrar textos para alguém.

Identificamos que todas as formas de disponibilização de textos didáticos comentadas até aqui dispensam o uso do papel, que também é um suporte convencional de gênero textual (MARCUSCHI, 2008).

Para além das formas de disponibilização que carecem de um conhecimento tecnológico mais aprofundado por parte do docente, identificamos aquelas mais tradicionais e simples, porém eficientes. Por exemplo, percebemos que na realidade do Professor 04 também é possível xerocar o texto didático, na própria escola, e entregar aos discentes.

> Xerox, eu tiro realmente. Eu acho que a diretora tem dia... Tem semana que ela não me aguenta. Porque eu vou lá e digo: “Olha professora! Tenho tantas xerox”... Então, eu vou lá... Muito boa! Sou muito bem recebido pela direção, pelas secretarias. “Olha! Eu preciso de tantas xerox para cada turma”. Então, isso aí eu consigo. (PROFESSOR 04)

Entretanto, isso não é possível em todas as realidades. Segundo o Professor 03: “No final de cada unidade, a escola está disponibiliza

ndo, por exemplo, ‘x’ xerox para as provas, mas ainda não disponibiliza para textos, para a gente disponibilizar para os alunos”.

Diante dessa situação, o Professor 02 prevê outra possibilidade para disponibilizar os textos didáticos, é quando ele mesmo trata de reproduzir os textos e entregar aos alunos.

> Quando não dá para xerocar (na escola)... Na minha casa, eu tenho uma impressora. E aí eu adaptei uns tamborzinhos na impressora que possibilita muitas xerox. Então, eu levo folhas, xeroco em casa, imprimo em casa e trago para eles. (PROFESSOR 02)

Contudo, esse mesmo docente revela que, por vezes, isso também não é possível devido ao grande quantitativo de turmas e, consequentemente, grande

número de discentes. Então, ele entrega algumas cópias e solicita que os alunos financiem os seus próprios textos didáticos.

> Quando não dá para ter todo mundo, geralmente eu gosto de formar grupos. Para o grupo eu dou uma cópia e eles tratam de xerocar. (PROFESSOR 02)

O Professor 01 aponta que também se utiliza desse procedimento para disponibilizar os textos didáticos: “Na minha realidade, eu sempre o deixo num local próximo a escola para que os alunos tirem xerox”. E para aqueles que, porventura, não adquiriram o texto didático, o docente orienta para que se juntem com os que trouxeram, quando da utilização desse recurso material em sala de aula. Esse procedimento foi constatado durante a observação da sua prática pedagógica.

Já o Professor 03 revela que essa fórmula (financiamento do texto didático por parte do aluno) não se aplica tão bem em sua realidade e que, por isso, ele precisou experimentar outra possibilidade para disponibilizar esses recursos materiais:

> No início, eu tentei fazer com que os alunos, em cada unidade, comprassem o seu texto e ficassem com o seu texto. Mas, não deu certo por que uns pagam e outros não pagam. E a gente acaba tendo um prejuízo. (PROFESSOR 03)
> Eu mesmo estou trazendo esses textos, trabalho com o aluno na sala de aula. Mas, infelizmente eu não estou deixando o texto com eles. Eu pego! Porque eu vou precisar trabalhar em outras turmas. Porque, se não, o custo fica muito alto para mim, e no final vai ser um prejuízo imenso. (PROFESSOR 03)

O Professor 02 afirma que também vivencia esse método de “entrega, utilização e recolhimento” do texto didático, inclusive, por percebê-lo como uma possibilidade ecológica, ou seja, que contribui para a redução do consumo de papel.

> Ou então, às vezes, eu uso uma, levo para uma turma, recolho e uso na outra turma. Aí vai depender muito do momento e como eles vão trabalhar também o texto. Porque eu sou muito ecológica, vamos dizer assim... Eu vou usar o texto didático, mas que importância isso vai ter para o aluno depois? Ele vai jogar fora, ele vai amassar, ele vai rasgar. Qual é a importância? Para eu não estar gastando tinta e papel à toa. Então, eu procuro o máximo possível utilizar o texto didático, percebendo que eles podem adquirir o conhecimento sem precisar ficar com o material. Então, eu procuro muito fazer isso. (PROFESSOR 02)

Assim, percebemos que são várias as possibilidades encontradas pelos professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, que foram entrevistados, quando da utilização do texto didático na prática pedagógica. O Quadro 12, que segue abaixo, nos permite observar tais possibilidades de forma mais sintética.

Possibilidades identificadas quanto à utilização de textos didáticos	
Local	- Sala de aula - Quadra
Período de uso	- 01 (um) texto didático para a unidade inteira
Formas/finalidades de uso	- Leitura - Interpretação de texto - Resolução de exercícios
Disponibilização	- *Blog* - *Email* - *Pendrive* - Xerox financiada pela escola - Xerox financiada pelo professor - Xerox financiada pelo aluno - Xerox entregue, utilizada e recolhida
Suporte	- *Tablet* - Papel

Quadro 12 - Possibilidades identificadas quanto à utilização de textos didáticos.

Notamos que o professor está em constante adaptação às condições que a sua realidade lhe oferece, vislumbrando diferentes meios para realizar essa atividade. Identificamos que a sala de aula é o local onde mais se vivencia a utilização de textos didáticos, muito provavelmente por se tratar de um ambiente favorável para isso. Percebemos várias formas de disponibilização, as quais vão desde a entrega de fotocópias (xerox) até as formas mais modernas como, por exemplo, o uso do *pendrive, blog* e *email*. Bem como, identificamos que o uso *tablet*, enquanto um suporte convencional de texto didático, se mostra como uma alternativa.

Quanto aos **limites percebidos pelos professores no que concerne à utilização de textos didáticos na prática pedagógica**, identificamos que eles se apresentam numa quantidade consideravelmente inferior às possibilidades apresentadas anteriormente.

O Professor 01 diz enfrentar certa dificuldade quando da disponibilização do texto didático em alguns casos específicos e dá o seguinte exemplo: “... Tem uns que não tem acesso à internet, e, outros, condições financeiras de tirar xerox do texto”. (PROFESSOR 01)

O Professor 03 também nos conta que encontra uma limitação referente à disponibilização do texto didático que, por sua vez, também está relacionada ao financiamento desses recursos materiais por parte dos discentes.

> A maior dificuldade nossa, aqui da nossa escola, é justamente como disponibilizar esse texto para o aluno. No início, eu tentei fazer com que os alunos, em cada unidade, comprassem o seu texto e ficassem com o seu texto. Mas, não deu certo porque uns pagam e outros não pagam. E a gente acaba tendo um prejuízo. (PROFESSOR 03)

Já o Professor 04, expressa que a falta de um local específico é a principal dificuldade que percebe para desenvolver os textos didáticos com os seus alunos.

> Esse é um grande problema para mim. Entendo até que isso não é uma dificuldade só minha. Muitas das escolas dos nossos estados, do Brasil a fora, não têm uma sala de aula para a Educação Física. As salas de aulas das nossas escolas são para todas as disciplinas. Qual seria um espaço adequado para o nosso trabalho? Uma sala de aula ampla, que posso até chamar ginásio ou de quadra, mas que me desse condições de desenvolver tudo aquilo que é planejado no texto. (PROFESSOR 04)

Como Gaspari *et al*. (2006) descreve, as dificuldades que grande parte dos professores de Educação Física, que atuam nas escolas de Educação Básica do Brasil, encontra para desenvolver a sua prática pedagógica estão relacionadas às condições de trabalho como, por exemplo, a falta de infraestrutura adequada e material didático.

O Professor 04 também revela que os seus alunos ainda apresentam uma limitação em entender a relação teórico-prática que os conteúdos de ensino da Educação Física devem estabelecer, o que acaba resultando em uma dificuldade quanto ao uso do texto didático durante a prática pedagógica.

> As dificuldades, elas existem. Os nossos alunos ainda têm extrema dificuldade em entender essa relação da Educação Física, entre o que é teórico e prático numa coisa só. Então, a aplicabilidade desses textos se depara muito com essa dificuldade. (PROFESSOR 04)

Como discutimos anteriormente, a trajetória histórica percorrida pela Educação Física no contexto escolar não foi favorável para que, nos dias atuais, os alunos a percebam como uma disciplina que está no mesmo patamar das demais, uma disciplina que apresenta conhecimentos teórico-práticos, tendo em vista que por várias décadas ela foi materializada como uma atividade pautada na reprodução de movimentos corporais, em detrimento de um componente curricular de fato (PAULA, 2003; RODRIGO, 2009; DARIDO *et al*. 2010). Portanto, compreende-se que os discentes mencionados pelo Professor 04 tenham dificuldade de entender que a Educação Física também é composta por conteúdos teórico-práticos.

Como vimos, os limites percebidos pelos professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco quanto à utilização de textos didáticos na prática pedagógica são reduzidos, porém existentes. Podemos identificá-los no Quadro 13, a seguir.

Limites identificados quanto à utilização de textos didáticos	
Uso	- Falta de um local específico/apropriado - Aceitação por parte do aluno
Disponibilização	- Aluno sem aceso à internet

	- Aluno sem condições financeiras para xerocar o texto didático

Quadro 13 - Limites identificados quanto à utilização de textos didáticos.

Desse modo, identificamos as principais dificuldades dos sujeitos pesquisados sobre o uso de textos didáticos em suas práticas pedagógicas: a) a falta de recursos da escola para o fornecimento do material aos alunos; b) a falta de um espaço que permita que o professor realize as experimentações corporais trazidas pelo texto didático; c) o entendimento limitado do aluno quanto à Educação Física, uma vez que ela historicamente foi constituída como uma disciplina que pouco estabeleceu relação com textos didáticos.

Entretanto, não podemos esquecer que, apesar de descreverem tais entraves, esses docentes também apontaram estratégias para a sua superação nas páginas anteriores (pp. 77-80), as quais discorrem sobre as possibilidades quanto à utilização de textos didáticos na sua prática pedagógica.

No que tange às **contribuições da utilização dos textos didáticos**, identificamos que elas fazem referência aos serviços/funções que eles podem prestar à prática pedagógica do professor de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.

O Professor 01 afirma que a utilização do texto didático contribui na materialização da práxis (relação teoria e prática).

> E o que eu tenho observado é que quando a gente concilia a teoria com a prática é mais fácil. E no texto didático tem como a gente também fazer o teórico e o prático, porque se eu for falar de passe como fundamento de determinada modalidade teoricamente, escrita, eu posso também ilustrar na parte de imagens, de figuras, de gráficos, de tabelas... (PROFESSOR 01)

Carmo (1999) e Amaral e Oliveira (2012) corroboram nesse sentido, pois também destacam que percebem a capacidade que esses recursos materiais têm em contribuir como um recurso facilitador da práxis (relação da teoria com a prática e vice-versa). Durante a observação da prática pedagógica do Professor 01 foi notável a contribuição do texto didático na relação teórico-prática do conteúdo de ensino da unidade.

O Professor 02, por sua vez, percebe que o uso desse recurso material proporciona a organização da prática pedagógica, a organização do conteúdo que será ministrado.

O Professor 04 concorda com o posicionamento do professor anteriormente mencionado, pois nos conta que o uso do texto didático contribui com o direcionamento, com a organização do processo de ensino e de aprendizagem.

> Ele me direciona, ele diz desde quando e como eu começo até onde eu vou chegar, de acordo com o tempo que tenho, com turmas que tenho para aplicar esse texto. Então, porque é fundamental? Ele me direciona, organiza o processo de ensino-aprendizagem. Então, ele é meu fio condutor. (PROFESSOR 04)

De acordo com Azevedo (2000), é justamente essa a característica do texto didático, segundo alguns linguistas, um texto que objetiva tratar sistematizadamente o conhecimento.

Já o Professor 03 revela que o texto didático contribui como mais um subsídio para o desenvolvimento da sua prática pedagógica, uma vez que ele não dispõe de livros didáticos de Educação Física.

> Eu acho que contribui muito os textos. Como eu falei no início, devido à dificuldade de a gente não ter livros didáticos específicos por ano, para o Ensino Médio ou Fundamental, mas no meu caso da escola aqui que trabalho com o Ensino Médio. Então, os textos didáticos me dão esse subsídio para que eu possa trabalhar com o aluno. (PROFESSOR 03)

E, ainda, esse mesmo docente revela que a utilização do texto didático auxilia na dinamização da sua prática pedagógica.

> Se eu não trabalhar com os textos, não trazer os textos, eu vou ter dificuldade de como eu vou me programar, como vai ser minha metodologia para passar esse conteúdo para os alunos. Se vai ser só de forma oral, só verbalizando ou só no momento da prática lá falando essa prática. (PROFESSOR 03)

O Professor 04 também descreve que o uso do texto didático colabora com a dinamização da prática pedagógica, uma vez que o professor contará com a linguagem escrita, presente no texto didático, para somar à linguagem oral (sua fala) e corporal (seus gestos) que permeiam o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos da Educação Física.

> Então, em diferentes momentos ele vai poder se utilizar deste texto, para estudar, para responder questionário. É assim que eu entendo a importância do texto didático, materializar definitivamente aquilo que a Educação Física faz. Não se prender pelo exemplo, pelas repetições, pelo que eu falo, mas pelo que eu também discuto com eles a partir de uma realidade escrita! Essa escrita, para mim, nunca vai deixar de ser importante, eu não gosto de deixar passar essa escrita! (PROFESSOR 04)

Como bem coloca Carmo (1999), os professores de Educação Física, em geral, se utilizam apenas da linguagem oral e gestual para ensinarem determinado conteúdo. Então, a linguagem escrita, presente no material didático, chega para dinamizar a prática pedagógica. Pois, como vimos, é preciso que o docente se utilize do máximo de meios possíveis para que o conhecimento se torne melhor assimilável

pelos discentes, portanto a fala e o gesto devem ser complementados com a linguagem escrita.

De acordo com o Professor 01, além de contribuir como um referencial de orientação para a sua prática pedagógica, a utilização do texto didático auxilia no processo de ensino e de aprendizagem dos conteúdos da Educação Física.

> Texto didático para mim é um instrumento importante que ajuda, facilita no processo de ensino-aprendizagem do educando, que norteia, direciona a prática pedagógica e, sem ele, eu sinto que existe certa deficiência da aprendizagem, porque ele norteia, como eu já disse, e facilita na absorção do que está sendo passado em termos de conteúdo. (PROFESSOR 01)

Segundo Carmo (1999), os textos didáticos apresentam uma série de contribuições para a prática pedagógica dos professores, ele têm potencial para apoiar o processo de ensino-aprendizagem com os seus mais variados serviços, tais como: 1) armazenar/ampliar informações; 2) complementar o ensino; 3) esclarecer determinado assunto; 4) colaborar como fonte de consulta; 5) facilitar a aprendizagem; 6) promover o estudo independente; 7) promover a autodisciplina; 8) promover a integração entre a prática e a teoria; 9) auxiliar na revisão de conteúdos, entre outros.

Uma vez que o texto didático colabora com o processo de ensino-aprendizagem, percebemos que dois sujeitos estão envolvidos nesse contexto: o professor e o aluno. Assim, notamos que essas contribuições estão voltadas ora para professor, ora para aluno.

Segundo o Professor 02, o texto didático proporciona ao aluno uma organização do conteúdo que está sendo tratado na unidade de ensino que, por sua vez, colabora com a sua aprendizagem.

> Então, o texto didático é isso, ele vai proporcionar essa organização do conteúdo e a organização da idéia, o que é esse conteúdo e como ele vai acontecer de uma forma cronológica. Eu vejo assim! (PROFESSOR 02)
> O aluno vai conseguir adquirir o conhecimento porque será um trabalho de forma organizada. Ele saberá o que está fazendo. Ele terá um material na mão. Não será aquela coisa muito teórica, daquilo que todo mundo fala...“Olha! A importância da atividade física... Que é bom para isso, bom para aquilo, bom para aquilo!” Mas, é muito abstrato na verdade... E o texto didático não! Ele ajuda a tornar mais concreto o que ele está vendo, está tocando, ele vai ter que ler. (PROFESSOR 02)

Conforme o Professor 01, para o aluno, especificamente, o texto didático contribui na assimilação do conteúdo. Além disso, contribui como mais uma referência que o aluno dispõe para subsidiar os seus estudos para uma avaliação

escrita, por exemplo. O que, até mesmo, pode ser realizado fora do ambiente escolar (em casa).

> Ele dá uma base tanto para as aulas quanto para a própria avaliação. Ele também facilita porque os alunos podem utilizá-lo como um acervo na sua casa, para ler depois, na questão daqueles que vão prestar vestibular. (PROFESSOR 01)

Ainda de acordo com o Professor 01, o texto didático também atua como um recurso de orientação para o aluno, uma vez que esse sujeito pode usá-lo para se situar quanto ao desenvolvimento da unidade de ensino, bem como se programar para as aulas seguintes.

> O aluno, ele pode se programar já para a próxima aula. Ele já fica logo curioso: “Professor e isso aqui?”... “Calma quando chegar a hora a gente vai falar direitinho”. (PROFESSOR 01)

Outra contribuição da utilização do texto didático, que o Professor 01 percebe, é que ele serve como um recurso por meio do qual o aluno pode tirar dúvidas sobre o conteúdo de ensino da unidade: “E ele vem depois com o texto didático e diz: ‘Olha aqui professor! Eu não entendi isso aqui’”. (PROFESSOR 01)

O Professor 01 e o Professor 02 revelam que a utilização do texto didático colabora com a percepção do aluno sobre a importância da Educação Física enquanto componente curricular e, consequentemente, na mudança do paradigma dessa disciplina, dando-lhe certa credibilidade.

> Porque para os alunos, a Educação Física, se for apenas levar para a quadra, dar uma bola para eles brincarem de futebol, as meninas de queimado, ou então ficar conversando, sem fazer nada, só olhando, para eles estaria ótimo. Então, quando eu passei a mostrar para eles isso, então eles começaram a observar que não é apenas esse universo, a Educação Física é mais ampla. (PROFESSOR 02)

O Professor 04 também identifica essa contribuição do uso do texto didático, não só no que diz respeito à mudança da forma como os alunos vêem a Educação Física, mas também no modo como os professores de outras áreas a percebem.

> A primeira coisa que melhorou anos luz. Eu digo isso com toda franqueza, com toda humildade, é a organização, desenvolvimento e continuidade do processo de educação, da aplicação da Educação Física na nossa escola. Então, antes os nossos alunos não tinham essa noção de materializar um texto didático de Educação Física... Eu acho que isso ainda é muito presente no nosso país, em nosso estado... Pensar que a Educação Física é puramente prática, é o jogar, é o correr, é o futsal, é o handebol... Que seja! Porque o esporte faz parte! Mas, o texto didático me deu muito de contribuição para que todos, inclusive, não só alunos, mas outros professores de outras áreas entendessem que a Educação Física tem conteúdo, os conteúdos importantes, inerentes ao crescimento educacional dos nossos alunos. E esses textos organizados, sistematizados, durante todo o ano, foi me dando esse respaldo, isso foi de fundamental importância. (PROFESSOR 04)

Rodrigues (2009) também fez essas constatações em seu estudo do curso de mestrado, apontando que a utilização de recursos materiais dessa natureza contribui com o fortalecimento da importância da Educação Física na escola.

Elaboramos o Quadro 13 para expor as principais contribuições percebidas pelos professores entrevistados quanto à elaboração de textos didáticos.

Contribuições identificadas quanto à utilização de textos didáticos
- Práxis (relação teoria e prática)
- Organização do processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos da Educação Física
- Subsídio para a prática pedagógica do professor e para a aprendizagem do aluno
- Dinamização da prática pedagógica
- Credibilidade à Educação Física como componente curricular frente à comunidade escolar

Quadro 14 - Contribuições identificadas quanto à utilização de textos didáticos.

Desse modo, a utilização de textos didáticos na prática pedagógica dos professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco que foram entrevistados se apresenta como uma atividade com uma série de possibilidades de serem materializadas, apesar das limitações encontradas, bem como se revela como um método que oferece várias contribuições para o professor e para o aluno durante o processo de ensino e de aprendizagem dos conteúdos.

4.5 A utilização do texto didático na prática pedagógica

Objetivando compreender melhor o processo de utilização de textos didáticos na prática pedagógica do professor de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, realizamos um processo de observação livre (TRIVINÕS, 1987) sobre a prática pedagógica de um dos professores entrevistados. Vale lembrar que, conforme Triviños (1987), "'observar', naturalmente, não é simplesmente olhar (p. 153)", portanto fomos a campo munidos de um roteiro de observação (APÊNDICE D) que orientou a nossa intervenção investigativa.

As observações foram realizadas durante o terceiro bimestre letivo[42] do ano de 2013, nas dependências da escola em que o Professor 01 desenvolveu a sua prática pedagógica. Ao todo foram 10 horas aula de observação. Fizemos a opção por observar a prática pedagógica desse sujeito por identificarmos, através da análise do conteúdo das suas falas, que ele representa um docente com uma relevante experiência na elaboração e na utilização de textos didáticos.

[42] O ano letivo das escolas da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco é divido em 04 (quatro) bimestres letivos, os quais correspondem às Unidades de ensino I, II, II e IV, conforme podemos observar no ANEXO J, que corresponde ao calendário escolar para o ano letivo de 2013.

A instituição de ensino em que o Professor 01 leciona faz parte do Programa de Educação Integral do Governo do Estado de Pernambuco, configurando-se, portanto, numa das chamadas Escolas de Referência em Ensino Médio (EREM). Seus alunos têm aulas de segunda à sexta-feira, no turno da manhã (cinco aulas) e da tarde (quatro aulas), realizando as suas refeições, gratuitamente, no próprio estabelecimento de ensino.

A EREM que foi o lócus de observação apresenta cerca de 505 (quinhentos e cinco) alunos, distribuídos em 12 (doze) turmas, sendo 03 (três) do 1º ano do ensino médio, 04 (quatro) do 2º ano e 05 (cinco) do 3º ano.

Fizemos a opção de observar as aulas de Educação Física da turma do 1º ano “C”, as quais aconteciam às terças-feiras, das 13h20min. às 15h, o que significa (02) duas aulas seguidas de 50 (cinquenta) minutos. Tal turma, escolhida de forma aleatória, era composta por cerca de 45 (quarenta e cinco) discentes.

O conteúdo de ensino da unidade observada foi o “Jogo”, especificamente os “Jogos Populares”. Notamos, portanto, que o Professor 01 acaba confirmando o que nos revelou na sua entrevista, pois faz, de fato, opção pelas OTM para a Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco para direcionar a sua prática pedagógica.

Durante o período de observação nos preocupamos em identificar: Como o professor articula o conhecimento da unidade com o texto didático? Quais são as estratégias que utiliza para o trabalho com o texto didático? Como o aluno corresponde à utilização do texto didático? Quais as dificuldades apresentadas pelo professor e seus alunos quando da utilização do texto didático? Quais as condições de trabalho para a utilização de textos didáticos? Quais as contribuições teórico-metodológicas da utilização do texto didático? Qual o tempo pedagogicamente necessário para a utilização do texto didático?

No primeiro encontro, o Professor 01 realizou, na sala de aula, uma breve exposição oral sobre o conteúdo que seria abordado no bimestre e, se utilizando de lápis piloto e do quadro, o apresentou para os discentes que, por sua vez, registraram em seus cadernos. Durante essa ação, o referido professor fez uso de um texto didático, no suporte papel, que o ajudou na descrição do conteúdo da unidade no quadro. Os conteúdos listados versavam sobre: história dos jogos; conceitos, valores, hábitos e atitudes que perpassam o jogo; particularidades e generalizações; características do fenômeno jogo; ludicidade entre outros. O

docente os lembrou de que todo esse conteúdo estaria presente no texto didático da unidade, o qual eles normalmente conhecem por “apostila”, bem como os informou de que esse material seria deixado, em breve, no estabelecimento comercial que fica ao lado da escola para que eles pudessem adquiri-lo (comprá-lo) para utilizá-lo durante a unidade de ensino, como era de costume. Na sequência, o professor iniciou o conteúdo da unidade, tratando sobre as considerações gerais da temática Jogo, para tanto se utilizou de autores clássicos como Kishimoto e Huinziga.

Durante essa aula foi notória a boa receptividade que os discentes tinham para com os textos didáticos, inclusive, indagando o professor sobre quando seria possível obtê-lo. Acreditamos que essa postura foi construída lentamente ao passar das unidades de ensino, pois, como vimos, historicamente foi constituído que na Educação Física não se reflete, não se discute, não se lê (PAULA, 2003), não se utilizam textos didáticos, apenas se reproduzem movimentos corporais, então as condutas pedagógicas que se diferenciam daquilo que foi construído historicamente apresentam certa resistência para serem vivenciadas.

No final desse encontro, o professor lembrou aos discentes que o conteúdo da unidade, presente no texto didático, estabelece estreita relação com a avaliação escrita (ANEXO L) que eles realizam no final da unidade de ensino, sendo esse tipo de avaliação uma solicitação da estrutura do Programa de Educação Integral do Governo do Estado de Pernambuco.

No encontro seguinte, o professor iniciou realizando um resgate do encontro anterior e continuou com a exposição do conteúdo da unidade por meio de problematizações dialógicas. Dessa vez, o docente fez uso do projetor multimídia para expor, em formato de *slides*, o conteúdo da aula que, por sua vez, estava presente no texto didático da referida unidade de ensino. Bem como avisou aos discentes que eles poderiam adquirir esse material através do *pendrive*, mas a grande maioria deles fez a opção de registrar o conteúdo em seus cadernos mesmo, como também optou por elaborar os seus próprios textos escritos sobre as explicações do professor e as suas sistematizações sobre o conteúdo discutido, realizadas no quadro.

Após essa exposição oral, o docente levou a turma para a quadra para vivenciar, por meio de experimentações corporais, o conteúdo de ensino discutido até o momento. Nesse instante, percebemos que o conhecimento problematizado e debatido na sala de aula, presente no texto didático, se articulou com as atividades

orientadas pelo docente na quadra. Um bom exemplo disso foi quando o professor, inicialmente, problematizou à turma sobre quais seriam as regras que iriam reger o jogo de queimado que eles vivenciariam naquele momento. Logo, os discentes apresentaram regras distintas para o funcionamento do jogo em questão, então o professor resgatou a discussão que tiveram em sala de aula, a qual afirmava que além da nomenclatura dos jogos populares, as suas formas de disputa também variavam conforme a região em que são vivenciados e de acordo com os grupos sociais que os praticam, assim não há regras padronizadas municipal, regional, nacional ou internacionalmente, portanto são os seus praticantes quem modifica os seus nomes e as suas formas de jogar de acordo com a realidade nas quais estão inseridos. Desse modo, percebemos uma práxis, uma relação entre teoria e prática, na qual a teoria permeia a prática e a prática é constituída pela própria teoria, ou seja, se mostram como elementos imbricados. Logo, notou-se uma das contribuições do uso do texto didático, a colaboração com a relação teórico-prática do conteúdo de ensino, assim como descreve Carmo (1999).

No outro encontro, utilizando-se do texto didático, o professor abordou a classificação dos jogos populares à luz dos autores: Veríssimo de Melo e Nicanor Miranda. Mais uma vez, o texto didático apareceu como um subsídio do professor na sistematização do conteúdo da aula. Essas sistematizações foram expostas no quadro e, a partir delas, o docente desenvolveu explicações. Essas sistematizações e explicações foram registradas pelos discentes em seus cadernos. Identificou-se, assim, que os alunos captaram os textos orais (explicações) e os textos escritos (sistematizações no quadro) veiculados pelo professor para construírem os seus próprios textos em seus cadernos, dando-lhes a forma/estrutura desejada.

Através de um diálogo com os seus alunos, o Professor 01 estabeleceu nexos entre o conhecimento estudado e as suas vidas, trazendo exemplos do cotidiano. Com essa importante atitude, percebemos que o professor se esforçou para que os discentes obtivessem aprendizagens significativas, pois tentou estabelecer uma relação entre o conteúdo e os conceitos que os sujeitos já tinham incorporado, fazendo com que o conhecimento apresentasse sentido/significado para eles.

Em seguida, o professor conduziu os discentes para a quadra com o intuito de articular o conteúdo discutido com as experimentações corporais. Então, com base na classificação de Veríssimo de Melo, os discentes vivenciaram dois jogos populares de competição: barra-bandeira e pega-pega. Resgatando as aulas

anteriores, nas quais se estudou que os jogos populares apresentam regras flexíveis, podendo ser modificadas pelos seus próprios participantes. O professor conduziu a vivência dos referidos jogos populares de forma “tradicional” e, logo após, orientou esses mesmos jogos de forma pedagogizada, levando em consideração as sugestões e os conhecimentos dos discentes.

No encontro seguinte, iniciando na sala de aula, o Professor 01 ministrou uma aula expositiva dialógica (LOPES, 1991) para tratar do assunto Jogo e Ludicidade. Utilizando-se do aparelho multimídia, o docente projetou o conteúdo em formato de *slides* para que ele e os seus alunos pudessem dialogar sobre. De forma concomitante, o professor lançou mão de sistematizações e explicações no quadro. Autores como João Batista Freire, Jean Piaget, Vygotsky, Kishimoto e Huizinga foram referenciados durante a apreensão do conteúdo, o que mostra que o docente traz para o seu texto didático, para a sua aula, um aporte teórico consubstanciado.

Logo após, os discentes foram conduzidos para a quadra, onde vivenciaram vários jogos populares que foram estudados em sala de aula: labirinto, pula carniça / mão na mula, amarelinha, elástico e cabra cega. Observou-se que o docente apresentou a preocupação de sempre resgatar os conteúdos vistos nas aulas anteriores referentes às características peculiares do fenômeno Jogo num processo de idas e vindas, de avanços e retrocessos, de ampliação e aprofundamento. Bem como, percebeu-se que o conhecimento selecionado para compor o texto didático da unidade foi o mesmo que permeou as aulas expositivas em sala de aula e as experimentações corporais na quadra, ou seja, foi notável a articulação entre o texto didático e a prática pedagógica do professor.

Em outro momento pedagógico, o professor realizou, na sala de aula, uma síntese expositiva sobre o conteúdo estudado até então. Para tanto se utilizou do aparelho multimídia da escola para projetar o conteúdo que, por sua vez, estava presente no texto didático da unidade. Após realizar essa síntese sobre o conteúdo, por meio de diálogos problematizadores, o docente encaminhou uma atividade avaliativa. Essa atividade se traduzia numa solicitação de pesquisa que estava dentro do próprio texto didático. Levando em consideração os discentes que ainda não tinham adquirido o texto didático, o docente realizou um ditado sobre a referida pesquisa. Essa atividade consistia numa entrevista que os discentes deveriam realizar com os seus familiares a respeito dos jogos populares.

Em seguida, o Professor 01 encaminhou os discentes para a quadra, onde conduziu, numa perspectiva de culminância, a vivência de uma série de jogos populares que eles haviam estudado durante a unidade de ensino, tais quais: bambolê, elástico, bola de gude, pião, corrida de saco, sete cortes, bobinho, pular cordas, zorrinha e academia/amarelinha. É importante destacar que esses jogos populares estiveram presentes no conteúdo do texto didático estudado e, consequentemente, nas discussões em sala de aula.

Após a vivência desses encontros, o professor aplicou o simulado (ANEXO M) e a avaliação da unidade respectivamente, conforme mostra o ANEXO N que, por sua vez, apresenta as datas das avaliações da unidade III. Esses simulados e avaliações escritos formais correspondem a uma solicitação peculiar do Programa de Educação Integral do Governo do Estado de Pernambuco.

Como vimos na descrição das aulas observadas, o docente pesquisado acaba confirmando o falado com o vivido, ou seja, através da sua prática pedagógica, ele materializa o seu discurso sobre a utilização de textos didáticos. Pois, como se observa, esse sujeito realmente se baseou nas OTM para selecionar o conteúdo da unidade de ensino; estabeleceu uma relação entre o conteúdo do texto didático, o conteúdo de ensino da unidade, as experimentações corporais vivenciadas na quadra e a avaliação; incluiu no seu texto didático: sínteses conceituais sobre o conteúdo, histórico, exercícios e atividades de pesquisa; utilizou esse recurso material numa perspectiva teórico-prática; o disponibilizou para os discentes de diferentes formas: projetado em *slides*, por *pendrive* e num estabelecimento comercial próximo da escola.

Percebemos que, na maioria dos encontros, o docente lançou mão da “tática pedagógica” de realizar a primeira aula na sala e a segunda na quadra, uma vez que dispunha de duas aulas juntas. Nesse contexto, notamos que o professor toma como estratégia a utilização do texto didático no primeiro momento, no recinto da sala de aula, talvez por se tratar de um ambiente mais favorável para a sua exposição/explicação e para o diálogo sobre os seus conhecimentos. Até porque, quando estão na quadra, por vezes, os discentes apresentam uma atenção reduzida para o diálogo em virtude de estarem ansiosos pelo momento das experimentações corporais (o brincar, o jogar, o correr, o saltar etc.). Assim, percebemos uma condição para uma boa utilização do texto didático com os discentes: um ambiente favorável com cadeiras, iluminação e quadro. Além disso, vale destacar que essa

opção do professor se configura como uma interessante forma de aproveitamento do tempo pedagógico necessário para a utilização do texto didático, o qual varia de acordo com o conteúdo programado para a aula.

Ainda quanto às estratégias que o professor utilizou para o trabalho com o texto didático, identificamos a projeção do seu conteúdo, em formato de *slides*, como uma ação que permitiu que os seus alunos se apropriassem do conhecimento coletivamente e o registrassem em seus cadernos da forma que consideraram melhor, construindo, portanto, os seus próprios textos escritos.

Não percebemos dificuldades apresentadas pelo professor e seus alunos quando da utilização do texto didático, pelo contrário, notamos até certa receptividade, principalmente por parte desses últimos. O que mostra que, pelo menos da realidade investigada, a utilização de textos didáticos é uma atividade possível de se materializar.

Então, por meio das observações realizadas durante essa unidade de ensino, nos foi possível presenciar como o Professor 01 vivenciou o processo de utilização de textos didáticos na prática pedagógica e que peculiaridades estiveram presentes nessa ação docente.

Enfim, destacamos as várias contribuições teórico-metodológicas que identificamos sobre a utilização de textos didáticos, as quais versam sobre os serviços que esses recursos materiais podem prestar, tais quais: a) comportar o conhecimento que será estudado durante a unidade de ensino; b) colaborar na articulação entre teoria e prática; c) cooperar na orientação das sistematizações e explicações do professor sobre o conteúdo estudado e, consequentemente, na aprendizagem dos alunos; d) ser mais um subsídio para os discentes durante os estudos que antecedem os simulados e as avaliações escritas formais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, que participaram desta pesquisa, entendem o texto didático com base nas funções e contribuições que esse recurso material desempenha na sua prática pedagógica. Sendo assim, concebem-no como mais um instrumento de apoio à prática pedagógica, de uso do professor e do estudante, que através da linguagem escrita contribui para a dinamização e qualificação do processo de ensino e de aprendizagem dos diversos conteúdos da Educação Física. Portanto, se aproximam do entendimento de texto didático expresso no documento de *Orientação para texto didático* do programa de formação continuada em que são sujeitos participantes.

O processo de elaboração desses recursos materiais se mostra como uma atividade docente que enfrenta algumas limitações encontradas no contexto escolar, assim como apresenta uma série de possibilidades de materialização e contribuições para a prática pedagógica.

Identificamos que a elaboração dos seus textos didáticos normalmente se dá por meio da justaposição de recortes de textos de outros autores (texto fonte), ou seja, não apresentam uma elaboração própria sobre o conteúdo. Entretanto uns apresentam maior cuidado do que outros do ponto de vista da transposição didática (FONTANA, 2006). Portando, notamos que a elaboração de textos didáticos vivenciada pelos docentes que participaram deste estudo se aproxima da perspectiva de texto didatizado (SILVA *et al.*, 2007), na qual o docente atua como sujeito do processo, realizando, porém, recortes de outros textos para “montá-lo”, sem uma elaboração própria.

Entendemos que essa perspectiva de “elaboração própria” apresenta avanços frente à identificada, pois é nela que o docente realmente atua como o sujeito autor do material. Entretanto, apesar de sabermos que é nessa vertente que a *Orientação para texto didático* sugere que o professor vivencie o processo de elaboração desses materiais, compreendemos que se trata de uma lógica de produção diferenciada e que requer condições como, por exemplo, tempo disponível e espaço adequado.

No entanto, embora a Lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996, garanta que o professor da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco tenha uma parte da sua carga horária reservada para as atividades (a serem desenvolvidas na escola) que

precede a regência de aulas como, por exemplo, a elaboração de textos didáticos. Devido às condições do contexto instaurado, o professor se vê propenso a fazer uso desse tempo para ministrar aula em outras instituições de ensino para aumentar a sua renda mensal, ficando, desse modo, com o tempo para a elaboração de texto didático resumido às suas horas vagas em casa. E, como sabemos, muitas vezes os docentes têm outros afazeres em casa que dificultam o desenvolvimento de atividades como a elaboração de textos didáticos.

Em resumo, identificamos as seguintes possibilidades quanto à elaboração de textos didáticos: a) Geralmente, o texto didático é elaborado na residência do professor, por meio da utilização do computador, tomando como referência a realidade da prática pedagógica e as OTM; b) A internet se mostra como a fonte mais utilizada por esses sujeitos durante essa atividade; c) Fazem uso de ilustrações, além de textos escritos, como estratégia para qualificá-los. Logo, notamos aproximações com o conteúdo da *Orientação para texto didático*.

Em relação às limitações referentes à elaboração de textos didáticos, percebemos que elas se intensificam quando os docentes tentam vivenciar esse procedimento em suas escolas, as quais, em geral, não dispõem de ambiente e recursos materiais adequados. O que, inclusive, vai de encontro com a atual LDB e a própria Lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996, que prevê que os docentes devem ter condições adequadas de trabalho. Portanto, percebe-se uma fragilidade da gestão educacional do Governo do Estado de Pernambuco que não está garantindo a efetivação dos seus direitos.

Já no que diz respeito às contribuições percebidas pelos professores entrevistados, referentes à elaboração de textos didáticos, identificamos que elas vão desde o estímulo aos estudos, à pesquisa (o que lhe dá propriedade sobre o conteúdo de ensino), passando pela qualificação do processo de seleção, organização e sistematização do conhecimento até a colaboração da mudança de paradigma da área. Sobretudo, a elaboração de textos didáticos contribui para o processo de autoformação do professor.

Por sua vez, a utilização de textos didáticos na prática pedagógica dos professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco que foram entrevistados se apresenta como uma atividade com uma gama de possibilidades de serem materializadas, apesar das limitações encontradas, bem

como se revela como um método que oferece várias contribuições para o professor e para o aluno durante o processo de ensino e de aprendizagem dos conteúdos.

Notamos que o professor está em constante adaptação às condições que a sua realidade lhe oferece, vislumbrando diferentes possibilidades para realizar a utilização de textos didáticos. Identificamos que a sala de aula é o local onde mais se vivencia a utilização de textos didáticos, muito provavelmente por se tratar de um ambiente favorável para isso. Percebemos várias formas de disponibilização, as quais vão desde a entrega de fotocópias (xerox) até as formas mais modernas como, por exemplo, o uso do *pendrive, blog* e *email*. Bem como identificamos que o uso *tablet*, enquanto um suporte convencional de texto didático (MARCUSCHI, 2008), se mostra como uma alternativa.

As principais dificuldades que os sujeitos pesquisados revelaram sobre o uso de textos didáticos em suas práticas pedagógicas foram: a) a falta de recursos da escola para o fornecimento do material aos alunos; b) a falta de um espaço que permita que o professor realize as experimentações corporais trazidas pelo texto didático; c) o entendimento limitado do aluno quanto a Educação Física, uma vez que ela historicamente foi constituída como uma disciplina que pouco estabeleceu relação com textos didáticos.

Já em relação às contribuições teórico-metodológicas da sua utilização, identificamos que elas versam sobre os serviços que esses recursos materiais podem prestar, tais quais: a) comportar o conhecimento que será estudado durante a unidade de ensino; b) colaborar na articulação entre teoria e prática; c) cooperar na orientação das sistematizações e explicações do professor sobre o conteúdo estudado e, consequentemente, na aprendizagem dos alunos; d) ser mais um subsídio para os discentes durante os estudos que antecedem os simulados e as avaliações escritas formais; e) colaborar na organização do processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos da Educação Física; f) dinamizar a prática pedagógica; g) ajudar no reconhecimento da importância da Educação Física como componente curricular frente à comunidade escolar.

Como vimos, os professores entrevistados, em geral, encontram limitações para desenvolver a elaboração e a utilização de textos didáticos na prática pedagógica e essas dificuldades normalmente estão relacionadas às condições de trabalho como, por exemplo, a falta de infraestrutura e material didático (GASPARI *et al*., 2006). Mas percebemos que esses docentes, ainda que inseridos nesse

contexto de limitações, apresentaram várias possibilidades para materializar essa atividade por estarem certos de que tais procedimentos trazem grandes contribuições para a prática pedagógica.

Esse estudo nos permitiu conhecer um pouco melhor as limitações e possibilidades que caracterizam o contexto da prática pedagógica de professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco. Diante desses dados, afirmamos que a gestão da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco carece de aumentar o tempo destinado para as horas-aula atividade do professor, bem como deve qualificar os seus salários e as condições infraestruturais das suas instituições de ensino para que os seus docentes possam, de fato, realizar as suas horas-aula atividade nas suas escolas. E, sobretudo, é preciso que haja uma maior preocupação e valorização do programa de formação continuada desses professores. Pois, dessa forma, estarão despendendo esforços para a qualificação da prática pedagógica.

No mais, afirmamos que, em estudos posteriores, temos a intenção de dar continuidade á investigação sobre a temática dos textos didáticos na referida rede de ensino, com o intuito de concretizar umas das solicitações dos seus professores: a elaboração do Livro Didático Público de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, C. S; ROTELLI, P. P; TERRA, D. V. **Construção de Materiais Curriculares na Educação Física**. In: IX Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, 2005, Niterói. A Formação dos Professores: a licenciatura em foco. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005.

ALMEIDA, Maria das Graças Marinho de. **O texto didático escrito para a educação a distância:** um estudo acerca dos fundamentos e estratégias de elaboração. Recife, 2009. 294f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco.

AMARAL, Lucas Vieira do; OLIVEIRA, João. Contribuições dos textos didáticos para o processo de ensino-aprendizagem da Educação Física: uma análise sobre textos didáticos de handebol. **Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires).** Buenos Aires, Año 17, Nº 172, Setembro de 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd172/contribuicoes-dos-textos-didaticos-para-educacao-fisica.htm>. Acesso em 31/05/2013.

ASSIS, Aniele Fernanda Silva de. **Política de formação continuada dos professores de educação física no estado de Pernambuco**: avanços ou retrocessos? João Pessoa, 2011. (Dissertação de Mestrado)

AZEVEDO, Andréa Maria Pires; OLIVEIRA, Glycia Melo; SILVA, Priscilla Pinto Costa; NÓBREGA, Thereza Karolina Sarmento; SOUZA JÚNIOR, Marcílio. Formação continuada na prática pedagógica: a Educação Física em questão. **Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 245-262, outubro/dezembro de 2010.

AZEVEDO, Tânia Maris de. **Argumentação, conceito e texto didático:** uma relação possível. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2000. 113 p. ISBN 8570611455 (broch.).

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: 2011.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; ROJO, Roxane. In: VAL, Maria da Graça Costa; MARCUSCHI, Beth (Orgs.). **Livros didáticos de Língua Portuguesa**: letramento, inclusão e cidadania. 1reimp. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 13-45.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; ROJO, Roxane; ZÚÑIGA, Nora Cabrera. In: VAL, Maria da Graça Costa; MARCUSCHI, Beth (Orgs.). **Livros didáticos de Língua Portuguesa**: letramento, inclusão e cidadania. 1reimp. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 47-72.

BRASIL. **Decreto n. 6.755, de 29 de janeiro de 2009**. Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 jan. 2009. Disponível em:

<http://www:planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6755.htm>. Acesso em: 20 out. 2011.

BRASIL. Lei n°9.394, de 20 de dezembro de 1996. Es tabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833-27841.

CARMO, Sérgio Carnevale do. **O livro como recurso didático no ensino do futebol**. 1999. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em:<http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/processaPesquisa.php?listaDetalhes%5B%5D=1483&processar=Processar>. Acesso em: 29/08/2012.

CHIAPPINI, Ligia (coord. geral); BRANDÃO, Helena; MICHELETTI, Guaraciaba, (coords.) **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 5º Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 2012.

DARIDO, Suraya Cristina; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto; BARROSO, André Luis Ruggiero; RODRIGUES, Heitor de Andrade. Livro didático na Educação Física escolar: considerações iniciais. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.2 p.450-457, abr./jun. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/download/1980-6574.2010v16n2p450/3001>. Acesso em: 29/08/2012.

DINIZ, Irlla Karla dos Santos; DARIDO, Suraya Cristina. Livro didático: uma ferramenta possível de trabalho com a dança na Educação Física Escolar. **Motriz**, Rio Claro, v.18 n.1, p.176-185, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/download/4972/pdf_150>. Acesso em: 29/08/2012.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto:** leitura e redação. São Paulo: Ática, 2006.

FONTANA, Niura Maria. **O texto didático nas licenciaturas**: otimizando o discurso do professor. In: I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2006, Uberlândia. XI Simpósio Nacional & I Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues; DARIDO, Suraya Cristina. Pedagogia do Esporte: livro didático aplicado aos Jogos Esportivos Coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.3 p.751-761, jul./set. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/download/1980-6574.2010v16n3p751/pdf_51>. Acesso em: 29/08/2012.

GASPARI, Telma Cristiane; SOUZA JUNIOR, Osmar; MACIEL, Valéria; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto; VENÂNCIO, Luciana; ROSÁRIO, Luiz Fernando;

IÓRIO, Laércio; TOMAZZO, Aline; DARIDO, Suraya Cristina. A realidade dos professores de Educação Física na escola: suas dificuldades e sugestões. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 14, p.109 - 137, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Esporte moderno: memória e história. **Revista Digital - Buenos Aires** - Ano 10 - N°77 - Outubro de 2004.

LOPES, Antonia Osima. Aula expositiva: superando o tradicional. In VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas: Papirus, 1991, p. 35-48.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 6º Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

MIRANDA Antonio Carlos Monteiro de; LARA, Larissa Michelle; RINALDI, Ieda Parra Barbosa. A Educação Física no ensino médio: saberes necessários sob a ótica docente. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.3 p.621-630, jul./set. 2009.

MORAIS, J. V. “Sindicatos e democracia sindical. Representatividade e responsabilidade política”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: Anpocs, 1994, n. 25.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v. 1, nº 3, 2º Sem./1996.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Livro Didático Público - Educação Física**/ vários autores – 2ª ed. Curitiba: SEED-PR, 2008. – 232 p. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/livro_didatico/edfisica.pdf>. Acesso em 03 de julho de 2007.

PAULA, Maristela Vicente de. **A utilização de apoio bibliográfico como recurso metodológico para o ensino da educação física nos níveis fundamental e médio de escolarização da cidade de Catalão – GO**. Campinas, SP. 2003. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000290976>. Acesso em: 08/10/2013.

PERNAMBUCO. Governo do Estado. Secretaria de Educação. **Orientações teórico-metodológicas - ensino fundamental e médio**: Educação Física. Recife: SEDE-PE, 2010.

PERNAMBUCO. Governo do Estado. Secretaria de Educação. **Texto subsídio para prática pedagógica da educação física**: contribuições para elaboração da matriz curricular. Recife: SEDE-PE, 2008.

PERNAMBUCO. **Lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996**. Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público de Pré-Escolar, Ensino Fundamental e Ensino Médio do Estado de Pernambuco, 1996.

REGULAMENTO Nº 7. **Regulamento de Educação Física**. 1ª parte. Edição provisória autorizada pelo Estado-maior do Exército, 1934. Disponível em: <http://cev.org.br/etc/regulamento/fla01.htm>. Acesso em: 27/09/2013.

RODRIGUES, Heitor de Andrade. **Basquetebol na escola:** construção, avaliação e aplicabilidade de um livro didático. 2009. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2009. Disponível em: http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6417&acordo=>. Acesso em: 29/08/2012.

RODRIGUES, Heitor de Andrade; DARIDO, Suraya Cristina. O livro didático na Educação Física escolar: a visão dos professores. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.1, p.48-62, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/download/1980-6574.2011v17n1p48/pdf_66>. Acesso em: 29/08/2012.

SILVA, Ana Cláudia da; SPARANO, Magali Elisabete; CARBONARI, Rosemeire; CERRI, Maria Stella Aoki. A leitura do texto didático e didatizado. In: CHIAPPINI, Ligia (coord. geral); BRANDÃO, Helena; MICHELETTI, Guaraciaba, (coords.) **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 5º Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Pierre Normando Gomes da. Compendio de Gymnastica Escolar: o corpo e a pedagogia no inicio do século XX. In FERREIRA NETO, Amarílio(org.) **Pesquisa histórica na Educação Física.** Vol. 4, Aracruz. ES: FACHA, 1999. P. 27-49.

SOUSA, Fábio Cunha de. **A construção curricular da Educação Física na Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, 2007-2010**. Recife, 2011. (Dissertação de Mestrado)

SOUZA JÚNIOR, Marcílio Barbosa Mendonça de. **A constituição dos saberes escolares na educação básica.** Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio Barbosa Mendonça de. **A Educação Física como componente curricular... ? ...Isso é história!** Uma reflexão acerca do saber e do fazer. 1999. 274 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 1999.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio Barbosa Mendonça de; MELO, Marcelo Soares Tavares de; SANTIAGO, Maria Eliete. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. **Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 31-49, julho/setembro de 2010.

TEIXEIRA, Hudson Ventura. **Educação Física e Desportos**. 2ª Edição. Editora: Saraiva, 1996.

TEIXEIRA, Hudson Ventura. **Trabalho dirigido de educação física**. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 1983.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo, Atlas, 1987.

VAL, Maria da Graça Costa; MARCUSCHI, Beth (Orgs.). **Livros didáticos de Língua Portuguesa**: letramento, inclusão e cidadania. 1reimp. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 272.

APÊNDICE A–QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO

Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB

Curso de Mestrado

QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO

1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

1.1- Nome: _____Email:_____

1.2 - Telefone (s) para contato: (____)_____

2 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL

2.1 - Curso de graduação:_____

2.2 - GRE:_____

2.3 - Nome da sua escola: _____

2.4 - Vínculo com a rede? **( ) Efetivo ( ) Contrato**

3 – DADOS DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL

3.1 - Sabe que esse Programa de Formação Continuada, há alguns anos atrás, disponibilizou um texto impresso e/ou *online* (no site da SEDUC-PE) sobre Orientação para Texto Didático?

( ) Sim ( ) Não

3.2 - Você utiliza textos didáticos nas suas aulas de Educação Física?

( ) Sim ( ) Não

3.3- Caso seja solicitado futuramente, você poderia contribuir com esta pesquisa enviando um dos textos didáticos utilizados nas suas aulas de Educação Física?

( ) Sim ( ) Não

3.4 - Caso seja solicitado futuramente, você poderia contribuir com esta pesquisa participando de uma entrevista?

( ) Sim ( ) Não

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB

Curso de Mestrado

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Bloco 01- Conceito e importância

1. O que é texto didático?
2. Qual a importância do texto didático para a sua prática pedagógica?

Bloco 02- Quanto à elaboração

1. Você mesmo elabora os textos didáticos que utiliza?
2. Como você elabora os textos didáticos?
3. Quais são os fatores que facilitam a elaboração dos textos didáticos?
4. Quais são as dificuldades que você encontra para elaborar textos didáticos?
5. Quais são as contribuições que a elaboração de textos didáticos trás para a sua prática pedagógica?

Bloco 03 - Quanto à utilização

1. Quais são os fatores que facilitam o uso dos textos didáticos na sua prática pedagógica?
2. Como você faz para disponibilizar os textos didáticos para os alunos?
3. O que dificulta a utilização dos textos didáticos?
4. Quais são as contribuições que o uso dos textos didáticos trás para a sua prática pedagógica?
5. Deseja acrescentar outras informações?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Elaborado de acordo com a Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde e legislação complementar da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa)

Convido (amos) V.S.a a participar da pesquisa ***Textos Didáticos na Prática Pedagógica do Professor de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco: Possibilidades, Limites e Contribuições*** sob responsabilidade do (a) (s) pesquisador (a) (es) ***Lucas Vieira do Amaral*** (sobre orientação do Prof. Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo), que tem por objetivo ***analisar como se dá a elaboração e a utilização de textos didáticos na prática pedagógica do professor de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco.***

Para a realização deste trabalho será (ão) utilizado(s) o(s) seguinte(s) método(s): ***aplicação de questionário exploratório, realização de entrevista a ser gravada em dispositivo de áudio e observação de aulas.***

Esclareço (cemos) ainda que após a conclusão da pesquisa todo material a ela relacionado, de forma gravada, filmada ou equivalente será destruído, não restando nada que venha a comprometer o anonimato de sua participação agora ou futuramente.

Quanto aos riscos e desconfortos, ***é necessário destacar que não estão previstos riscos ou desconfortos, seja durante ou após o trabalho. A única inconveniência possível está associada apenas à dedicação de tempo para responder o questionário ou a entrevista e participar da observação. Entretanto, todos os cuidados éticos serão realizados para garantir seus direitos como sujeito pesquisado.***

Caso o senhor venha a sentir algo dentro desses padrões, comunicar imediatamente ao pesquisador para que sejam tomadas as devidas providências.

Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa ***dizem respeito a contribuir com a área da Educação e da Educação Física uma vez que seus resultados poderão cooperar para a qualificação do programa de formação continuada dos professores de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco que atende a centenas de docentes anualmente.***

O (A) senhor (a) terá os seguintes direitos: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); a garantia de privacidade à sua identidade e do sigilo de suas informações; a garantia de que caso haja algum dano a sua pessoa (ou o dependente), os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável inclusive acompanhamento médico e hospitalar. Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos o (a) senhor (a) deve procurar os pesquisadores na ***Escola Superior de Educação Física, Secretaria do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB - Curso de Mestrado em Educação Física, Rua Arnóbio Marques, 310, Santo Amaro, Recife, PE, CEP 50.100-130 ou pelos telefones (81)3183-3373 ou 3183-3354.***
Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco, localizado à Av. Agamenon Magalhães, S/N, Santo Amaro, Recife-PE ou pelo telefone 81-3183.3775 ou através do e-mail comitê.etica@upe.pe.gov.br

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu_____,

após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o (s) pesquisador (es), em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do (s) pesquisador (es).

Local: _____ Data: ____/____/____

_____

Assinatura do Sujeito

_____

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE D – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB

Curso de Mestrado

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

1. Como o professor utiliza o texto didático na sua prática pedagógica?
2. Quais são as estratégias que o professor utiliza para o trabalho com o texto didático?
3. Como o aluno corresponde à utilização do texto didático?
4. Quais as dificuldades apresentadas pelos alunos e professor quando da utilização do texto didático?
5. Quais as condições de trabalho para a utilização de textos didáticos?
6. Quais as contribuições teórico-metodológicas durante a utilização do texto didático?
7. Qual o tempo pedagogicamente necessário para a utilização do texto didático?
8. Como o professor articula o conhecimento da unidade com o texto didático?

APÊNDICE E – QUADROS DE ANÁLISE

Quadro de análise 01

Categoria: Possibilidades

Temática: Elaboração de textos didáticos

Categoria empírica		
Possibilidades (quanto à elaboração de textos didáticos)		**Professor**
Unidades de contexto	**Unidades de registro**	
Local	Residência	
	Escola	
Período	Finais de semana	
Referência	Percepção individual	
	OTM	
	Realidade da prática pedagógica	
Fonte	Experiência dos encontros de formação continuada	
	Internet	
	Livros da área (que não são didáticos)	
Estratégia	Textos escritos	
	História	
	Exercícios	
	Ilustrações	
	Relação teoria e prática	
Instrumento	Computador	
Autor	Professor	
	Alunos	

Quadro de análise 02

Categoria: Limites

Temática: Elaboração de textos didáticos

Categoria empírica		
Limites (quanto à elaboração de textos didáticos)		**Professor**
Unidades de contexto	**Unidades de registro**	
Escola	Demanda de trabalho	
	Tempo	
	Material bibliográfico	
	Internet	
	Espaço	
Encontrar referencial teórico		
Relação teoria e prática		

Quadro de análise 03

Categoria: Contribuições

Temática: Elaboração de textos didáticos

Categoria empírica		
Contribuições (quanto à elaboração de textos didáticos)		**Professor**
Unidades de contexto	**Unidades de registro**	
Propriedade sobre o conteúdo de ensino	Estudar	
	Aprender/Pesquisar	

Mudança de paradigma negativo da área	Capacitação do professor	
Sistematização do conteúdo		

Quadro de análise 04

Categoria: Possibilidades

Temática: Utilização de textos didáticos

Categoria empírica		
Possibilidades (quanto à utilização de textos didáticos)		**Professor**
Unidades de contexto	**Unidades de registro**	
Local	Sala de aula	
	Quadra	
Disponibilização	*Blog*	
	Email	
	Xerox financiada pelo aluno	
	Xerox financiada pelo professor	
	Xerox trazida pelo professor	
	Pendrive	
	Xerox financiada pela escola	
Forma de uso		

Quadro de análise 05

Categoria: Limites

Temática: Utilização de textos didáticos

Categoria empírica		
Limites (quanto à utilização de textos didáticos)		**Professor**
Unidades de contexto	**Unidades de registro**	
Disponibilização		
Local		
Aceitação do aluno		

Quadro de análise 06

Categoria: Contribuições

Temática: Utilização de textos didáticos

Categoria empírica		
Contribuições (quanto à utilização de textos didáticos)		**Professor**
Unidades de contexto	**Unidades de registro**	
Serviço/função	Práxis	
	Referencial para a prática pedagógica	
	Subsídio para avaliação	
	Referencial de orientação do aluno	
	Tirar dúvidas	
	Organização do processo de aprendizagem do aluno	
	Mudança de paradigma	
	Subsídio	
	Dinamização da prática pedagógica	

ANEXO A – TEXTO DIDÁTICO SOBRE GINÁSTICA ACROBÁTICA

Licenciatura em Educação Física
Fundamentos Teórico-Metodológicos da Educação Física na Educação Infantil e Ensino Fundamental I

Ana Rita Lorenzini e Marcílio Souza Júnior

TEXTO DIDÁTICO

GINÁSTICA ACROBÁTICA

Alexandre José Cavalcanti Guimarães
Henrique Alberto Nunes Paes Barreto
Lucas Vieira do Amaral
TonisAndres de Freitas

Olá caro aluno, hoje estudaremos um pouco sobre a Ginástica Acrobática. Veremos algumas de suas características como, por exemplo: seus movimentos corporais, técnicas, um pouco de seu contexto histórico e social. Você verá que não é difícil praticá-la, e provavelmente irá gostar muito dessa modalidade. Sempre que encontrar um movimento que considere "difícil", diga: "Nunca tentei". Mas não diga: "Não consigo".

Conceitos

Ginástica: Segundo o **Novo Dicionário Aurélio** da Língua Portuguesa, a palavra Ginástica vem do grego *Gymnastiké*, e significa a "Arte ou ato de exercitar o corpo para fortificá-lo e dar-lhe agilidade. O conjunto de exercícios corporais sistematizados, para este fim, realizados no solo ou com auxílio de aparelhos e aplicados com objetivos educativos, competitivos, terapêuticos etc".

Ginástica Acrobática: é um esporte bonito e espetacular para homens e mulheres. Desenvolve coragem, força, coordenação, flexibilidade, habilidades de saltos, destreza, entre outros.

Histórico

Ginástica

Para se falar de Ginástica, imagine a *Pré-história*. Naquela época, as atividades físicas estavam relacionadas à sobrevivência. Isso exigia dos homens, as melhores qualidades de combatentes e de caçadores. Porque tinha muitos animais grandes e o clima era muito rigoroso. Eles tinham que se valer da sua inteligência, e da força de seus músculos para disputarem comida e moradia com os animais.

Na Antiguidade, os exercícios físicos apareceram em várias formas: de luta, natação, remo, nos jogos.

Na Grécia nasceu o ideal da beleza humana, definindo-se como **primeiro conceito de Ginástica**: “a arte de exercitar **o corpo nu**”. Que pode ser observado nas obras de arte espalhadas pelos museus em todo o mundo. O fato de ser a Grécia o berço dos Jogos Olímpicos demonstra a importância da atividade física nessa época.

Em Roma, o objetivo principal do exercício físico era a preparação militar, e num segundo plano a prática de atividades desportivas como as corridas de carros e os combates de gladiadores que estavam sempre ligados às questões bélicas.

Na Idade Média a Ginástica deixou de ser praticada, por causa da intervenção da igreja e da necessidade de adestramento dos cavaleiros que partiam para as Cruzadas.

Inúmeros métodos ginásticos foram sendo desenvolvidos principalmente nos países europeus, os quais influenciaram e até os dias de hoje influenciam, a Ginástica mundial e em particular a brasileira. Dentre aqueles que tiveram maior penetração no Brasil destacam-se as escolas alemã, sueca e francesa.

Ginástica Acrobática

Embora a Acrobacia fosse largamente desenvolvida no século VII devido a criação do circo, ela como um Esporte é relativamente jovem. As primeiras competições mundiais datam de 1973, e faz parte do programa dos Jogos Mundiais.

Deve-se trabalhar em grupo, pois, a acrobacia ensina os indivíduos a cooperarem uns com os outros. 'Confie em seu parceiro' é um imperativo e esta atitude conduz a uma avaliação das necessidades do outro. Quando os parceiros trabalham juntos durante algum tempo, eles passam a atuar como uma equipe.

Os Esportes Acrobáticos abrigam competidores de qualquer idade. Em particular é comum, participantes 'aposentados' da Ginástica Artística.

Vamos conhecer alguns movimentos básicos utilizados na Ginástica Acrobática. São eles: **andar**, **correr**, **saltar**, **equilibrar**, **subir, trepar, balancear, rolar**. Perceba que são movimentos simples que usamos em nosso cotidiano. Temos certeza de que você consegue realizar todos eles! A Ginástica está em nosso meio e nem percebemos. Ela pode ser utilizada na saúde, no lazer, no trabalho, e, na educação.

Segurança

Algumas práticas corporais exigem um cuidado maior com a nossa segurança. Por isso, devemos ter certeza de que o local de prática é seguro, ou seja, está enxuto, limpo, com os materiais que serão utilizados na aula.

Os movimentos técnicos utilizados na Ginástica Acrobática são vários. Mas agora vamos conhecer alguns para esta aula. São eles: **avião**, **barco, cambalhota, bananeira e cadeira.** Lembre-se: primeiro você precisa tentar para depois descobrir se consegue ou não realizar qualquer que seja o movimento. Não desista fácil!

A figura ao lado representa o *avião*. Podemos ver que este gesto corporal é muito semelhante ao que fazemos quando estamos jogando "Amarelinha", no momento em que vamos pegar a pedra no chão.

Nossa segunda figura representa o movimento que chamamos de *barco*. Você verá como é fácil realizar este movimento. **1**. Deite com a barriga no chão. **2**. Eleve sua cabeça, braços e pernas de modo que eles não toquem o chão. Pronto! Aqui são exigidos os músculos: do abdômen, pernas costas e glúteos.

Algumas características damodalidade

1. ***Apresentação em grupo.***
2. ***Apresentadas em um tablado de 12 x 12 metros.***
3. ***Acompanhadas por música e coreografia.***

Você deve estar percebendo como são simples os movimentos corporais da Ginástica Acrobática. Devido a esta simplicidade, pessoas de qualquer idade conseguem realizar uma grande parcela de seus movimentos.

A figura ao lado representa o movimento corporal que chamamos de *cadeira*. Como os anteriores, este também é um movimento da Ginástica Acrobática bastante simples de se realizar. Para que você possa vivenciá-lo de maneira bastante descontraída, convide um amigo de turma para fazê-lo junto com você!

Essa Figura representa o movimento da cambalhota. Que também não é difícil. Tente fazer!

Bananeira. Pode ser realizada com o apoio da parede. Mas o melhor seria trabalhando em dupla.

Nesses movimentos apresentados são exigidas as capacidades físicas abaixo.

1. Força: Aquilo que um grupo muscular consegue exercer contra uma resistência, em um esforço máximo. Existem quatro tipos básicos de contração muscular: isotônica, isométrica, excêntrica e isocinética.

2. Flexibilidade: A flexibilidade é uma qualidade física evidenciada pela amplitude dos movimentos das diferentes partes do corpo num determinado sentido e que depende tanto da mobilidade articular como da elasticidade muscular.

3. Resistência: É a qualidade física que permite o atleta realizar no maior tempo possível a repetição de um determinado movimento com a mesma eficiência.

4. Equilíbrio: O equilíbrio consiste na manutenção da projeção do centro de gravidade dentro da área de superfície de apoio.

Cooperação

A cooperação está sempre presente na Ginástica Acrobática. Pois suas apresentações são realizadas sempre em grupo.

Lançaremos agora um desafio pra você. Se você chegou até este ponto do texto realizando os movimentos corporais propostos, vencerá o desafio sem muitas complicações. O desafio é o seguinte: Você deverá realizar a *cadeira* segurando seu companheiro de turma que ficará em pé sobre suas coxas. Para isso seu companheiro deverá confiar em você. Conforme mostra a ilustração a seguir.

Confiabilidade

A confiança tem papel fundamental na Ginástica Acrobática, pois para que muitos movimentos sejam realizados é necessário que seus participantes confiem uns nos outros.

Estamos chegando ao fim de nosso texto, esperamos que você tenha percebido que a Ginástica Acrobática não é praticada apenas por atletas e sim por pessoas das mais variadas idades, sem restrições de gênero ou raça; que alguns de seus movimentos corporais não são difíceis de serem realizados, porém exigem algumas capacidades físicas que todos nós temos e que cabe a nós desenvolvê-las ou não.

Esperamos também que você tenha superado suas condições iniciais, que você tenha ido além de seus supostos limites em relação à Ginástica Acrobática.

Superação

A superação de limites também está muito presente nas práticas de Ginástica Acrobática, principalmente em turmas iniciantes.

REFERÊNCIAS

SOUZA JÚNIOR, Marcílio Barbosa Mendonça de. Educação Física numa proposta pedagógica em ciclos de aprendizagens. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Porto Alegre, v. 28, n. 2, 2007, p. 85-101.

LORENZINI, Ana Rita e TAVARES, Marcelo. A cultura corporal na prática pedagógica dos professores de Educação Física do Estado de Pernambuco. In TAVARES, Marcelo (org.). **Prática pedagógica e formação profissional na Educação Física:** reencontros com caminhos interdisciplinares, Recife: EDUPE, 2006, p. 37-57.

Ginástica Acrobática. **Histórico.** Disponível em:<http://www.ginasticas.com/ginasticas/gin_acrobatica_historico.html>. Acesso dia: 15 de Novembro de 2007.

ANEXO B – ORIENTAÇÃO PARA TEXTO DIDÁTICO

Laboratório de Estudos Pedagógicos (LAPED)
Grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esporte (ETHNÓS)
Programa de Formação Continuada em Educação Física

ORIENTAÇÃO PARA TEXTO DIDÁTICO[43]

A proposta do presente documento é dar subsídios aos professores da Rede Estadual de ensino na construção de textos didáticos na disciplina Educação Física.

Sabemos que normalmente, para esta área de conhecimento, a vivência com textos estão normalmente relacionados ao que podemos chamar de linguagem corporal, de seus textos corporais, uma vez que um texto não pauta-se apenas nas palavras escritas ou faladas. O texto pode ser compreendido como uma comunicação de diversas maneiras (escrito, falado, imagético, corporal).

Porém, o enfoque aqui trabalhado será o de instrumentalizar na construção de textos escritos. É importante ressaltar que a posteriori estes textos poderão contribuir para a elaboração de um livro didático de Educação Física para a Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.

Ao pensarmos em elaborar textos didáticos nos deparamos com algumas questões como: o que é um texto didático? Qual sua finalidade? Como devem ser elaborados? Como podem ser utilizados?

O texto didático é um instrumento de apoio à prática pedagógica, de uso do professor e do estudante, que através da linguagem escrita permite uma interação entre o conhecimento e os sujeitos da educação. Se utilizado qualitativamente contribuirá para a otimização do processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, dinamiza o ensinar e o aprender, sua função é estabelecer um elo entre professores e alunos na construção do conhecimento. O texto, como recurso pedagógico, auxilia na prática pedagógica, aos sujeitos educacionais na apropriação e produção do conhecimento.

---

1 Atividade realizada pelos Coordenadores: Ana Rita Lorenzini, Hilda Sayone Moraes, Gina Guimarães, Marcelo Tavares, Marcílio Souza Júnior e Rita Cláudia Ferreira. Com apoio de Eliene Pereira, Fábio Cunha, Rodolfo Pio, Layz Hemiliana, Lucas Viera, Natécia Carvalho e Robson Farias.

No caso da área da Educação Física é importante levar em consideração que a mesma possui um corpo de conhecimento a ser pedagogizado na escola e que atualmente é tratado predominantemente de forma prática e sabemos que a linguagem corporal não dá conta de tratar todo esse conhecimento, portanto, a linguagem escrita, por meio do texto didático, irá enriquecer a prática pedagógica da escola, além de a escrita ser a forma de fala mais elaborada.

Esses textos didáticos deverão ser construídos a partir das orientações da Matriz Curricular da Rede Estadual[44] e da realidade da prática pedagógica dos professores. Portanto, a intenção é articular os conhecimentos da Educação Física às atividades vivenciadas nas experimentações das práticas corporais em cada ciclo de aprendizagem.

Para a elaboração dos textos didáticos organizamos algumas orientações:

- Levar em conta a dimensão axiológica do conteúdo (moral, étnica, gênero, violência) buscando com isso analisar que valores perpassam nossas práticas corporais em cada um destes olhares e a partir de determinados contextos;
- Contemplar ações interdisciplinares no sentido de estabelecer relações entre as diversas áreas do conhecimento, ampliando o que há de comum e específico entre as mesmas.

Orientações de conteúdo:

- Síntese conceitual da temática geral da cultura corporal selecionado para a aula (ex.: Esporte);
- Classificação da temática geral da cultura corporal selecionado para a aula (ex.: Esportes Coletivos, Individuais...);
- Síntese conceitual da sub-temática da cultura corporal selecionado para a aula (ex.: Futebol);
- Classificação da sub-temática da cultura corporal selecionado para a aula (ex.: Futebol, Futsal, Futebol de Botão...);
- Tipologia inspirando-se nos eixos temáticos das unidades didáticas;

Orientações de forma:

[44] in: http://www.educacao.pe.gov.br/diretorio/texto_edfisica.pdf.

- Contemplar desenhos, quadros, cores;
- Explicações conceituais acerca dos saberes específicos da aula planejada;
- Exercícios de aprendizagem;
- Vamos refletir? Questões para estudos;
- Fique ligado! Curiosidades;
- Linguagem fluente dialógica – como uma conversa problematizadora com os estudantes.

Esperamos que essas orientações possam contribuir para a elaboração e sistematização dos textos didáticos a partir da realidade da prática pedagógica.

Segue abaixo uma orientação para as atividades:

Calendário de atividades:

Ações	***Data de 1ª entrega***	***Data de devolução com as análises***	***Data final de encaminhamento dos textos***

ANEXO C – TEXTO DIDÁTICO SOBRE CAPOEIRA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PERNAMBUCO
Campus Vitória de Santo Antão

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO
CAMPUS - VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA
PROFESSOR: LUCAS VIEIRA
SÉRIE: 1º ANO DO ENSINO MÉDIO
IV UNIDADE
TEMATICA: LUTAS

CAXIXI

CONTEÚDO: **CAPOEIRA ANGOLA**

LUTAS

As lutas fazem parte da cultura corporal construída histórica e socialmente pelo homem, elas sempre estiveram presentes na história da humanidade nas atitudes ligadas às técnicas de ataque e de defesa. São exemplos de lutas: Capoeira, Sumo, Judô, JiuJitsu, Caratê, Taekwondo, Kung Fu, Boxe etc. Algumas lutas também podem ser entendidas como esporte (Judô, Caratê etc.).

PANDEIRO

CAPOEIRA

A Capoeira é uma expressão cultural afro-brasileira que mistura luta, dança, jogo, cultura popular e música. Desenvolvida no Brasil por escravos africanos e seus descendentes.

RECO-RECO

ETIMOLOGIA DA PALAVRA

A palavra *capoeira* é originária do Tupi e refere-se às áreas de mata rasteira do interior do Brasil.

Kapu = mato
Era = cortado
Kapu`era = Mato cortado ou Mato ralo.

HISTÓRIA

Durante o século XVI, Portugal enviou escravos para o Brasil, provenientes da África Ocidental. Os negros trouxeram consigo as suas tradições culturais e religião. A capoeira foi desenvolvida pelos escravos do Brasil, como forma de transmitir a sua cultura e principalmente como forma de resistir aos seus escravizadores.

Geralmente era praticada nas capoeiras, e a noite nas senzalas onde os escravos ficavam acorrentados pelos braços, o que explica o fato de a maioria dos golpes serem realizados com os pés, foi também muito praticada nos quilombos, onde os escravos fugitivos tinham liberdade para expressar sua cultura.

Há relatos de historiadores de que Zumbi dos Palmares e seus quilombolas comandados, só conseguiram defender o Quilombo dos Palmares dos ataques das tropas coloniais, porque eram exímios capoeiristas... Em um grande período da

história do povo brasileiro, a capoeira foi proibida por lei, a qual previa severas penas para aqueles que a praticavam.

ATABAQUE

MÚSICA

A música é um componente fundamental da capoeira. Foi introduzida como forma de ludibriar (enganar) os escravizadores, fazendo-os acreditar que os escravos estavam dançando e cantando, quando na verdade também estavam treinando golpes para se defenderem. Ela determina o ritmo e o estilo do jogo que é jogado durante a *roda de capoeira*. A música é composta de instrumentos e de canções, podendo o ritmo variar de acordo com o *Toque de Capoeira* de bem lento (Angola) a bastante acelerado (São Bento Grande).

GRADUAÇÃO

O sistema de graduação varia de grupo para grupo. Nos grupos de capoeira regional ou de capoeira angola e regional, a graduação é normalmente representada pelas cores de cordas ou cordéis amarrados na cintura do jogador. Esse sistema de cordas serve para indicar o grau de experiência em que o indivíduo se encontra na capoeira.

AGOGÔ

BENEFÍCIOS DA CAPOEIRA

O envolvimento nessa prática poderá trazer muitos benefícios para a saúde e o desenvolvimento da cultura corporal, ampliando a compreensão da realidade sócio-histórica brasileira.

Vários golpes podem ser utilizados como forma de autodefesa e as rodas promovem a socialização. Se realizada pelo menos três vezes por semana, durante aproximadamente uma hora, promoverá a queima de calorias, desenvolverá a força muscular, resistência física e flexibilidade de seus praticantes.

CAPOEIRA ANGOLA

Rui Barbosa (Ministro da Fazenda na época), no Governo de Deodoro da Fonseca, mandou queimar todo material referente à escravidão do nosso país, fato esse que dificultou as pesquisas sobre a verdadeira origem da Capoeira.

A Angola é o estilo mais próximo de como os negros escravos jogavam a Capoeira. Caracterizada por ser mais lenta, porém rápida, movimentos executados perto do solo, como em cima. Inicialmente existem duas formas de se vivenciar a Capoeira Angola:

→ *Jogo de Dentro:* seu objetivo é atingir a cabeça do camarada. Jogo mais rasteiro.

→*Jogo de Fora:* Joga-se com postura mais ereta, pode-se atingir qualquer parte do corpo do camarada.

A designação "Angola" aparece com os negros que vinham para o Brasil oriundos da África, embarcados no Porto de Luanda que, independente de sua origem, eram designados na chegada ao Brasil de "Negros de Angola".

No sul da Angola, existia um ritual chamado de *n´golo (dança das zebras)*, onde os negros lutavam ao som de tambores para disputar as mulheres da tribo. Durante a luta, os participantes realizavam golpes que se assemelhavam aos

movimentos utilizados pelas zebras: coices e cabeçadas. Acredita-se que a Capoeira Angola é um aperfeiçoamento do *n´golo*, contudo esse aperfeiçoamento só foi possível aqui no Brasil, motivado pela luta entre escravos e escravizadores em prol da libertação.

Segundo o Mestre Pastinha (1998), os negros africanos advindos da Angola eram os que mais se destacavam na prática da capoeira na Bahia, por isso o nome *Capoeira Angola.*

Sua música é cadenciada e ritualizada, e o correto é estar sempre acompanhada por uma bateria completa de 08 instrumentos. São eles: berimbau gunga (possui som mais grave, que faz a marcação do toque e rege a roda de capoeira), berimbau médio, **berimbau** viola (apresenta som mais agudo), caxixi, atabaque, pandeiro, agogô e reco-reco.

O jogo de angola se inicia com os dois capoeiras agachados perto da pessoa que está tocando o berimbau, em seguida eles se cumprimentam em um aperto de mãos e começam a “vadiar” (jogar capoeira angola); após jogarem, esses dois capoeiras devem retornar ao pé do berimbau para se saudarem novamente, finalizando assim o jogo de angola e dando oportunidade para mais dois camaradas jogar.

MESTRE PASTINHA

Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, mais conhecido por Mestre Pastinha, nascido em 1889, é considerado o pai da capoeira angola. Começou a treinar capoeira por intermédio de um africano, Mestre Benedito, que o viu apanhar de um rival em sua infância. Após as aprendizagens que obteve, Mestre Pastinha dedicou sua vida a capoeira e é reconhecido nacionalmente por ter se empenhado na difusão da Capoeira Angola.

Apesar da fama, o "velho Mestre" terminou seus dias esquecido. Expulso do Pelourinho em 1973 pela prefeitura, sofreu dois derrames seguidos que o deixaram cego. Morreu aos 93 anos.

Frases do mestre Pastinha: "A capoeira é mandinga, é manha, é malícia, é tudo o que a boca come". "Mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista."

MOVIMENTOS CORPORAIS

Segundo o Mestre Pastinha (1988), os principais golpes da Capoeira Angola são: cabeçada, rasteira, rabo de arraia, chapa de frente, chapa de costas, meia lua e cutilada de mão.

A Capoeira Angola dispõe de um vasto repertório de movimentos corporais que passaram a compor a cultura corporal do nosso povo. O nome desses movimentos varia de acordo com a região e grupo de capoeira onde são vivenciados.

Existem várias formas de se classificar os movimentos da Capoeira Angola. Segundo o Mestre Bola Sete (2003), podemos classificá-los em:

1. Movimentos Defensivos: ginga, negativa, rolê e aú.
2. Movimentos Desequilibrantes: rasteira, banda, tesoura e boca-de-calça.
3. Movimentos Traumatizantes (Golpes): meia-lua, rabo-de-arraia, ponteira, chibatada, chapas, joelhada e cabeçada.

MOVIMENTOS DEFENSIVOS

Ginga: É o movimento principal da capoeira. Através da ginga é que se realizam os movimentos de ataque e de defesa.

Negativa: É uma esquiva que o praticante faz descendo ao solo apoiado em uma das pernas e com a outra estendida. As duas mãos vão ao chão.

Rolê: O capoeirista rola o corpo rapidamente no chão, com o auxílio das mãos e dos pés, afastando-se ou aproximando-se do outro.

Aú: Consiste em um salto com as pernas para o ar, fazendo apoio com as mãos no solo, voltando, em seguida, à posição inicial. Usado para entrar na roda.

MOVIMENTOS DESEQUILIBRANTES

Rasteira: O capoeirista aplica uma 'varredura', isto é, encaixa o pé na altura do calcanhar do colega, procurando derrubá-lo no chão.

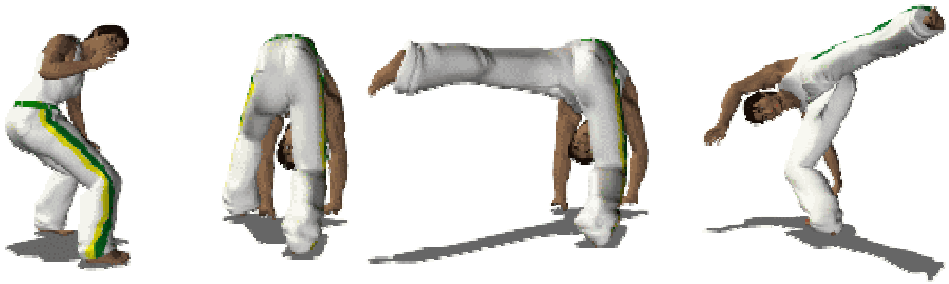
Banda: O capoeira se aproxima encaixando uma perna atrás do corpo do colega, calçando-o e procurando derrubá-lo com o auxílio do braço ou da cabeça.

Tesoura: O capoeirista encaixa as duas pernas na altura dos joelhos do colega e, com uma girada de corpo, procura derrubá-lo no chão.

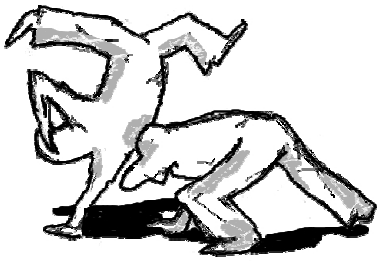
Boca-de-calça: O capoeira abaixa o corpo e segura a 'boca de calça' ou a perna do outro, puxando-a em sua direção, derrubando-a para trás.

MOVIMENTOS TRAUMATIZANTES (GOLPES)

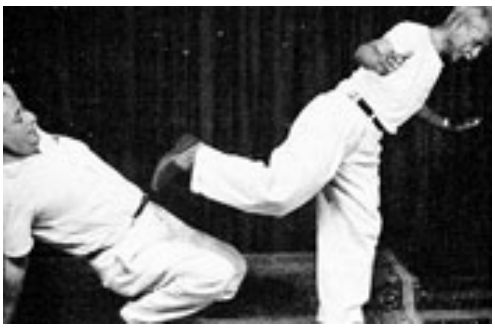
Meia-Lua: Consiste em lançar a perna de trás, estendida, num movimento de rotação, de fora para dentro.



Rabo-de-Arraia: É um golpe no qual o praticante agacha-se sobre a perna da frente, e com a outra perna livre, faz um movimento de rotação, varrendo na horizontal ou diagonal. Quando se inicia o movimento de rotação, as duas mãos vão ao solo para melhor equilíbrio. Atinge-se o colega com o calcanhar. Também é conhecido por *meia-lua de compasso.*



Cabeçada: Movimento de ataque em que o capoeirista lança a cabeça no abdômen, no peito ou no rosto do oponente.



Chapa de costas: é um golpe de coxa erguida, aplicado com a planta do pé, em qualquer parte do corpo do oponente.

Ponteira: O capoeirista leva a perna ao local desejado com bastante rapidez e a recolhe imediatamente. Desferido com a ponta do pé.

Joelhada: Só é aplicado quando o capoeirista está bem próximo do outro.

REFERÊNCIAS

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Angola**. 3º Ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1988.

BOLA SETE, Mestre. **A Capoeira Angola na Bahia.** 4º Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM - TEXTO DIDÁTICO / CAPOEIRA

1. Cite 04 exemplos de lutas.

_____
_____
_____

2. Qual o significado da palavra *Capoeira*?

_____
_____
_____

3. Porque a música foi introduzida na capoeira?

_____
_____
_____

4. No judô os praticantes são classificados através de faixas que representam a experiência do judoca. A sequência de cores de faixas do judô é igual em todo o mundo. Como é essa graduação na capoeira?

_____
_____
_____

5. Quais são os benefícios da prática da capoeira?

_____
_____
_____
_____

6. A Capoeira Angola é o estilo mais próximo de como os negros escravos jogavam a Capoeira. Caracterizada por ser mais lenta, movimentos executados perto do solo. A roda de capoeira angola é acompanhada por uma bateria de 08 instrumentos. Identifique-os colocando seus respectivos nomes:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

7. Quem foi Vicente Joaquim Ferreira Pastinha? E como ele aprendeu capoeira?

_____
_____
_____

8. A Capoeira Angola dispõe de um vasto repertório de movimentos corporais que passaram a compor a cultura corporal do nosso povo. Segundo o Mestre Bola Sete (2003), podemos classificar os movimentos corporais da capoeira angola em Movimentos Defensivos, Movimentos Desequilibrantes e Movimentos Traumatizantes.

Ginga	Ponteira	Boca-de-calça	Rabo-de-arraia	Aú	Tesoura	
Rasteira	Rolê	Cabeçada	Joelhada	Banda	Meia-lua	Negativa

Classifique os movimentos acima no quadro abaixo:

Movimentos Defensivos	Movimentos Desequilibrantes	Movimentos Traumatizantes

9. "É o movimento principal da capoeira. Através dele é que se realizam os movimentos de ataque e de defesa". A que movimento esse trecho se refere?_____

10. "É uma esquiva que o praticante faz descendo ao solo apoiado em uma das pernas e com a outra estendida. As duas mãos vão ao chão". A que movimento esse trecho se refere?_____

11. "O capoeirista rola o corpo rapidamente no chão, com o auxílio das mãos e dos pés, afastando-se ou aproximando-se do outro". A que movimento esse trecho se refere?_____

12. "Consiste em um salto com as pernas para o ar, fazendo apoio com as mãos no solo, voltando, em seguida, à posição inicial. Usado para entrar na roda". A que movimento esse trecho se refere?_____

13. "O capoeirista aplica uma 'varredura', isto é, encaixa o pé na altura do calcanhar do colega, procurando derrubá-lo no chão". A que movimento esse trecho se refere?_____

14. Hoje em dia, como você percebe a capoeira na sociedade?

_____
_____
_____

ANEXO D–PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

COMPLEXO HOSPITALAR
HUOC/PROCAPE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TEXTOS DIDÁTICOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE PERNAMBUCO
Pesquisador: Lucas Vieira do Amaral
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 10966512.6.0000.5192
Instituição Proponente: ESCOLA SUPERIOR DE EDUCACAO FISICA DE PERNAMBUCO ((ESEF))

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 148.191
Data da Relatoria: 28/11/2012

Apresentação do Projeto:
Desde 2008, como uma das suas políticas públicas educacionais, a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEDUC-PE), em parceria com a Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco (ESEF/UPE), por meio do Grupo de Estudos Etnográficos em
Educação Física e Esporte (ETHNÓS), vem desenvolvendo um programa de formação continuada para e com os seus professores de Educação Física. Acredita-se, portanto, que os professores de Educação Física que participaram dos encontros do programa de formação continuada da rede estadual de ensino de Pernambuco, entre os anos de 2008 e 2012, agregaram várias contribuições para a sua prática pedagógica. Dentre essas
contribuições, chamamos atenção para aquelas advindas das orientações para texto didático. Na visão do programa de formação continuada dos professores de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco, o texto didático é entendido como um recurso material elaborado pelo professor que, através da linguagem escrita, apresenta propriedades para auxiliar o professor e o aluno no processo de ensino-aprendizagem dos
diversos conteúdos da Educação Física.Do ponto de vista metodológico, esta intenção de pesquisa se caracteriza como um estudo de abordagem qualitativa (NEVES, 1996) que carecerá de inserção em campo na fase coleta de dados e se utilizará da técnica de análise de conteúdo (BARDIN,1979) no tratamento e análise destes. É importante destacar que os instrumentos utilizados para a coleta de dados serão: um questionário (GIL,
1999) exploratório com perguntas abertas e fechadas, e entrevista semi-estruturada.Os sujeitos

Endereço: Rua Amóbio Marques, 310
Bairro: Santo Amaro **CEP:** 50.100-130
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)3184-1271 **Fax:** (81)3184-1271 **E-mail:** cep_huoc.procaprocape@yahoo.com.br

da pesquisa serão os professores de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco que atenderem aos seguintes critérios de inclusão:a) Estar presente no Seminário Regional de Formação Continuada de Professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco de 2012;b) Declarar, através de suas respostas no questionário exploratório, que: É graduado em Educação Física;Apresenta vínculo de professor efetivo com a rede de ensino;Utiliza textos didáticos nas suas aulas de Educação Física;Pode contribuir com a pesquisa encaminhando para o pesquisador um dos textos didáticos utilizados por ele nas suas aulas de Educação Física; Pode contribuir com a pesquisa participando de uma entrevista;Essa intenção de pesquisa, além de atingir os objetivos propostos, espera contribuir com a área da Educação e da Educação Física uma vez que seus resultados poderão cooperar na qualificação do programa de formação continuada dos professores de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco que atende a centenas de docentes anualmente. Para compreendermos o processo de utilização de textos didáticos na prática pedagógica do professor de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco, consideramos a pesquisa de campo o procedimento metodológico mais pertinente para ser empregado. Para a coleta dos dados da pesquisa, inicialmente aplicaremos um questionário exploratório com perguntas abertas e fechadas (GIL, 1999) com os professores participantes do Encontro de Formação Continuada dos professores de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco previsto para

acontecer no primeiro semestre de 2013. os sujeitos da pesquisa serão os professores de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco que atenderem aos seguintes critérios de inclusão:a) Estar presente no Seminário Regional de Formação Continuada de

Professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco;b) Declarar, através de suas respostas no questionário exploratório, que: a. É graduado em Educação Física;b. Apresenta vínculo de professor efetivo com a rede de ensino;c. Utiliza textos didáticos nas suas aulas de Educação Física;d. Pode contribuir com a pesquisa encaminhando para o pesquisador um dos textos didáticos utilizados por ele nas suas aulas de Educação Física;e. Pode contribuir com a pesquisa participando de uma entrevista;Após a coleta, tabulação e análise sobre o conteúdo desses questionários, visualizaremos quem são os sujeitos que, dentre aqueles que responderam ao questionário, realmente elaboram e utilizam textos didáticos na prática pedagógica. A partir desse achado, selecionaremos os sujeitos com os quais necessitaremos realizar a entrevista para aprofundarmos a nossa compreensão e análise sobre como se materializa a elaboração e utilização de textos didáticos na prática pedagógica dos professores de Educação Física das escolas de referência da rede estadual de ensino de Pernambuco . Na fase de tratamento dos dados nos utilizaremos da técnica de transcrição das entrevistas para, em seguida, aplicar a técnica de análise de conteúdo para examinar as respostas dos sujeitos da pesquisa

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O presente projeto de pesquisa objetiva analisar como o professor de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco utilizam textos didáticos na prática pedagógica.

Objetivo Secundário:

a) Identificar os limites encontrados pelos professores de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco quanto à elaboração e à utilização de textos didáticos na prática pedagógica;b) Conhecer as possibilidades encontradas pelos professores de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco para elaborar e utilizar textos didáticos na prática pedagógica; c) Compreender quais são, na percepção dos professores de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco, as contribuições da elaboração de textos didáticos para a prática pedagógica;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Quanto aos riscos e desconfortos, é necessário destacar que não estão previstos riscos ou desconfortos, seja durante ou após o trabalho. A única inconveniência possível está associada apenas à dedicação de tempo para responder o questionário ou a entrevista. Entretanto, todos os cuidados éticos serão realizados para garantir seus direitos como sujeito pesquisado.

Benefícios:

Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa diz respeito a contribuir com a área da Educação e da Educação Física uma vez que seus resultados poderão cooperar na qualificação do programa de formação continuada dos professores de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco que atende a centenas de docentes anualmente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

incluso projeto na íntegra com apendices e anexos

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

aprovado

Recomendações:

aprovado

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

aprovado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

aprovado

RECIFE, 19 de Novembro de 2012

Assinador por:
RAQUEL ROFFÉ
(Coordenador)

Endereço: Rua Arnóbio Marques, 310
Bairro: Santo Amaro **CEP:** 50.100-130
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)3184-1271 **Fax:** (81)3184-1271 **E-mail:** cep_huoc.procaprocape@yahoo.com.br

ANEXO E – TEXTO DIDÁTICO DO PROFESSOR 01

APOSTILA DA III UNIDADE – EDUCAÇÃO FÍSICA – 3º ANO
TESTE DE FIXAÇÃO – Nº 01

1)(UEM-2010) Sobre lutas, responda o que for correto.
01) Judô, sumô e jiu-jítsu são classificadas como lutas que mantêm a distância.
02) Esgrima e kendô integram a classificação das lutas que utilizam instrumento mediador.
04) As lutas, em sua maioria, não compõem os conteúdos da Educação Física escolar, pois não podem propiciar a aquisição de valores e princípios, como cooperação, solidariedade e, sobretudo, respeito pelo outro.
08) Karatê, boxe, *muaythai*e *taekwondo* integram as lutas de aproximação.
16) Os jogos de oposição têm as mesmas características dos esportes de combate praticados desde o início das civilizações. Alguns desses jogos continuaram ao longo dos tempos, sendo utilizados de forma simples e com características da cultura local, outros adquiriram forma institucionalizada, tornando-se esportes e lutas conhecidos hoje como judô, jiu-jítsu, karatê, boxe e outras.

2)(UEM-2010) Considerando os aspectos culturais e desportivos das lutas, assinale o que for correto.
01) Judô, *taekwondo*, esgrima, boxe, luta livre e luta greco-romana são lutas que compõem o programa dos Jogos Olímpicos.
02) A capoeira é uma modalidade de luta que envolve dança, música e uma gestualidade permeada de cultura negra. Assim, trabalhá-la na Educação Física pode propiciar a compreensão da realidade sócio-histórica afro-brasileira.
04) O jiu-jítsu chegou oficialmente ao Brasil na década de 1970, com o grão-mestre Sang Min Cho, o qual tinha o objetivo de difundi-lo em todo o território latino-americano. Isso aconteceu por solicitação do então Presidente da República Emílio G. Médici, admirador dessa luta, com a intenção de ajudar a polícia no combate ao terrorismo.
08) O *taekwondo*é uma arte marcial oriunda da Coreia e é praticada há mais de 2000 anos. Surgiu como forma de luta entre os coreanos, com o objetivo de defender, atacar reinos vizinhos e proteger-se contra invasores de países próximos, como Mongólia, Japão e outros.
16) A capoeira, manifestação genuinamente portuguesa, foi trazida ao Brasil no século XVIII, passando a ser praticada e desenvolvida pelos escravos negros.

3) (UEM-2010) Sobre lutas, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).
01) O Jiu-jitsu nasceu no Japão e era praticado por monges budistas.
02) *Taekwondo*é o nome atual de uma modalidade de Arte Marcial que existe na Coreia há mais de vinte mil anos. O propósito principal dessa luta é a defesa e o ataque ao inimigo como meio de defesa própria, usando livremente as mãos.
04) O *MuayThai*é uma Arte Marcial Tailandesa com mais de 2000 anos de idade.
08) A Esgrima esportiva é dividida em dois tipos de armas: espada e sabre.
16) O Judô chegou ao Brasil por volta de 1922, por meio de apresentações de EiseiMaeda, também conhecido como Conde de Koma.

4)(UEM-2010) Considerando os aspectos culturais e desportivos das lutas, assinale o que for correto.

01) As lutas sempre estiveram presentes na história da humanidade, sendo consideradas, por alguns povos, como sabedoria de vida.
02) A Capoeira é caracterizada por uma roda formada por praticantes dessa manifestação cultural. Marcada ritmicamente pelo toque do berimbau, do pandeiro e do atabaque, a Capoeira é formada por movimentos corporais diversos, por vezes, dançantes, expressos em pontapés, saltos, giros, entre outros.
04) O ensino da Capoeira na Educação Física escolar contribui com a compreensão da realidade sócio-histórica brasileira e atende a um aspecto da legislação brasileira que se relaciona à obrigatoriedade do ensino da temática História e Cultura Afro-brasileira no currículo oficial da Rede de Ensino.
08) Jigoro Kano buscou nas raízes do *MuayThai*os fundamentos do Judô, procurando desenvolver uma luta que buscasse utilizar os movimentos agressivos do adversário a seu favor, desequilibrando-o, projetando-o ou mesmo imobilizando-o.
16) O Judô fez parte de uma Olimpíada, pela primeira vez, no ano de 1944, em Berlim.

5)(UEM-2011) Sobre lutas, assinale o que for correto.
01) *Taekwondo*, esgrima, *kendo*e a luta greco-romana são lutas que compõem o programa dos Jogos Olímpicos.
02) Na atualidade, existem inúmeras lutas de origem oriental, como: *kung fu*, *tai-chi-chuan,* caratê*,* judô, jiu-jítsu*, aikido, taekwondo, jet-kune-do, kendo,* entre outras. E também existem aquelas consideradas ocidentais, como: boxe, esgrima, *kick-boxe,* entre outras.
04) As lutas orientais só foram disseminadas no mundo ocidental depois da década de 1960.
08) *Tae kwon do* é uma arte marcial de origem tailandesa com mais de 2000 anos de existência.
16) Caratê, boxe, *muaythai*e *taekwon do* são classificadas como lutas nas quais seus participantes mantêm a distância entre si.

6)(UEM-2011) Sobre lutas, assinale o que for correto.
01) Documentos arqueológicos demonstram que a prática das lutas teve início 2000 anos a.C..
02) O judô foi criado no fim do século XIX, concomitantemente com as transformações sociais e políticas do mundo que eclodiam no Japão, apontando para sua relação com as mudanças na dinâmica social. A modalidade era um produto tipicamente oriental, principalmente no período de internacionalização do Japão, servindo como signo desse país.
04) A capoeira é uma manifestação cultural brasileira nascida em circunstâncias de luta por liberdade nos tempos da escravidão.
08) Cocorinha, esquiva lateral, negativa e rolê são movimentos característicos da capoeira.
16) *Jiu-jitsu* é uma arte marcial que nasceu no Japão e era praticada pelos samurais da época feudal.

7) (**UEM-2009)** Sobre judô, assinale o que for correto.
01) O judô nasceu exclusivamente das idéias de Jigoro Kano, no Japão, na década de 1880.

02) O precursor do judô, Jigoro Kano, pensou numa luta que mantivesse as tradições culturais japonesas, adequada a novos tempos, em que a luta até a morte não fazia mais sentido.
04) Dentre os imigrantes japoneses que vieram para o Brasil, na década de 1930, estavam praticantes de judô, que passaram a ensiná-lo em academias como fonte de renda, tendo em vista o desemprego.
08) Na prática do judô, existe uma escala de pontuação para acúmulo de pontos positivos e para penalidades. São penalidades: o *ippon*, o *waza-ari*, o *yoko*e o *koka*.
16) No judô, o *ritsurei*é o cerimonial de saudação ao sensei (professor/líder), feito no início de cada treino, como demonstração de respeito.

8) (UEM-2011) Apenas 30 minutos diários de atividade física podem representar o limiar para a população em geral adquirir o passaporte para a saúde. De acordo com essa visão, só não é saudável quem não quer, pois pouco tempo de práticas físicas seria suficiente para adquirir os seus possíveis benefícios. Sobre o assunto, assinale o que for correto.
01) Fatores como falta de tempo e condições financeiras influenciam diretamente a prática de exercício físico sistemático e devem ser considerados, uma vez que, por mais que a importância da prática da atividade física seja divulgada pela mídia, pesquisas apontam que perto de 60% a 80% da população mundial é sedentária.
02) Ter hábitos saudáveis está relacionado à adoção de uma vida ativa, como, por exemplo, exercitar-se. São de conhecimento público os benefícios anatômicos, fisiológicos, metabólicos e funcionais proporcionados pelo exercício físico, os quais dependem apenas da predisposição individual.
04) Entender saúde em sua dimensão história e social contribui com a tendência de conceber a saúde como volição (querer) individual.
08) A maior atenção nas políticas de saúde pública é dada às intervenções para mudanças de comportamento individual e pouco à estratégia de política populacional, indicando a opção de modificação dos hábitos considerados de risco, tais como: fumo, sedentarismo e dieta alimentar.
16) A discussão sobre saúde pública se opõe à lógica do mercado capitalista. Por isso, alguns dos aspectos importantes são as ações para promoção e proteção à saúde e a possibilidade de garantir a todos atenção integral à saúde.

DEUS TE ABENÇOE, FERA 2013.

ANEXO F – TEXTO DIDÁTICO DO PROFESSOR 02

DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA - TURMAS DO ENSINO MÉDIO

TEXTO DIDÁTICO SOBRE OS FUNDAMENTOS DO BASQUETE

I. FUNDAMENTOS TÉCNICOS:

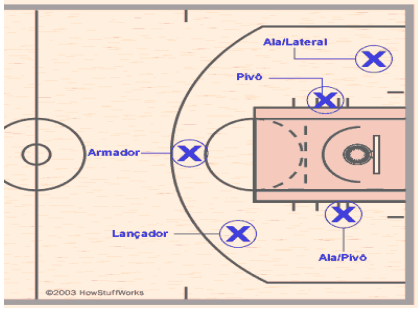
1. Recepção, drible, finta, giros, rebote;
2. Passe: de peito, por cima da cabeça, picado, lateral e de gancho.
3. Lançamentos:
   a) Parado: de peito com as duas mãos, com duas mãos e duas mãos sobre a cabeça.
   b) Em suspensão: *jump*, bandeja e gancho.

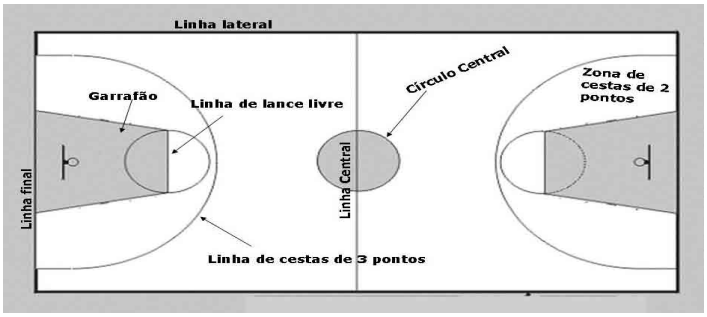
II. FUNDAMENTOS TÁTICOS:

1. Tático defensivo:
   a) Por zona: 3x2, 1x2x2, 2x1x2, 2x3, 1x3x1, 2x2x1.
   b) Pressão: 1x2x1x1, 2x3, 2x1x2, 3x2, 1x2x2.
   c) Individual: defesa homem a homem.
2. Tático ofensivo: contra defesa por zona, contra defesa homem a homem, contra ataque.

III. FUNÇÕES DOS JOGADORES:

a) Armador, lançador, lateral, pivô e ala/pivô.





Quadra Oficial

IV. EQUIPAMENTOS:

a) Um aro montado em um poste ou parede e uma bola para arremessar.

V. REGRAS BÁSICAS:

REGRAS1

Duas equipes, com cinco pessoas cada, disputam a posse da bola para fazer pontos na cesta do adversário. A equipe tem de impedir que o grupo oponente faça pontos. O time vencedor é o que fizer o maior número de pontos ao final do tempo de jogo. Nos Jogos Olímpicos, cada partida dura no total 40 minutos e é dividida em dois tempos de 20 min, com intervalo de cinco minutos entre ambos. Em outros

torneios, a partida é dividida em quatro tempos com 10 minutos cada. Os técnicos podem pedir tempo (de 1 minuto) uma vez em cada período, com exceção do último quando pode pedir duas vezes. Cada time tem ainda 24 segundos para arremessar a bola. Se estourar o tempo, a bola passa automaticamente para o time oponente. A cada 4 faltas, o time ganha uma falta coletiva.

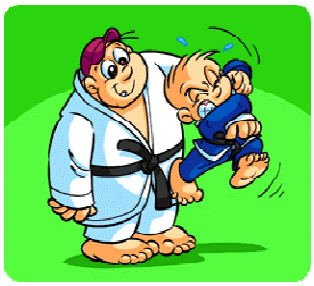
REGRAS 2

O jogador deve locomover-se batendo a bola no chão. Dar três passos sem batê-la ou segurá-la por mais de 5 segundos é considerado falta, assim como tocar a bola com a perna ou impedir o movimento do adversário. No basquete há limite de faltas por equipe e por jogador. A partir da sétima falta acumulada por uma equipe, o adversário tem direito a um arremesso livre a cada nova infração. Se acertar, a cesta vale 1 ponto e o jogador pode arremessar novamente. Se errar, a bola volta ao jogo. Quando um jogador faz cinco faltas, é desclassificado, mas pode ser substituído.

REGRAS3

A quadra de basquete tem 26 metros de comprimento por 14 metros de largura. As cestas ficam fixadas em estruturas a 3,05 metros do chão nas extremidades da quadra. Quando a bola cai na cesta do campo adversário, o time ganha 2 pontos. Se o arremesso for feito antes da linha situada a 6,2 metros da cesta, ganha 3. (http://basquetebg.blogspot.com.br/2008/10/regras.html)

ANEXO G – TEXTO DIDÁTICO DO PROFESSOR 03



LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

Excelente artigo que fala como as lutas (modalidades de combate) podem e devem ser inseridas no contexto escolar:

Fazendo parte da cultura corporal, as lutas representam hoje um meio eficaz de educação e um conjunto de conteúdos altamente valiosos a ser trabalhada na Educação Física, tanto Escolar como Treinamento Desportivo.

O objetivo educacional deve ser coerente com a realidade do aluno, onde este é levado a vivenciar as mais diversas manifestações da cultura corporal de maneira crítica e consciente, estabelecendo relações com a sociedade em que vive. Deste modo o papel do Educador é levar o aluno a um conhecimento de si mesmo e do mundo através da prática de várias atividades.

Partindo deste pressuposto, as lutas devem ser inseridas no contexto escolar, pois propicia além do trabalho corporal, a aquisição de valores e princípios essenciais para a formação do ser humano em um aspecto mais ampliado.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998; 2001) tratam os conteúdos dança, jogos, ginástica, esporte e lutas como uma representação corporal das diversas culturas humanas que tenham como característica o lúdico.

Partindo deste entendimento, as lutas devem ser trabalhadas como estratégias metodológicas, que não visem apenas à técnica pela técnica, mas sim que a criança possa vivenciar os aspectos corporais das lutas de uma maneira que lhes proporcione prazer e respeite suas características de crescimento, pois o organismo humano é um laboratório biológico em constante transformação, transformações estas que são úteis a vida e as adaptações ao mundo externo.

As lutas assim como os demais conteúdos da educação física, devem ser abordadas na escola de forma reflexiva, direcionada a propósitos mais abrangentes do que somente desenvolver capacidades e potencialidades físicas.

Esquecemos muitas vezes é que as lutas, não se resumem apenas a técnicas, elas também ensinam aos seus praticantes a disciplina, valores tais como respeito, cidadania e ainda buscam o autocontrole emocional, o entendimento da história da humanidade, a filosofia que geralmente acompanha sua prática e acima de tudo, o mais importante, que é respeito pelo seu próximo.

Os Jogos de Oposição têm como identidade as mesmas características dos esportes de combate praticados desde o início das civilizações (OLIVEIRA e DOS SANTOS, 2006). Alguns desses Jogos continuaram ao longo do tempo sendo utilizados de forma simples e com características da cultura local, já outros

adquiriram uma forma institucionalizada tornando-se esportes e Lutas das quais hoje conhecemos.

Os Jogos de Oposição aqui abordados tem como característica o ato de confrontação que acontece entre duplas, trios ou até mesmo em grupos. Seus objetivos são vencer o adversário, impor-se fisicamente ao outro, respeito às regras e acima de tudo assegurar a segurança do colega durante as atividades.

Durante a vivência dos jogos a criança estará sendo estimulada a trabalhar os aspectos cognitivo, sócio-afetivo e motor. Desta forma a atividade visa contribuir para o desenvolvimento integral do aluno.

• Recursos motores: assegurar um bom desenvolvimento da postura e base, controle do equilíbrio, coordenação dos movimentos, tirar, empurrar, apreender, levar, tocar, arrastar, evitar, levantar, imobilizar, voltar.

• Cognitivos: elaborar estratégias, construir e apropriar-se das regras de funcionamento, avaliar, decidir, observar, reconhecer, comparar.

• Sócio-afetivo: dominar as suas emoções, canalizar a sua agressividade, respeitar as regras, aceitar a derrota, respeitar o outro.

Dentre a classificação dos Jogos de Oposição podemos classificá-los em três grandes grupos:

1. Jogos que aproximam os combatentes: Estes jogos são procedentes dos esportes de combate que mantém contato direto (corpo a corpo), os quais consistem em tirar, empurrar, desequilibrar, projetar e imobilizar. Entre estes Jogos de Oposição podemos citar o Judô, Luta olímpica, Jiu-Jitsu, sumô etc.

2. Jogos que mantêm o adversário á distancia: estes jogos têm como característica não manter contato direto com seu adversário, este contato só se da no momento da aplicação de uma técnica. Os exemplos que podemos destacar são o Karatê, Boxe, MuayThay, taekwondo.

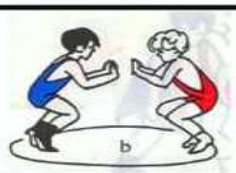
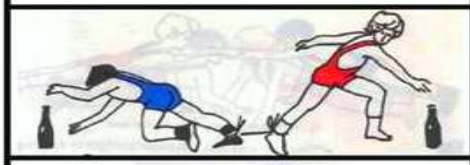
3. Jogos que utilizam um instrumento mediador: Esgrima e Kendo.

Dentre as várias possibilidades pedagógicas e metodológicas, uma delas consistiria em manter um dos alunos em quadrupedia (posição de base) e seu oponente (posição de controle) tentaria desestabilizá-lo. O vencedor seria o que dentro de um tempo estipulado tirasse o equilíbrio de seu oponente ou o que conseguisse manter em equilíbrio até o final do tempo estipulado.

Essa metodologia é uma ótima estratégia para firmar valores éticos, como o respeito às regras da competição, treinar e aprimorar capacidades físicas e refinar habilidades motoras. Com isso, o professor de Educação Física Escolar que não tivesse em seu passado um histórico em lutas poderia perfeitamente desenvolver um conteúdo com amplos objetivos pedagógicos, o que sem dúvida poderia estimular os alunos a prática de uma luta especializada.

Durante a aplicação dos Jogos de Oposição precisamos levar em consideração alguns critérios de segurança para que não ocorram acidentes. Sendo assim devemos propor espaços delimitados que ofereçam segurança para a criança; tempos de jogo limitados e curtos (30 sec, 1min, 1min30) com sinal de início e fim de jogo; durante o jogo não utilizar jóias ou qualquer objeto que possa ferir; retirar os sapatos (quando necessário); estabelecer com os alunos as regras de segurança que conduzem a atividade; fazer um aquecimento específico que recorra à ações elementares da oposição: tirar, levar, cair, rolar etc.

No quadro abaixo segue alguns exemplos de Jogos de Oposição:

	**Mini Sumo.** Alunos posicionados dentro do circulo na posição de canguru, tentando tirar ou desequilibrar o colega. O Objetivo do jogo é permanecer dentro do circulo ou ainda não tocar outra parte do corpo no chão que não seja os pés.
	Luta de Cócoras Alunos de cócoras tentando desequilibrar o companheiro. Ganha o aluno que não tocar outra parte do corpo no chão que não seja os pés.
	Cabo de guerra Humano. O objetivo do jogo é puxar os seus adversários para o seu território.
	**A garrafa é minha** Alunos amarrados pelo tornozelo através de uma faixa de judô. O objetivo do jogo é tocar a garrafa antes do seu colega.
	A bola é minha. O Objetivo deste jogo é reter a posse de bola.
	Pé com pé. Alunos sentados no chão com os pés unidos. O Objetivo do jogo é fazer com que o seu colega toque com as costas ou com as mãos no chão.

A nova proposta metodológica da abordagem do ensino das lutas na escola pretende substituir a terminologia marcial ou esporte de combate por Jogos de Oposição, cujo objetivo é proporcionar a vivência da corporeidade e o autoconhecimento dos educandos, desmistificando assim o ensino de artes marciais na escola.

O marcial está atemporal, pois a guerra a que se referia o deus grego Marte, passou de dimensões técnicas corporais para armas tecnológicas, biológicas e outras. A escola deve ensinar e desenvolver em seus educandos valores, conhecimento aplicáveis para a construção de uma sociedade mais equalitária para os iguais, e proporcionar um equilíbrio motor e experiências que possibilitem o desenvolvimento de habilidades motoras no aprendiz. É importante que o aluno tenha o livre arbítrio, caso escolha como esporte às lutas, estará apto nos aspectos cognitivos e motores, cujos valores são inerentes a prática da atividade de combater.

Dr. Tácito Pessoa de Souza Junior*

Dr. Sérgio Luiz Carlos dos Santos**

Referencias

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física /Secretaria de Educação Fundamental M. /SEF Ed.: Brasília 1998.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (PCN's). Ed.: Brasília, v.7, 2001.

OLIVEIRA, S. R. L.; DOS SANTOS, S. L. C. **Lutas aplicadas a Educação Física Escolar**. P. M. D. C. S. M. D. EDUCAÇÃO Ed.: Departamento de Ensino Fundamental, 2006.

ANEXO H – TEXTO DIDÁTICO DO PROFESSOR 04

1º BIMESTRE/ 2012

TEMA: RODA E RODANTE NA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Roda

Roda: É a chamada estrela. O ginasta passa lateralmente em apoio invertido (de ponta cabeça) e retoma de pé.

Processo pedagógico de iniciação a Roda:

* Inicialmente realizar a Roda no solo.

* Treine o exercício sobre uma linha no solo.

* Realize a roda sobre o banco, um ajudante estará colocado nas costas da aluna e dará apoio a mesma na cintura, conduzindo-a até retornar os pés no banco, retirar gradativamente a ajuda até o aluno executá-la sozinho.

* Realize a roda sobre o banco invertido, um ajudante estará colocado nas costas da aluna e dará apoio a mesma na cintura, conduzindo-a até retornar os pés no banco, retirar gradativamente a ajuda até o aluno executá-la sozinho.

* Realize a roda sobre a trave baixa, um ajudante estará colocado nas costas da aluna e dará apoio a mesma na cintura, conduzindo-a até retornar os pés na trave baixa, retirar gradativamente a ajuda até o aluno executá-la sozinho.

* Realize a roda sobre trave oficial, na altura mínima, um ajudante estará colocado nas costas da aluna e dará apoio a mesma na cintura, conduzindo-a até retornar os pés na trave oficial, na altura mínima, retirar gradativamente a ajuda até o aluno executá-la sozinho.

* Realize a roda sobre trave oficial, um ajudante estará colocado nas costas da aluna e dará apoio ao mesmo na cintura, caso seja necessário, conduzindo-a até retornar os pés na trave oficial, na altura mínima, retirar gradativamente a ajuda até o aluno executá-la sozinho.

* Realizar a Roda sobre a trave.

Rodante

O rodante é um elemento acrobático importantíssimo, pois é o precursor e propulsor de todas as sequências acrobáticas realizadas para trás; assim, o estudo dos componentes físicos implicados em sua execução permite um aprimoramento de sua técnica, o que, por sua vez, auxiliará na realização das acrobacias

subsequentes a ele, diminuindo, dessa forma, as penalidades provenientes da banca de arbitragem.

O desempenho de elementos acrobáticos mais complexos, como duplos mortais e mortais com pirueta, depende, quantitativamente, dos componentes físicos momentum linear, momentum angular e torque externo, gerados durante as fases de aproximação e saída do rodante.

Processo pedagógico de iniciação ao Rodante:

* Inicialmente realizar o Rodante no solo.
* Treine o exercício sobre uma linha no solo.
* Realize o rodante sobre o banco, um ajudante estará colocado nas costas da aluna e dará apoio a mesma na cintura, conduzindo-a até retornar os pés no banco, retirar gradativamente a ajuda até o aluno executá-la sozinho.
* Realize o rodante sobre o banco invertido, um ajudante estará colocado nas costas da aluna e dará apoio a mesma na cintura, conduzindo-a até retornar os pés no banco, retirar gradativamente a ajuda até o aluno executá-la sozinho.
* Realize o rodante sobre a trave baixa, um ajudante estará colocado nas costas da aluna e dará apoio a mesma na cintura, conduzindo-a até retornar os pés na trave baixa, retirar gradativamente a ajuda até o aluno executá-la sozinho.
* Realize o rodante sobre trave oficial, na altura mínima, um ajudante estará colocado nas costas da aluna e dará apoio a mesma na cintura, conduzindo-a até retornar os pés na trave oficial, na altura mínima, retirar gradativamente a ajuda até o aluno executá-la sozinho.
* Realize o rodante sobre trave oficial, um ajudante estará colocado nas costas da aluna e dará apoio ao mesmo na cintura, caso seja necessário, conduzindo-a até retornar os pés na trave oficial, na altura mínima, retirar gradativamente a ajuda até o aluno executá-la sozinho.
* Realizar o Rodante sobre a trave.

Referências

ARAÚJO, C. M. R. **Manual de ajudas em ginástica**. Canoas: ed. Ulbra, 2003.

BROCHADO, F. A.; BROCHADO, M. M. V. **Fundamentos de Ginástica Artística e de Trampolins**. Rio de Janeiro: ed. Guanabara Koogan, 2005.

NISTA, V. L. **Manual de Ginástica Olímpica**. 2. ed. são Paulo: LEME, 1982.

ANEXO I – TEXTO DIDÁTICO USADO PELO PROFESSOR 01 DURANTE AS OBSERVAÇÕES

ESCOLA DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO

APOSTILA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

EREM - 1º ANO

2013

APOSTILA DA III UNIDADE – CONTEÚDO: JOGOS POPULARES

Jogo: conceito e ludicidade N°01

Para Huizinga, 2000, um dos elos linguísticos mais importantes é o jogo: “o jogo é o fato mais antigo que a cultura, pois pressupõe sempre a sociedade humana, ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica e confere um sentido a ação”. Tal afirmação nos permite analisar o jogo em sua concepção mais original que é o domínio lúdico. Nela, está sustentada a necessidade do jogo como fonte de prazer e criação.

Kishimoto salienta que a concepção de jogo não pode ser vista de modo simplista, mas pelo significado da aplicação de uma experiência, instrumentalizada pela cultura da sociedade. Isso significa que quando alguém joga, está ao mesmo tempo desenvolvendo uma atividade lúdica. Neste contexto podemos observar uma relação íntima entre atividade física e prazer.

Ao analisar traços de jogos infantis, Kishimoto cita Chistie e afirma que os jogos contêm um critério positivo, caracterizado pelos signos do prazer e da alegria, e cita como exemplo a criança que quando brinca livremente e se satisfaz, traduz esses sentimentos através de um sorriso. Ainda segundo Chistie (apud, Kishimoto), esse critério faz inúmeros efeitos positivos aos aspectos corporais, morais e sociais da criança: “a criança dotada de valor positivo, de uma natureza boa, que se expressa espontaneamente por meio do jogo”.

Huizinga, no entanto, deixa evidente uma observação sobre ludicidade e jogo:

O fato de apontarmos a presença de um elemento lúdico na cultura não quer dizer que atribuíamos ao jogo um lugar de primeiro plano, entre as diversas atividades da vida civilizada, nem que pretendamos afirmar que a civilização teve origem no jogo através de qualquer processo evolutivo.

A partir desta afirmação, se faz necessária a compreensão de que a ludicidade, presente em vários aspectos e instrumentos da vida e da própria educação, não se constitui na “tábua de salvação”. A ludicidade está para o sujeito e ele necessita valorizá-la. Neste contexto, percebemos nos jogos populares, uma riqueza infinita de elementos lúdicos, diluídos em repertório, linguagem e identidade comunitária.

Kishimoto (1999) trata de diferenciar, jogo, brinquedo e brincadeira. Para a autora, brinquedo enquanto objeto é sempre suporte da brincadeira, esta por sua vez, pode ser definida como “ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo e mergulhar na ação lúdica”. Lorezoni (2002) estabelece uma diferença entre jogo e brincadeira. Diz o autor que: “o jogo é uma brincadeira com regras e a brincadeira, um jogo sem regras”. “O jogo se origina do brincar ao mesmo tempo em que é o brincar”. Entendemos, portanto, que a diferenciação se situa numa definição conceitual, perspectivada pela infância em seu sentido psicológico, logo, tradutor de um estágio vital peculiar do ser humano, caracterizado, sobretudo, pela natureza lúdica.

AULA DATA SHOW NA SALA DE AULA

JOGOS E LUDICIDADE – Nº 02

Jogos e Ludicidade

PROF.º

INTRODUÇÃO

- As pessoas aprendem de maneiras diferentes.
- As pessoas valorizam coisas diferentes.
- O jogo não é um fim em si, mas um meio.

História

→ CIVILIZAÇÕES ANTIGAS – GRÉCIA E EGITO

FAMÍLIA QUE EDUCAVA AS CRIANÇAS

PLATÃO

HISTÓRIA

- Pedagogia Medieval (Séc. VIII)

Ludus est necessarius ad conversationem humanae vitae-O (brincar é necessário para a vida humana) - São Tomás de Aquino.

Uso de enigmas e brincadeiras

HISTÓRIA

• IDADE MÉDIA:

USO DO LÚDICO NO ENSINO DO PORTUGUÊS

ASCENSÃO DO CRISTIANISMO

SÉC XVI – PENSAMENTO PEDAGÓGICO

Conceito de Jogo

UMA ATIVIDADE OU OCUPAÇÃO VOLUNTÁRIA, EXERCIDA NUM CERTO NÍVEL DE TEMPO E ESPAÇO, SEGUNDO REGRAS LIVREMENTE CONSENTIDAS E ABSOLUTAMENTE OBRIGATÓRIAS, DOTADO DE UM FIM EM SI MESMO, ATIVIDADE ACOMPANHADA DE UM SENTIMENTO DE TENSÃO E ALEGRIA E DE UMA CONSCIÊNCIA DE SER QUE É DIFERENTE DAQUELA DA VIDA COTIDIANA

Características dos Jogos

- CAPACIDADE DE ABSORVER O PARTICIPANTE DE MANEIRA INTENSA E TOTAL
- ENVOLVIMENTO EMOCIONAL
- ESPONTANEIDADE E CRIATIVIDADE
- LIMITAÇÃO DE TEMPO E ESPAÇO
- POSSIBILIDADE DE REPETIÇÃO
- EXISTÊNCIA DE REGRAS

Pilares da Ludicidade

- A IMITAÇÃO
- O ESPAÇO
- A FANTASIA
- AS REGRAS
- OS VALORES

OBJETIVOS DO USO DE JOGOS

- Conhecer o grupo
- Estimular o desenvolvimento de determinada área
- Promover aprendizagens específicas (cognitivo)

Benefícios dos Jogos

- AS ATIVIDADES LÚDICAS POSSIBILITAM FOMENTAR A "RESILIÊNCIA", POIS PERMITEM A FORMAÇÃO DO AUTOCONCEITO POSITIVO;
- AS ATIVIDADES LÚDICAS POSSIBILITAM O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA PESSOA, JÁ QUE ATRAVÉS DESTAS ATIVIDADES A PESSOA SE DESENVOLVE AFETIVAMENTE, CONVIVE SOCIALMENTE E OPERA MENTALMENTE.

BENEFÍCIOS DOS JOGOS

- O brinquedo e o jogo são produtos de cultura e seus usos permitem a inserção da pessoa na sociedade;
- Brincar é uma necessidade básica assim como é a nutrição, a saúde, a habitação e a educação;

BENEFÍCIOS DOS JOGOS

- A criança forma conceitos, relaciona idéias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal
- Reforça habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade e constrói seu próprio conhecimento.

CLASSIFICAÇÃO DE JOGOS - PIAGET

Jogos de Exercício Sensório-Motor

- atividade natural
- exercícios motores simples: agitar braços, pular, correr, emitir sons
- repetição de gestos

CLASSIFICAÇÃO DE JOGOS - PIAGET

Jogos Simbólicos

- Reprodução das relações predominantes em seu meio ambiente
- Revelação de conflitos e angústias
- Alívio de tensões e conflitos

CLASSIFICAÇÃO DE JOGOS - PIAGET

Jogos de Regras

- Existência de regras definidas pelo grupo
- Penalidade para o descumprimento
- Alta competitividade

CLASSIFICAÇÃO DE JOGOS - FREIRE

Jogos Sociais

- Foco na desenvolvimento da socialização
- Despertar o interesse da criança em aprender e criar algo diferente

CLASSIFICAÇÃO DE JOGOS - VYGOTSKY

Primeira Fase

- Começa a se distanciar de seu primeiro meio social, representado pela mãe
- Adulto assume papel de condução do processo

CLASSIFICAÇÃO DE JOGOS - VYGOTSKY

- Segunda Fase
  Caracterizada pela imitação
- Terceira Fase
  Marcada pelas convenções que surgem de regras

SÍNTESE DOS JOGOS POPULARES – Nº 03

- São aqueles conhecidos também como jogos de rua ou jogos tradicionais, que não exigem recursos materiais mais sofisticados, pois sua gênese está na cultura popular.
- Não se sabe a origem dos jogos populares, seus criadores são anônimos. O que sabe-se é que são praticas abandonadas por adultos.
- Praticado com maior frequência pelas crianças das classes populares e média também.
- É uma importante forma de manifestação lúdica que ocorre em quintais, ruas, pátios, terrenos, etc.
- A passagem de conhecimento acontece de geração para geração.
- São formas de estabelecer um elo entre culturas diversas e de viver no corpo a memória de várias gerações.
- Possuem denominações variadas em função da área geográfica onde são praticadas.
- As causas pela diminuição da sua prática são: redução dos espaços para a vivência do jogo, troca de casas por apartamentos, violência urbana, aumento do número de brinquedos industrializados, tecnologia, etc.
- São características dos jogos: capacidade de absorver o participante de maneira intensa e total, envolvimento emocional, espontaneidade e criatividade, limitação de tempo e espaço, repetição e regras.
- Os objetivos são: conhecer o grupo, estimular o desenvolvimento de determinada área e promover aprendizagens específicas (cognitivo).
- Os benefícios são: formação de autoconceito positivo, desenvolvimento integral da pessoa, formação de conceitos, relacionamento de idéias, estabelece relações lógicas e desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais e reduz a agressividade.

EXERCÍCIO N°04

- Escolha um jogo ou uma brincadeira popular.
- Pesquise junto aos seus familiares de diferentes gerações do repertório de conhecimentos acerca da atividade escolhida, no sentido de constatar a dinâmica da produção cultural e sua variabilidade.
- Depois responda as seguintes perguntas:

1. Quais são os tipos e formas de organização do espaço físico?
2. Quais são as variabilidades de nomes?
3. Quais as possibilidades de improvisação dos recursos materiais?
4. Quais as táticas utilizadas nesta atividade?
5. Existe motivação, participação entre os executantes?
6. É possível modificar as formas de jogar ou brincar?
7. É possível relacionar a atividade escolhida com outros jogos ou brincadeiras, dê exemplos.
8. Explique o possível esquecimento dos jogos e/ou brincadeiras nos tempos atuais, justifique.

Classificação dos Jogos Populares Brasileiros N°05

Jogos segundo Veríssimo de Melo (1947):

- Estudou na cidade de Natal com a colaboração de cidades estrangeiras ligadas ao folclore.
- Publicou o livro Jogos Populares no Brasil (1956) reeditado em 1981.

Classificação:

- **Fórmula de escolha e seleção** – Preliminares de todos os jogos é usado para selecionar dirigentes e participantes. Exemplo: zero e ou um; zero e ou um americano; par ou ímpar; cara ou caroá, etc.

- **Jogos gráficos** – Jogos que se distingue pela presença de um desenho ou gráfico sobre o qual a atividade se realiza. Exemplo: jogo da velha, amarelinha, forca, etc.

- **Jogos de Competição** – Caracterizam-se pela competição visando demonstrar força, destreza, agilidade, velocidade, etc. Exemplo: cabo de guerra, cuscuz, garrafão.

- **Jogos de Sorte ou de Salão** – Embora exista o elemento competição a mesma não está associada as qualidades físicas ou habilidades mas a outros elementos tais como sorte, inteligência, humor, etc. Exemplo: Berlinda, jogo da mímica, etc.

- **Jogos com música ou cantigas de roda** – Normalmente realizados em círculo e de mãos dadas seguem determinadas cantigas seguidas de gestos específicos para determinados momentos da canção. Exemplo: Atirei o pau no gato, Ciranda Cirandinha, etc.

Jogos segundo Nicanor Miranda:

Escritor, destacou que os jogos utilizam-se de um esquema de três etapas.

Classificação:

- **Preparação** – Organização dos participantes e material necessário;

- **Evolução** – Descreve todas as regras e finalidade do jogo;

- **Final -** Descreve como o jogo se encerra em termos de resultado.

EXEMPLOS - JOGOS POPULARES N°06

- Pula carniça ou Estrelinha nove sela;
- Amarelinha;
- Pega-pega;
- Esconde-esconde;
- Dono da rua;
- Sete pecados;
- Congelou;
- Pega corrente;
- Cuscuz;
- Garrafão;
- Mímica;
- Jogos com músicas (Ciranda, o circo pegou fogo, atirei o pau no gato, etc.)
- Barra-bandeira;
- Queimado;
- Corrida de saco;
- Esconde-esconde;
- Passe o anel;
- Tô no poço;
- Cabo de guerra;
- Bola de gude;
- Elástico;
- Bambolês;
- Pião;
- 2 Cordas;
- 3 Pedras;
- Vaivém;
- Etc.

ANEXO J – CALENDÁRIO ESCOLAR 2013

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO
SECRETARIA EXECUTIVA DE GESTÃO DA REDE
GERÊNCIA DE GESTÃO PEDAGÓGICA DA REDE ESCOLAR

EREM - CALENDÁRIO ESCOLAR/2013

Janeiro

D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Fevereiro

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28		

14 Dias Letivos

Março

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

17 Dias Letivos

Abril

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

22 Dias Letivos

Maio

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

22 Dias Letivos

Junho

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

19 Dias Letivos

Julho

	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20

Agosto

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10

LEGENDA

- Início, Reinício, Término do semestre/Ano Letivo
- Formação Continuada / Planejamento
- Recesso Escolar
- Férias
- Feriados
- Novas Oportunidades de Aprendizagens
- Organização Escolar
- Sábados e Domingos
- Encontro Família / Escola
- Reuniões de Pais e Mestres

UNIDADES DIDÁTICAS/BIMESTRES

1ª Unidade Didática: 04/02/2013 a 19/04/2013 - 46 dias

2ª Unidade Didática: 22/04/2013 a

21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

10 Dias Letivos

11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

22 Dias Letivos

28/06/2013 - 48 dias

3ª Unidade Didática: 18/07/2013 a 30/09/2013 - 53 dias

4ª Unidade Didática: 01/10/2013 a 19/12/2013 - 54 dias

Setembro						
D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

21 Dias Letivos

Outubro						
D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

20 Dias Letivos

Total de Dias Letivos: 201

Novembro						
D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

20 Dias Letivos

Dezembro						
D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

14 Dias Letivos

FERIADOS

Data	Feriado
01/01	Confraternização Universal
11 a 15/02	Carnaval
27 a 29/03	Paixão de Cristo
21/04	Tiradentes
01/05	Dia do Trabalho
24/06	São João
07/09	Independência do Brasil
12/10	N. Sr.ª Aparecida - Padroeira do Brasil
15/10	Dia do Professor
28/11	Dia do Funcionário Público
02/11	Finados
15/11	Proclamação da República
25/12	Natal

Quadro de distribuição: dia x semana x mês

Mês / DIA	F	M	A	M	J	JL	A	S	O	N	D	Total
2ªf	3	4	5	4	3	2	4	5	2	4	3	39
3ªf	3	3	5	4	4	2	4	4	4	4	3	40
4ªf	3	3	4	4	4	2	4	4	5	4	3	40
5ªf	3	3	4	5	4	2	5	4	5	4	3	42
6ªf	2	4	4	5	4	2	5	3	4	4	2	39
sáb.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Total												201

30/05/13- Culminância do Projeto Corpus Christi com confecção de tapetes nas ruas da cidade e atividades de reflexão no turno da tarde.

07/09/13 - Culminância no desfile cívico do Projeto vivenciado, a partir de tema escolhido pela SEDUC.

ANEXO L – AVALIAÇÃO ESCRITA

ESCOLA DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA - PROFESSOR 01
ALUNO (A):_____ Nº_____
TURMA:_____

AVALIAÇÃO DA III UNIDADE – 1º ANO

1º - Assinale V para verdadeiro e F para falso quanto aos benefícios dos jogos populares:
( ) Desenvolve a expressão oral e corporal
( ) Forma autoconceito positivo
( ) Constrói seu próprio conhecimento
( ) Reforça habilidades sociais

2º - Com relação aos objetivos dos jogos populares, assinale a alternativa incorreta:
a) Conhecer o grupo, Promover aprendizagens específicas (cognitivo).
b) Desenvolver habilidades, desestimular determinada área.
c) Desenvolver habilidades, Conhecer o grupo
d) Promover aprendizagens específicas (cognitivo), Conhecer o grupo.
e) Estimular determinada área, desenvolver habilidades.

3º - Relacione quanto aos jogos populares, os autores as suas devidas classificações.
1. FREIRE ( ) Jogos Sociais
2. NICANOR MIRANDA ( ) 1ª, 2ª e 3ª fase
3. VYGOTSKY ( ) Jogos de Competição
4. VERÍSSIMO DE MELO ( ) Preparação, evolução e final
A sequência correta é:
a) 1,3,2, 4 b) 4,3,1,2 c) 1,3,4,2 d) 4,3,2,1 e) 3,4,2,1

4º - Supondo que o professor, apresente a preocupação em buscar atividades que envolvam movimentos que ele considera básicos como: andar, correr, saltar, girar, lançar, pegar, etc. Uma atividade capaz de envolver todos esses movimentos é:
a) queimado b) amarelinha c) pular corda d) pique esconde e) pega ajuda

5º - Assinale V para verdadeiro e F para falso quanto aos exemplos da classificação dos Jogos:
( ) Jogos com Música ou Cantigas de Roda: Cuscuz, Queimado, forca .
( ) Jogos de Sorte ou de Salão: Par ou ímpar, Senhora Dona Canja e Cabo de Guerra.
( ) Jogos de Competição: Cuscuz, Gata pintada e Cabo de Guerra.
( ) Jogos gráficos: Cara ou coroa, passa anel e a barca virou

6º - Relacione quanto aos jogos populares, segundo PIAGET as suas devidas classificações.
1. SENSÓRIO-MOTOR ( ) Alta competitividade
2. SIMBÓLICOS ( ) Alívio de tensões
3. REGRAS ( ) Repetição dos Gestos
A sequência correta é:
a) 1, 3 e 2 b) 1, 2 e 3 c) 2, 1 e 3 d) 2, 3 e 1 e) 3, 2 e 1

7º- Considere os itens abaixo, referentes às características dos Jogos Populares e assinale a correta:
a) Envolvimento emocional e sem regras
b) Espontaneidade e pouca repetição
c) Pouca limitação de tempo
d) Existência de regras e falta de espaço
e) Criatividade e participação intensa

8º - Assinale V para verdadeiro e F para falso quanto ao conceito de Jogo Popular:
( ) Atividade ou ocupação voluntária
( ) Exercida de tempo e espaço
( ) Dotada de sentimentos de tensão e alegria
( ) Diferente da vida cotidiano

9º - Segundo o autor Veríssimo de Melo (1947), cite quatro exemplos quanto a classificação: Fórmula de escolha e Seleção.
_____
_____
_____

10º - Cite quatro causas que justificam a diminuição dos Jogos Populares nos tempos atuais:
_____
_____
_____

O CONHECIMENTO SÓ É ADQUIRIDO, QUANDO PRIMEIRO EXISTE O DESPERTAR PELO APRENDER.
BOA SORTE!!!

ANEXO M - SIMULADO1º ANO –UNIDADE III

1 – (UEM-2011) Jogos e brincadeiras fazem parte do cotidiano infantil. Sobre o assunto, analise as questões:
01) O jogo, por ser realizado de forma descompromissada, inviabiliza a compreensão das relações sociais e das regras de convivência pelas crianças.
02) No jogo ou na brincadeira, a criança aprende a agir apenas nas esferas motora, visual e externa, pois ainda não possui a capacidade de ativar a esfera cognitiva.
04) O jogo tradicional infantil é considerado como parte da cultura popular, desenvolvido, em especial, pela oralidade. Sua origem é incerta, sendo atribuída a práticas antes realizadas por adultos, a fragmentos de romances, poesias, mitos e rituais religiosos.
08) As brincadeiras infantis dos meninos indígenas, no Brasil, eram as mesmas realizadas pelos meninos brancos, sobretudo em relação à sua finalidade, uma vez que ambos viam na brincadeira um modo de diversão e passatempo.
16) Nas famílias do regime patriarcal, filhos de negras escravas estavam à disposição dos meninos de engenho, servindo aos seus caprichos. Os meninos de engenho tinham por brincadeira montar em cavalos ou carneiros, mas na falta deles, usavam os moleques negros, que viravam bois de carro e cavalos de montaria.
Assinale a alternativa que corresponde a soma correta da questão:
A) 03 B) 07 C) 14 D) 20 E) 25

2 - Assinale V para verdadeiro e F para falso, quanto as causas de redução dos Jogos Populares:
( ) Aumento dos espaços físicos para a vivência dos jogos
( ) Troca de casas por apartamentos
( ) Diminuição da violência urbana
( ) Muita vivência da criança na rua
( ) Presença marcante do jogo eletrônico na vida da criança
Assinale a alternativa que corresponde a questão correta:
A) V-V-V-F-F B) V-F-V-F-V C) F-V-F-F-V D) F-F-V-V-F E) F-V-V-F-F

3 - Relacione quanto a classificação de Veríssimo de Melo, o tipo de Jogo com o seu devido exemplo:

1. Jogos Gráficos	( ) Cabo de guerra e garrafão
2. Jogos de Competição	( ) Jogo da mímica e berlinda
3. Jogos de Sorte ou de Salão	( ) zero ou um e cara ou coroa
4. Jogos de Sorte ou Cantigas de Roda	( ) Jogo da velha e forca
5. Fórmula de escolha e seleção	( ) Escravos de Jô e Ciranda

A sequência correta é:
a) 2-3-1-5-4 b) 2-3-5-1-4 c) 2-3-5-4-1 d) 3-2-5-1-4 e) 3-2-1-5-4

4 - De acordo com HUIZINGA (1980): “O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas pressupõe sempre a sociedade humana; mas, os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica. É possível afirmar com segurança que a civilização humana não acrescentou característica essencial alguma à idéia geral de jogo. Os animais brincam tal como os homens (...)
Desde já encontramos aqui um aspecto muito importante: mesmo em suas formas mais simples, ao nível animal, o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou reflexo psicológico (...)”.
Segundo as considerações do autor, o jogo:
a) ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica
b) é um fenômeno fisiológico, um reflexo psicológico
c) deve obedecer a regras para evitar traumas físicos
d) é um fato social que deve ser praticado por todos
e) foi criado a partir da cultura dos animais

5 - Supondo que o professor, apresente a preocupação em buscar atividades que envolvam movimentos que ele considera básicos como: andar, correr, saltar, girar, lançar, pegar, etc. Uma atividade capaz de envolver todos esses movimentos é:
a) queimado b) amarelinha c) pular corda
d) pega ajuda e) pique esconde

ANEXO N – CALENDÁRIO DAS AVALIAÇÕES DA UNIDADE III

Educação Profissional | Programa Educação Integral | Secretaria de Educação | PERNAMBUCO

EREM

CALENDÁRIO DAS AVALIAÇÕES – III UNIDADE

DIA	DISCIPLINAS
11/09	INGLÊS/ARTES
12/09	DHC/GEOGRAFIA
13/09	PROJETO/HISTÓRIA
16/09	ED. FÍSICA/ESPANHOL
17/09	FÍSICA/FILOSOFIA
18/09	BIOLOGIA/SOCIOLOGIA
19/09	QUÍMICA
20/09	LÍNGUA PORTUGUESA
23/09	MATEMÁTICA
26/09	SIMULADO

NO PERÍODO DAS AVALIAÇÕES O FUNCIONAMENTO SERÁ DA SEGUINTE FORMA:

- **TURNO DA MANHÃ** – Virão os 1°s e 2°s anos que serão liberados às 13:00h. Haverá aula normal até às 11:00h e em seguida aplicação das avaliações.

- **TURNO DA TARDE** – Virão os 3°s anos que terão aula normal até às 15:00h. A partir das 15:20 as avaliações serão aplicadas. Os alunos serão liberados a partir das 16:20.

CONSELHOS DE CLASSE – ACONTECERÃO NO TURNO DA TARDE

- 24/09 – 1°s e 2°s anos
- 25/09 – 3°s anos

ESTRUTURA DO SIMULADO:

- As questões serão elaboradas por área de conhecimento (25 de Linguagens, 25 de Matemática e suas tecnologias e 20 de Humanas);
- São questões de múltipla escolha (letras de A a E);
- As questões deverão ser entregues a Clécia impreterivelmente até o dia 18/09

Obs: AS NOTAS E FREQUÊNCIA DEVERÃO SER COLOCADAS NO SIEPE ATÉ O DIA 04/10/13